



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CAMPUS CATALÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM, CULTURA E IDENTIDADE

ROSEMEIRE DE SOUZA PINHEIRO TAVEIRA SILVA

**UM ESTUDO DAS EXPRESSÕES LEXICALIZADAS NA OBRA *PIUM*, DE ELI
BRASILIENSE**

CATALÃO (GO)
2013

ROSEMEIRE DE SOUZA PINHEIRO TAVEIRA SILVA

**UM ESTUDO DAS EXPRESSÕES LEXICALIZADAS NA OBRA *PIUM*, DE ELI
BRASILIANSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem - nível de Mestrado - da Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Linha de Pesquisa: Língua, linguagem e cultura

Orientador: Prof. Dr. Braz José Coelho

CATALÃO (GO)

2013

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)
BSCAC/UFG**

S586e Silva, Rosemeire de Souza Pinheiro Taveira.
Um estudo das expressões lexicalizadas na obra Pium, de Eli Brasiliense [manuscrito] / Rosemeire de Souza Pinheiro Taveira Silva. - 2013.
169 f. : il., figs, tabs.

Orientador: Prof^o. Dr. Braz José Coelho.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás,
Campus Catalão, Departamento de Letras, 2013.

Bibliografia.

Inclui lista de figuras, abreviaturas, mapas, gráficos e tabelas.

Anexos.

1. Língua. 2. Cultura. 3. Expressões lexicalizadas. 4. Glossário. 5. Pium. 6. Eli Brasiliense. I. Título.

CDU: 81'374

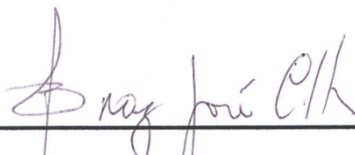
ROSEMEIRE DE SOUZA PINHEIRO TAVEIRA SILVA

**“UM ESTUDO DAS EXPRESSÕES LEXICALIZADAS NA OBRA
PIUM, ELI BRASILIENSE”**

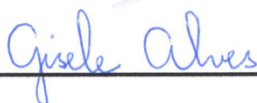
Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudos da Linguagem, área de concentração: Linguagem, Cultura e Identidade.

Aprovado em **02 de dezembro de 2013.**

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Braz José Coelho
Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão



Profª Drª Gisele Alves
Secretaria Municipal de Educação e Cultura – SMEC



Profª Drª Maria Helena de Paula
Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão

Dedico este trabalho aos meus amados que sempre me auxiliaram, ensinaram e amaram. Pedras preciosas, minha mãe, Maria de Fátima, meu pai, Alair, meu esposo, João Gabriel e minha irmã, Rosimar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelos sabores e dissabores, pelas lutas e vitórias, pelos professores e amigos, pela força, coragem e persistência. Obrigada por Seu amor, cuidado, companhia e provisão.

Ao prof. Dr. Braz José Coelho por ter sido um orientador amigo que, com sua sabedoria, mansidão, companheirismo e competência, ajudou-me a concretizar este sonho.

Ao meu companheiro João Gabriel, pelos seus cuidados, carinho e amor.

Aos meus pais que sempre me apoiaram, incentivaram e confiaram no meu trabalho.

A minha irmã, pelo carinho e apoio.

A minha maravilhosa família Souza, Pinheiro e Silva, especificamente aos meus tios, primos, sobrinhos, cunhados e padrasto por terem sempre acreditado em mim.

À família IF Goiano- Câmpus Iporá pela torcida e apoio.

Aos meus amigos do Instituto Federal Goiano Câmpus Iporá: Adriana, Adriane, Aline, Arianny, José Ângelo, Leonardo, Luciana, Marta e Rhennan.

Aos professores que participaram da banca de qualificação deste trabalho: Maria Helena de Paula e Eliane Dias, por suas valiosas sugestões.

Ao professor *estranho, maravilhoso e fantástico*, Alexander Meireles da Silva, o meu profundo e sincero agradecimento.

Aos meus amigos Ana Paula, Bruno e Veridiana, pessoas inesquecíveis que me presentearam com encorajamento, conselhos, dicas, sugestões, apoio, e com o principal, a amizade.

A todos os meus amigos do mestrado, em especial ao Fábio e José Humberto.

Aos professores, que durante esta jornada contribuíram com meu aprendizado, Braz José Coelho, Antônio Fernandes Junior, Maria Helena de Paula, Maria Imaculada Cavalcante, Alexander Meireles da Silva, Tânia Ferreira Rezende e Claudia Zavaglia.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UFG, em especial a Wannisy pela presteza no cumprimento de suas funções.

Aos meus amigos do coração: Rosimeiry Rodrigues Sodré e Sidney Souza Silva, pelas palavras de encorajamento e pelo companheirismo.

A todos os meus amigos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho. Em especial, a Maria Eugênia, Iraci, Márcia, Rosângela e Maurício.

A todos e a todas que torceram e contribuíram para que este trabalho pudesse ser realizado.

“O relacionamento dos homens com o mundo e entre si, dentro deste esforço de superar os problemas diários, é responsável pela instauração da linguagem, faculdade de simbolização e procedimento comunicativo, com a qual os homens dizem o mundo e se dizem uns aos outros, permitindo, desta maneira, um intercâmbio social mais profundo das experiências anteriores e interiorizadas, coletivas ou individuais. O mesmo fenômeno que possibilitou a emergência da consciência na espécie humana tornou possível a instauração da linguagem” (COELHO 2006, p.19).

RESUMO

Este estudo verifica as expressões lexicalizadas da obra *Pium* de Eli Brasiense, servindo-se do *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2009) de Antônio Houaiss e do *Dicionário do Brasil Central – subsídios à Filologia* de Bariani Ortêncio (2009), e as expressões que não aparecem em nenhum desses dicionários são compreendidas de acordo com o contexto. Como referencial teórico, recorre-se a estudos da língua, cultura e identidade utilizando os autores: Lyons (1987), Chauí (2001), Eagleton (2011), Hall (2001) e Albuquerque Júnior (2007). Para um estudo mais específico relativo às questões do léxico são utilizadas as obras de Antunes (2012), Basilio (2002), Gonçalves (1977), Coelho (2005; 2006; 2008), Vilela (1994), Biderman (1984; 2001), Farias (2007), Coroa (2011) e Sandman (1997). A partir do levantamento e estudo do *corpus*, organizou-se um glossário com 223 expressões lexicalizadas, sendo 96 expressões dicionarizadas e 127 não dicionarizadas. Este material lexicográfico teve o objetivo em facilitar a leitura da obra, explicitando e clareando a compreensão dos sentidos das expressões lexicalizadas presentes em *Pium*. Também teve o intuito em contribuir com os estudos lexicológicos e lexicográficos do Brasil e de Goiás, por desvelar e arquivar as expressões lexicalizadas que marcaram e registraram aspectos culturais, identitários, históricos, geográficos e lexicais na obra.

Palavras-chave: Língua. Cultura. Expressões lexicalizadas. Glossário. *Pium*. Eli Brasiense.

RESUMEN

Este estudio verifica las expresiones lexicalizadas de la obra *Pium* de Eli Brasiliense, sirviéndose del *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2009) de Antônio Houaiss y del *Dicionário do Brasil Central – subsídios à Filologia* de Bariani Ortêncio (2009), y las expresiones que no aparecen en ninguno de estos diccionarios son comprendidas de acuerdo con el contexto. Como referencial teórico, se recorrió a estudio de la lengua, cultura y identidad utilizando los autores: Lyons (1987), Chauí (2001), Eagleton (2011), Hall (2001) y Albuquerque Júnior (2007). Para un estudio más específico relativo a las cuestiones del léxico son utilizadas las obras de Antunes (2012), Basilio (2002), Gonçalves (1977), Coelho (2005; 2006; 2008), Vilela (1994), Biderman (1984; 2001), Farias (2007), Coroa (2011) y Sandman (1997). A partir de la encuesta y el estudio del *corpus*, se organizó un glosário con 223 expresiones lexicalizadas, sendo 96 expresiones diccionarizadas y 127 no diccionarizadas. Este material lexicográfico tuvo el objetivo en facilitar la lectura de la obra, explicitando y aclarando la comprensión de las expresiones lexicalizadas presentes en *Pium*. También tuvo la intención en contribuir con los estudios lexicológicos y lexicográficos del Brasil y de Goiás, por desvelar y archivar las expresiones lexicalizadas que maracaran y registraran aspectos culturales, identitários, históricos, geográficos y lexicales en la obra.

Palabras clave: Lengua. Cultura. Expresiones lexicalizadas. Glosário. *Pium*. Eli Brasiliense

LISTAS DE ABREVIATURAS

BP- B em referência a Brasiliense e P a *Pium*

H- Houaiss

N/D – Não dicionarizado em nenhuma das obras consultadas

N/E – Não encontrado

O- Ortêncio

Fig- Figura

TO- Tocantins

GO- Goiás

LISTA DE MAPAS

Mapa nº 1 – Pium - TO ainda pertencia ao território goiano

Mapa nº 2 – Tocantins desmembrado de Goiás

Mapa nº 3 – Mapa atual do Estado do Tocantins

LISTA DE TABELAS

Lista nº 1- Material provisório das expressões lexicalizadas

Lista nº 2 - Exemplo da ficha lexicográfica

Lista nº 3 - Exemplo de entrada

Lista nº 4 - Exemplo de abonação

Lista nº5 - Exemplo de registro em dicionários

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico nº 1- Número de lexias dicionarizadas e não dicionarizadas

Gráfico nº 2- Número de lexias encontradas em cada dicionário

Gráfico nº 3- Distribuição percentual das lexias em cada dicionário

FIGURAS

Fac- símile da p. 07 da obra *Pium* (1985).

SUMÁRIO

0. INTRODUÇÃO

0.1 Escolha do <i>corpus</i> -----	13
0.2 A vida e obra de Eli Brasileira -----	14
0.3 Folheando páginas amareladas pelo tempo: <i>Pium</i> enquanto romance literário -----	15
0.4 Localização geográfica de <i>Pium</i> -----	17
0.5 Estrutura do trabalho -----	19

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 A Língua como produto social -----	20
1.2 Linguagem na obra -----	22
1.3 Cultura como reflexo geográfico e histórico -----	25
1.4 Identidade -----	31
1.5 Variação Linguística -----	37
1.6 Léxico -----	42
1.6.1 Lexicologia -----	45
1.6.2 Lexicografia -----	46
1.7 Expressões Lexicalizadas -----	51

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 Constituição e organização do <i>corpus</i> -----	54
2.1.1 Sistematização do <i>corpus</i> -----	56
2.2 Composição do Glossário -----	63
2.3 Análises dos dados -----	64

3. FICHAS LEXICOGRÁFICAS ----- 70

4. GLOSSÁRIO ----- 135

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS ----- 159

6. REFERÊNCIAS ----- 163

ANEXOS ----- 167

0. INTRODUÇÃO

0.1 Escolha do *corpus*

Atualmente existem diversas formas para conhecer um lugar, a língua e a cultura de um povo, e uma das inúmeras opções para adentrar-se ao contexto sócio-cultural, linguístico, geográfico e histórico de um indivíduo ou de uma comunidade é por meio de obras literárias. Assim como existem diversificadas formas para analisar as características inerentes a um povo, diferentes olhares podem também ser lançados sobre o mesmo objeto.

Este trabalho se serve do romance *Pium* (1985),¹ do autor goiano Eli Brasiense. Dentre as inúmeras obras que abordam os aspectos linguísticos no que tange ao léxico, esta foi escolhida por dois motivos. O primeiro porque através da leitura das primeiras páginas da obra, percebe-se que nem todas as expressões lexicalizadas² são de fácil compreensão, exigindo a consulta ao dicionário, e que muitas delas não constam. E nota-se também que algumas das palavras e expressões são específicas da região centro-oeste, o que dificulta o entendimento de pessoas de outras regiões. O segundo motivo decorre-se do valor intrínseco da obra, um romance que trata de uma época, um lugar e um modo de viver bastante característico da realidade interiorana do centro-oeste.

Diante de tais reflexões, surgiu o anseio em entender o processo de lexicalização dentro da obra, resultando na elaboração de um glossário. Este objetivo fundamentou a presente dissertação.

Como apoio à pesquisa, consulta-se o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2009) de Antônio Houaiss e o *Dicionário do Brasil Central – subsídios à Filologia* de Bariani Ortêncio (2009). As expressões que não são dicionarizadas têm os seus sentidos descritos a partir do contexto e disponibilizados em um glossário. Para tal, foram selecionados dicionários atuais e não da época em que a obra foi escrita, pois o intuito do glossário é facilitar a leitura nos dias atuais e não verificar se as expressões eram dicionarizadas na época.

¹ A primeira obra *Pium* de Eli Brasiense foi publicada em 1940, este trabalho se serve da 4ª edição, publicada em 1985.

² A palavra lexicalização é usada no mesmo sentido em que Coelho (2005, p.15) empregou, como a organização sintática que passa a compor uma estrutura lexical. Segundo este autor, a lexicalização é um “processo de introduzir, no léxico, unidades que estavam fora dele ou unidades possíveis de pertencer à estrutura”.

Para alcançar o proposto, este trabalho opta por uma metodologia que reúne e organiza o conhecimento produzido pela pesquisa teórica, baseada nos moldes lexicológicos e lexicográficos com intuito de estabelecer uma melhor compreensão da cultura e da identidade lexicultural nas expressões lexicalizadas do livro. As questões mais detalhadas e precisas a respeito da metodologia estão presentes no capítulo II Procedimentos Metodológicos.

0.2 A vida e obra de Eli Brasiliense

Em uma casa localizada na cidade de Porto Nacional, em frente à Catedral de Nossa Senhora das Mercês, no dia 18 de abril de 1915, nasce Eli Brasiliense Ribeiro, filho de Bernadino Ribeiro e Jesuína Silva Braga. A iniciação escolar ocorre na cidade de onde nasceu. Em 1931, familiariza-se com rádio-telegrafia. Em sua juventude, começa a viajar pelo estado de Goiás, algumas vezes com seu tio Felicíssimo do Espírito Santo Braga. No ano de 1932, em Corumbá, Brasiliense quase morre com tifo, e em 1936, teve problema na bexiga.

Referente à sua vida profissional teve grande êxito. Na cidade de Pedro Afonso, foi diretor do Grupo Escolar Pádua Fleury; em Goiânia, em 1937, foi jornalista; já no ano de 1940, na cidade de Pirenópolis, é nomeado Delegado Municipal do Recenseamento; nesta mesma cidade foi secretário da Prefeitura e professor. Em 1947, juntamente com Aristeu Bulhões, Bernardo Élis, Lopes Rodrigues e Léo Lynce foi integrante da Comissão Julgadora de Concurso de Poesia.

Trabalhou como jornalista e professor em vários lugares, como no Colégio Comercial Cinco de Julho, Educandário Goianiense, Colégio Comercial Dom Marcos de Noronha, Colégio Santo Antônio e também contribuiu com a Escola Normal Padre Gonzaga, da cidade de Pirenópolis.

Ao exercer a profissão de jornalista, surge no autor os encantos pela Literatura, e um de seus principais produtos literários, *Pium* (1940), foi prêmio da Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos. A escritora, professora e ensaísta Almeida (1985, p. 26) salienta:

Neste ano, ele voltou a Porto Nacional em visita à sua mãe, a quem considera sua heroína e a cuja memória dedica grande veneração. Na viagem, conta ele, feita num “pau de arara” da VASP, à sua frente, dois passageiros liam o *Pium*. [...] Recebeu críticas elogiosa de Léo Lynce, Bernardo Élis e Godói Garcia, crítica que antecedeu a de

Sérgio Milliet, publicada em O Estado de São Paulo e, posteriormente, incluída em seu Diário Crítico, lançado pela Livraria Martins Editora.

Como a autora salienta, o livro foi um sucesso na época. Recebe proposta para uma tradução francesa, o que, infelizmente, não se realizou. Em 1954, o autor publica sua segunda obra, *Bom Jesus do Pontal*, e em 1956, o romance urbano *Chão Vermelho*, romance que também teve grande importância na carreira do escritor, pois o enredo relatava o surgimento de Goiânia como capital. Em 1964, ganha o prêmio de romance do 1º Concurso Literário da Universidade Federal de Goiás, com o livro *Rio Turuna*. Em 1968, com um novo estilo, lança *O Irmão da Noite*, contos que foram bem aceitos. Já com cunho filosófico, em 1969, lança o *Grão de Mostarda* e em 1970, *A Morte do Homem Eterno*. 1972 foi o ano de *Uma Sombra no Fundo do Rio* e a *Cidade sem sol e sem lua*. E neste ano Brasiliense retorna a Porto Nacional,

Tudo mudado, sobretudo o Tocantins o “rio turuna”, em virtude das enchentes. A gameleira centenária do Porto Real já não estava mais ali. A ilha cercada de roças por todos os lados, clareiras se abrindo e o rio sempre cheio de neçaças volutuosas, carregando o vento. Só lhe restou, sem dúvida, fechar os olhos, ver-se de novo menino, rodopiando na saudade de outros tempos, percorrendo tudo e sentindo-se dono de tudo (ALMEIDA, 1985, p. 29).

Um ano após esta viagem, publica o romance urbano *Perereca* (1973). Em 1982, lança o *Bilhete à minha filha na noite de Natal*. E com o cargo de Fiscal de Renda do Estado, Brasiliense se aposenta.

No dia 05 de dezembro de 1998, na capital do estado de Goiás, falece Eli Brasiliense Ribeiro, goiano, professor, redator, cidadão, escritor, pessoa que por diversas vezes luta pela sobrevivência e durante seus oitenta e três anos, viveu sabiamente envolvido com o conhecimento e com a educação, buscando executar o melhor trabalho por onde passava. Assim, Brasiliense deixa várias contribuições sociais, culturais e literárias, e este trabalho se serve de *Pium*, obra marcada por um regionalismo sadio.

0.3 Folheando páginas amareladas pelo tempo: *Pium* enquanto romance literário

Obra de uma leitura fácil e agradável, com características linguísticas, culturais e identitárias relacionadas aos momentos sócio-históricos em que foi escrita, *Pium* foi considerado por Godoy (1997), como o primeiro romance vivo e relevante de Goiás. O

autor salienta que “sua estória é de uma pronta ação e tudo começa e termina num processo de movimento que é da melhor natureza das obras vivas” (GODOY, 1997, p.69). Estes elogios são tecidos pelo crítico por acreditar que a narrativa reflete de forma artística, verdadeira e agradável, situações e acontecimentos das pessoas envolvidas na garimpagem. O romance apresenta uma comunidade presa aos conflitos do cotidiano humano, na época da segunda guerra mundial.

É uma obra flexível que é tecida seguindo o movimento de um pêndulo, para frente e para trás, vai e volta, não sendo uma narrativa linear. Aponta-se ainda como características inerente ao livro, o tempo ser fragmentado, os capítulos compostos por *flashback*, ora sendo apresentadas cenas que descrevem o espaço, seja de Pium ou do caminho em que o caminhão percorre de Porto Nacional a Anápolis, ora aparecem diversas narrativas como as relacionadas à vida da personagem Ritinha e sua família, à trajetória de Domingos e a outras narrações que ocorreram paralelamente.

Godoy (1997) alega que o romance *Pium* foi idealizado a partir das observações dos acontecimentos na região norte do estado de Goiás. Naquela época, meado de 1940, Goiás estava em um momento de contradições, conflitos e inconformismo. Para Brasiliense era pertinente e necessário relatar e retratar mazelas daquela terra sofrida que a princípio foi abandonada e com a chegada da garimpagem em um contexto de guerra a transformou em um lugar que carregava o julgo da pressão e dos problemas. E diante deste cenário, o autor decide dar concretude, com traços ficcionais, as estórias que eram imaginadas e vividas pelos habitantes daquele lugar.

Uma obra ousada, por ser a primeira do autor, e por trabalhar uma narrativa dinâmica, em que a descrição é apenas um acessório, ao contrário de suas obras posteriores que apresentam cunho descritivo. A técnica optada pelo autor para elaboração do romance foi a de abrir as possibilidades de mostrar os hábitos, crenças e ações em um dado contexto sócio-histórico vigente.

Na época em que a obra foi publicada, ela não teve somente elogios e reconhecimento, houve também um problema de rejeição, devido ao fato do autor ter trazido um conflito psicológico para o interior de sua narrativa. Diferente do cenário do garimpo, Brasiliense traz cenas em que Domingos, personagem que aparece do início ao fim, além de ter destaque na apresentação da mesma, tem atitudes obsessivas. Cita-se como exemplo, a cena que ocorre no quarto com Belinha e esta lhe mostrou um feto dentro de um vidro alegando que ali, o seu filho estava mais protegido do que no mundo, aquilo lhe causou obsessão de que o feto se transformaria em gorila e sairia do

vidro furiosamente e iria perturbar todas as casas. Situação representativa, que para época e para o contexto foi um pouco indigesta, mas mesmo assim, foi uma obra de destaque, conseguiu apagar as críticas e prevalecer até hoje.

Uma das principais, se não a principal, personagem da obra, Domingos, após viver tantas dificuldades e dissabores, cansado de viver, cheio de conflitos, viaja rumo a Anápolis para se alistar nas forças expedicionárias partindo para guerra. Zé do Carmo, um protótipo da época, pessoa simples, trabalhadora, que vive presa ao garimpo, não se degradou com as transformações pelas quais Pium passou. Sua filha Ritinha, garota que viveu vários conflitos, tem suas ações e valores alterados, seu comportamento e suas atitudes foram influenciados diretamente pelo meio em que a mesma vivia.

Pium é considerado uma das melhores obras de realismo crítico, produzida em Goiás. Nesta obra, Brasiliense recria o mundo de Pium, não como um documento que somente relata os dissabores do garimpo, mas como uma obra formada por diferentes fios narrativos que unidos tecem histórias diversificadas de lutas, influenciadas pelas crises, conflitos sociais e psicológicos, formando um consistente e concreto tecido literário e linguístico.

0.4 Localização geográfica de Pium

Goiás, terra habitada há mais de 220 anos após o descobrimento do Brasil, surge como capitania somente em 1749. Foi uma região desbravada por bandeirantes e caçadores de índios e garimpeiros em busca de ouro e outros minérios. Antes pertencia à capitania de São Paulo. Goiás foi um lugar visitado por bandeirantes, escravizadores de índios, mineradores de pedras preciosas. Segundo a obra *Pium* “As jazidas de cristal de Pium, Fundão e Cristalina atraíam toda cambada de sanguessugas da economia popular, de mistura com os malaventurados cavadores de terra e fabricantes de cidades.” (BP-13). As principais comunidades e povoados se formaram durante o período de mineração, e quando diminuía a extração dos minerais, muitos dos lugares eram abandonados ou entravam em decadência dedicando-se as atividades agropecuárias.

A construção da estrada de ferro no início do século passado propiciou uma ascensão econômica à região sul do estado, permitindo um aumento na população com a chegada de imigrantes.

Polonial (2006) frisa a ideia de que o governo federal buscava ocupar o interior, e a estrada de ferro teve papel importante nesse projeto. Em 1935 a linha final da

ferrovia chegou a Anápolis. O mesmo autor diz “Essa condição de ponto final fez da cidade o maior centro comercial de Goiás nas décadas de 30 e 40” (POLONIAL, 2006, p.80). A importância desta cidade na época é bem clara na obra analisada, pois sempre que o caminhão de Silveira estragava e precisava de peças, era em Anápolis que comprava. Era lá que internavam as pessoas quando precisavam de cuidados médicos, e era também lá que os homens se alistavam, depositavam dinheiro e onde os habitantes de Pium e de outras regiões encontravam de tudo de que necessitavam.

A expansão para o interior de Goiás, a ampliação e construção das rodovias, a construção de colônias agrícolas aceleraram o desenvolvimento do estado, e o reflexo veio notoriamente em 1940, com um grande crescimento da população urbana. Outro fato que contribuiu para o progresso foi à construção de Goiânia como capital planejada, pois se depositava a esperança de que a mesma fosse um símbolo do progresso em Goiás.

Este avanço econômico foi fundamental para solidificar o Estado na economia brasileira. Mas ocorreu de forma desigual, ficando o norte do Estado em desvantagem, isolado do progresso que acontecia na região sul.

Numa região, mais a oeste no município de Porto Nacional, havia um pequeno vilarejo inicialmente denominado Piaus, depois, devido a grande quantidade de um tipo particular de pequenos mosquitos, passou a ser chamado Pium, nome pelo qual eram conhecidos aqueles insetos, além de ser erguido às margens do ribeirão do mesmo nome. O local fora construído por garimpeiros de cristal, minério que não possuía bom preço frente aos outros mais nobres. De uma hora para outra, um lugar esquecido, torna-se um lugar povoado, fonte do sustento e das riquezas de muitos.

Com a segunda guerra, no entanto, o preço do cristal subiu a cifras astronômicas, pois esse minério era matéria-prima para artefatos bélicos. “Para essa gente a guerra, ao invés de ser um castigo, era apenas oportunidade para lucros fabulosos” (BP-13). Lucro que nem sempre foi vantagem para todos, pois Zé do Carmo e muitos dos seus amigos ganhavam o “necessário” para viver.

E o pequeno vilarejo se viu, de um dia para o outro, invadido por uma multidão de pessoas que para lá corriam em busca de fortuna rápida. “Quando o mundo sentiu apavorado o peso da bota nazista, e experimentou no lombo o cotucar da espora da opressão, ouviu-se um grito quase angustiada, um grito, porém, salpicado de confiança: “Cristal! Dêem-nos cristal, por qualquer preço!” (BP-17). O romance de Eli Brasiliense

passa-se nessa vila, na época da Segunda Guerra, e conta as angústias vividas em torno do garimpo de cristal.

No mapa nº1 (em anexo) Goiás e Tocantins ainda pertenciam o mesmo estado, geograficamente, localizavam-se na região centro-oeste. Em 1988 Tocantins desmembrou de Goiás, passando a fazer parte da região norte do Brasil, assim como mostra no mapa nº2 (em anexo). O mapa nº3 (em anexo) apresenta Pium atual pertencendo ao estado de Tocantins. Assim, o estado do Tocantins possui suas origens goianas, pois além de ter compartilhado do mesmo espaço geográfico que Goiás, também partilhou de tradições, costumes e culturas.

0.5 Estrutura do trabalho

Este trabalho está estruturado em quatro capítulos, mais introdução, considerações finais e anexos.

No capítulo I, intitulado **Fundamentação Teórica** tece uma breve contextualização de assuntos linguísticos que tangenciam a língua como produto social, variações, identidade, léxico, lexicologia, lexicografia e expressões lexicalizadas. Este tópico discorre sobre aspectos lexicais e culturais que sustentam os próximos capítulos.

O capítulo II discorre sobre os **Procedimentos Metodológicos**, ele apresenta: a seleção e sistematização do *corpus*, escolha dos dicionários, composição das fichas lexicográfica e do glossário e a análise dos dados.

O capítulo III, **Fichas Lexicográficas** organiza as expressões, abonações e sentidos apresentados pelos dicionários.

O capítulo IV, intitulado **Glossário**, encarrega da sistematização das expressões lexicalizadas extraídas das 223 fichas lexicográficas. O glossário é composto por: a) expressão lexicalizada; b) a definição dos dicionários Houaiss e Ortêncio, e quando não dicionarizada, aparece o sentido descrito a partir da contextualização. c) após as definições aparece a abonação retirada da obra, constando página e linha.

As **Considerações Finais** retoma alguns aspectos abordados e discutidos nos capítulos anteriores.

Nos estudos lexicográficos não se tem conhecimento da existência de trabalho que aborde o léxico em *Pium*, logo, esta pesquisa pode contribuir significativamente com os estudos lexicais, além de resgatar aspectos culturais, históricos, geográficos e identitários, podendo proporcionar subsídio para outros trabalhos.

I. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 A Língua como produto social

A língua é um polissistema que se encontra constantemente em modificação. Oferece aos membros da comunidade a oportunidade de interagir, comunicar, compartilhar e relacionar. Ao participar socialmente como falantes ativos, vive-se em constante aprendizado. Língua e sociedade são inseparáveis, uma está servindo e sendo servida pela outra. A língua materializa a realidade. A partir do momento em que o ser humano entra em contato com o mundo, começa o processo de aprendizado, trocas, partilhas, exteriorização de pensamentos e sentimentos. É por meio desta dinâmica que o indivíduo aprende a memorizar e decodificar *signos*. A bagagem cultural e linguística são formadas e enriquecidas por meio do contato social. Isto é, o ato comunicativo é o introdutor do falante na sociedade.

A esse respeito Martinez (2002, p.174, tradução nossa), assevera que

Os seres humanos se comunicam uns com os outros por meio de sinais ou símbolos. Ao contrário dos sinais, os signos não são geneticamente programados, mas sócio-culturalmente codificados. Portanto, cada indivíduo tem de aprender a usá-los, tem que saber o seu significado.³

Independente do recurso usado para se comunicar, o ser humano apropria-se de signos e sinais em seu cotidiano para obter a socialização. O indivíduo falante vive em constante troca de palavras, sinais, mensagens, e elas ganham sentido na interação, no contexto sociocultural. Uma palavra ou uma expressão dita em uma comunidade talvez não seja interpretada e aceita da mesma forma em outra comunidade ou grupo social.

A palavra funciona como trilha a qual as gerações não só passam e observam, mas também deixam os costumes, tradições, as suas marcas. As mudanças sociais, culturais, geográficas e históricas são repercutidas nas palavras. A palavra é o caminho para quem quer conhecer o mundo, sendo a via de mão dupla, se por um lado funciona como o caminho para conhecer o mundo, por outro, o mundo torna-se conhecido por ela. Nesta ótica, a língua além de representar os valores sociais, ela também os reforça.

³ “Los seres humanos se comunican entre sí mediante signos o símbolos. La diferencia de las señales, los signos no están genéticamente programados, sino socioculturalmente codificados. Por tanto, cada individuo há de aprender a usarlos, tiene que aprender su significado” (MARTÍNEZ, 2002, p.174).

E estes valores influenciam na realização das palavras, é por meio dos diferentes empregos no discurso que as palavras se definem.

A língua é uma manifestação cultural e social, dependendo do lugar, do grupo ou da comunidade, ela é expressa de forma diferenciada. Língua e sociedade são indissociáveis, tudo que acontece em um contexto social, assim como festas, mitos, crenças, praticamente tudo que ocorre em um grupo ou em uma comunidade linguística é expresso por meio da língua. Além de expressar a realidade, ela também configura, cria, recria, ressignifica e interpreta. As escolhas linguísticas vão ocorrer de acordo com a cultura e aceitação social. Cultura, sociedade e língua estão sempre conectadas.

O indivíduo materializa as heranças e as marcas culturais e sociais por meio das escolhas lexicais e morfossintáticas. Escolhas que são realizadas de acordo com o meio, pois as palavras ganham sentido na interação sócio-cultural, cada situação exige um comportamento linguístico específico.

Considera Coelho (2006a, p. 79) que

A língua é exterior e anterior ao indivíduo, existe na memória coletiva, na memória dos que a aprenderam e a falam, é um fato e fenômeno social, encontrando-se à disposição das pessoas pertencentes à mesma comunidade linguística (destaque do autor).

A língua é uma ponte que liga o homem e o mundo, ela permite ao homem a se expressar de forma individual ou coletiva. Dando continuidade às reflexões sobre os estudos da língua e da linguagem o mesmo autor atesta que “A linguagem, além de se apresentar como a possibilidade de interação entre os homens, possibilita, e é em si mesma, uma interação entre os homens e o mundo” (COELHO, 2006 a, p.20-21). Além de ser o meio pelo qual o ser humano manifesta seus pensamentos, desejos, angústias e identidades, funciona também como um conector que une o homem aos outros seres vivos, permitindo-o viver em sociedade desfrutando das memórias, histórias e culturas do seu grupo.

Nesta mesma linha de pensamento Coelho (2006a, p. 21) afirma “O homem é linguagem e a linguagem só é no homem”. Diante disso percebe-se que a linguagem mais que um mecanismo de comunicação é a possibilidade de interação entre o homem e o seu mundo interno e externo. E esta relação homem e mundo, homem e linguagem, neste trabalho, será exemplificado com a concretude da obra de Eli Brasiense, *Pium*.

1.2 Linguagem na obra

Segundo Almeida (1985, p. 45), Eli Brasiense “[...] revela argúcia e sensibilidade, tecendo fantasias, contando verdades, descrevendo tragédias, num testemunho de incontestável grandeza”. O autor tece o romance por meio de uma linguagem clara, popular, simples, porém muito rica. Busca descrever os espaços, tradições, personagens e culturas por meio de uma linguagem cheia de riquezas lexicais.

O romance analisado se serve de palavras, frases e expressões para trazer à memória fatos, tradições, culturas, estórias e histórias desconhecidas ou adormecidas. Brasiense em um jogo de palavras, estruturas e sentidos intencionais tece um texto com linguagem formal e informal. Ao descrever o lugar, relatar os acontecimentos e narrar a história, o narrador se apropria de uma estrutura linguística mais formal. Para ilustrar esse entendimento exemplifica-se com um trecho do livro:

Os raios do sol despencavam livremente sobre ela [terra], torrando-a. Ali as árvores eram poucas e não lhe davam sombra suficiente. No rigor do verão, muita rês que se aventurava por aqueles cerrados, escarafunchando pastagem, ficava por ali mesmo espichada, para saciar a fome dos urubus (BP-15).

Percebe-se nesta passagem que quando o discurso é proferido pelo narrador, mesmo trazendo um vocabulário peculiar e regional, as frases são organizadas de forma diferenciada, ou seja, não apresenta a mesma estrutura que é selecionada para as falas das personagens, Brasiense seleciona para suas personagens uma estrutura mais popular.

Será ilustrado com uma abonação da obra analisada, em que o narrador passa a palavra para a personagem Silvestre.

-Estrada filha-da-mãe! – praguejou o chofer. Ôta lazeira! Mais como eu ia dizendo, esta guerra é o diabo! Magina o senhor quanta gente morrendo e outros ficando imprestável pro resto da vida. Não sei, mas acho qui neste mundo não precisava ter soldado? Pra quê soldado? Só pra fazer guerra? Devia ter só um tiquinho de general e outros graduado prá ensiná todo mundo a brigar (BP-08).

Ao observar a fala de Silvestre, pode-se perceber vários aspectos que compõem as normas do grupo, a diferença na estrutura, a marca da oralidade e a presença de expressão lexicalizada. A fala das personagens não serve apenas para ilustrar os

problemas sociais, históricos e culturais, mas para registrar a variedade linguística da comunidade.

Na obra *Pium*, nota-se uma preocupação em transmitir os fatos históricos, sociais e geográficos, de uma forma mais aproximada da realidade brasileira, porém Brasiliense pretendia levar as pessoas não apenas a ler, mas a viver a história.

Segundo Almeida (1985) o autor se apropria dos moldes propostos pelos modernistas, ao usar formas que hoje também pertencem a nossa estrutura popular. Para ilustrar o texto, este trabalho se servirá de alguns tópicos, sendo os três primeiros citados por Almeida.

1) - Períodos iniciados por pronome oblíquo:

“Te espero lá, filho!” (BP-32)

“Me dá uma beiradinha aí, Silvestre?” (BP-39)

2) - A preposição em com verbos de movimento:

“- Que diacho é qui essa minina viu qui só chega em casa correndo?” (BP-36)

3) - Os pronomes ele, ela, eles, elas como objeto direto:

“Também se os chofer num se aproveitá, os comerciante e os jogador limpa êles” (BP-08).

“Nem ráio mata ela!” (BP-91)

4) Pronome tu com verbos conjugados na 3ª pessoa.

“- Tu já teve também a bicha?” (BP-31)

“Tu anda ligeiro, tem caminhão...” (BP-32)

5) Emprego de mais com valor de conjunção:

“O cumpadre era home qui não comia drumido, mais não teve tempo nem de puxá a lambedeira pra socá na pança daquele disgrinxa” (BP-28).

“Também vou senti falta de você, Belmiro. Mais a gente tá cansado de remá canôa, sem resultado” (BP-57).

6) Falta de concordância verbal

“Nem dez home é capaz de abarcá ela” (BP-31).

7) A gente no lugar de eu e nós

“Casa dos outros, porque a gente paga um aluguel abisurdo e termina é não tendo onde morrê sossegado” (BP-08).

“A gente tava com sêde, mãe” (BP-25).

8) Redundância e troca de pronomes.

“[...] corri logo para te falar pra você” (BP-76).

“Eu te falo pra você, tenho pena de vê moça bonita assim maltratada [...]” (BP-22).

A obra utilizou uma estrutura sintática popular para organizar a fala de seus personagens. Segundo Leite (2003, p. 22) as marcas da linguagem popular são

[...] a ausência da marca de plural no determinante do sintagma nominal que tem o determinado no plural; a utilização de gírias e vocábulos de expressões de intensidade; mistura de tratamento tu/você; uso de pronome sujeito na posição de objeto; formas irregulares do subjuntivo confundidas com o infinitivo [...] regências de verbo de movimento com preposição *em* (Destaque da autora).

É por meio destas marcas da oralidade que a identidade social do grupo é revelada. Assim, como os cristais eram encontrados, lapidados e valorizados, as palavras e frases também foram construídas e manuseadas pelo autor. Brasiliense além de moldar e renovar as palavras e expressões seleciona termos oriundos da região para melhor vivificar as cenas.

A obra analisada é formada por *flash back*, e neste jogo de ir e vir, na flexibilidade da narrativa, as elasticidades das palavras articulam e criam falas únicas e variadas. Sua escrita de forma acessível e popular é intencional.

Eli não fere frontalmente as regras gramaticais estabelecidas pela sintaxe portuguesa, porque seu regionalismo não é o convencional: moderadamente, com equilíbrio e um certo fascínio, ele se desvia das linhas propostas por ela e foge, também, ao uso das palavras que se aproximam exageradamente da fala matuta (ALMEIDA, 1985, p.47).

Com propriedade o autor de *Pium* consegue transitar da oralidade para a escrita, da história para o literário, do real para o ficcional, do padrão para o popular, do denotativo para o conotativo. De forma sábia, segura e competente ele utiliza vários recursos, para resultar em uma escrita rica e nivelada. Diante de tal maturidade Brasiliense além de se preocupar com a organização da estrutura, também se preocupa com a formação das palavras, trabalha esta não apenas com um olhar gramatical, mas lexical.

De acordo com Basílio (2002, p.18), “no léxico as palavras apresentam um significado global, que não é necessariamente uma função exclusiva do significado das partes”. As partes se articulam, ganham sentidos e influenciam no todo. Na mesma perspectiva, Coelho (2006 b, p.52) diz que “a frase, unidade mínima de comunicação, é construída por morfemas, unidades mínimas de significação, e estes por fonemas,

unidades mínimas de distinção.” Isto é, as unidades mínimas se tecem, ganham sentido e constroem significados em diferentes contextos.

Percebe-se que a linguagem na obra para representar uma textura agradável, leve e envolvente, apresenta uma preocupação partindo da formação das palavras a estrutura e seleção do acervo lexical. Com características heterogêneas, *Pium* evidencia marcas goianas nas falas, costumes, histórias e tradições presentes na obra. Segundo Coelho (2006a, p.23) “a realidade regional é expressa esteticamente na linguagem da literatura regional. Com outra linguagem não haveria literatura regional, mas uma falsificação ou empobrecimento da realidade que se tenta expressar literária e regionalisticamente.” Isto é, todos os mecanismos e estruturas selecionadas pelo autor, foram utilizados a favor do texto, pois buscava-se aproximar da realidade linguística da época, atribuindo uma variação entre a fala do narrador e a fala das personagens.

1.3 Cultura como reflexo geográfico e histórico

A palavra “cultura” passou por várias conceituações, sendo considerada “modo de vida”, “civilização” “cultivo”, “estrutura de sentimento”, “padrão de perfeição”, “práticas significativas” e outras mais. Muitos dos conceitos foram influenciados por conteúdos simbólicos produzidos historicamente pela sociedade, outros foram elaborados ideologicamente com pretensões políticas.

Segundo Lyons (1987), inicialmente a palavra “cultura” estava relacionada diretamente a noção de “civilização”. As civilizações que tinham cultura eram aquelas que estavam sob o domínio de Roma, os povos que viviam a margem do Império Romano eram considerados sem cultura. Com o passar do tempo, abandona-se esta concepção preconceituosa relacionada diretamente ao progresso humano e a fatores políticos e passa-se a ter uma visão mais antropológica. Tomando por base a ideia de que mesmo dentro de uma sociedade ou grupo social podem-se existir várias culturas. Lyons (1987) trabalha com a definição de que a cultura é adquirida no contexto social, pensamento este compartilhado por Eagleton (2011), para ele, a cultura não é transmitida geneticamente, mas adquirida em sociedade. Partindo desta mesma percepção de cultura, Chauí (2001, p.293, destaque da autora) diz que a cultura “é uma **segunda natureza**, que a educação e os costumes acrescentam à **primeira natureza**, isto é, uma natureza **adquirida**, que melhora, aperfeiçoa e desenvolve a natureza **inata**

de cada um”. Os três estudiosos partilham da mesma ideia de que cultura é adquirida do contato com semelhantes, ou seja, socialmente.

Todo ser humano tem uma cultura, a partir do momento que ele passa a viver em uma comunidade, necessariamente ele passa a compartilhar dos mesmos valores, das mesmas regras e normas. Muitas vezes, quando uma pessoa destoa dos outros membros da sociedade, tendo ações e valores diferentes ao praticados no espaço em que ele habita, fala-se que ela não tem cultura. Isso transparece a ideia de muitas pessoas de que ter cultura é um reflexo de uma formação acadêmica e status socioeconômico. Por exemplo, se realizarmos uma pesquisa, na qual entrevista-se um número X de pessoas de forma aleatória indagando se um gari, uma merendeira, um andarilho, um menino de rua têm cultura, possivelmente a resposta será não, pois o termo “cultura”, socialmente, é visto como um bem de poucos.

Chauí (2001) expõe que cultura era a preparação, a instrução, o aprimoramento que se davam as crianças, com o intuito de que ao torná-las adultas, seriam requintadas, preparadas para serem excelentes cidadãs. Após o século XVIII, influenciada pelos pensamentos iluministas difundidos pela França, ela passou a ser entendida como resultante dos ensinamentos ministrados, em atitudes e ações concretas, refletindo na sociedade, e com o sentido de civilização. Os frutos de um bom ensinamento é a criação de uma civilização que saiba viver coletivamente. Desta forma, quem tinha esses atributos, sabia viver em sociedade, participava de diferentes grupos sociais e era intelectual, a sociedade o considerava culto, e os que não tinham tais atributos eram considerados incultos. Devido estes conceitos iniciais se disseminou a visão de que cultura é para os cultos, e não para os menos escolarizados ou marginalizados.

Eagleton (2011, p.39) alega que a cultura “não é alguma vaga fantasia de satisfação, mas um conjunto de potenciais produzidos pela história e que trabalham subversivamente dentro dela”. Isto é, a cultura não pode ser analisada e nem conceituada de forma isolada, mas dentro de um contexto histórico, social e econômico.

Chauí (2001, p.61) salienta que

A Cultura é a criação coletiva de idéias, símbolos e valores pelos quais uma sociedade define para si mesma o bom e o mau, o belo e o feio, o justo e o injusto, o verdadeiro e o falso, o puro e o impuro, o possível e o impossível, o inevitável e o casual, o sagrado e o profano, o espaço e o tempo. A Cultura se realiza porque os humanos são capazes de linguagem, trabalho e relação com o tempo. A Cultura se manifesta como vida social, como criação das obras de pensamento e de arte, como vida religiosa e vida política.

A palavra cultura passou por várias reformulações, fruto de um sistema que está em frequentes mutações. O que era tido como certo, inovador e bonito, com o passar dos anos, pode se tornar errado, obsoleto e feio. O que foi moda ou chique antes, pode hoje ser considerado brega ou vulgar. Pode ocorrer com qualquer manifestação cultural, inclusive com a linguagem, pois expressões que em uma época são requintadas em outra podem ser vistas como inapropriadas.

Existem aspectos linguísticos que só são compreendidos dentro da cultura vigente. Um objeto pode ter mais do que um termo para nomeá-lo, dependendo da região e da cultura que os vocabulários são selecionados. As palavras “macaxeira”, “mandioca-doce” ou “aipim”, todas se referem à raiz da mandioca, porém ao serem proferidas representam uma identidade geográfica e cultural. Uma expressão goiana que diferencia e marca a fala dos moradores de algumas regiões é “conta”. Quando não se consegue executar algo “não dá conta”, quando algo é muito bom “É bom demais da conta”, quando um assunto não interessa o outro “não é da sua conta”, quando uma pessoa precisa de simular ou fingir “faz de conta”. Estas são expressões culturais que revelam identidades e que são entendidas apenas dentro do contexto social vinculado a cultura.

Segundo Lyons (1987, p. 293), “as línguas em si só podem ser completamente entendidas no contexto das culturas nas quais elas estão encaixadas inextricavelmente: assim linguagem e cultura são estudadas juntas”. Logo, traduzi-las nem sempre é viável, porque nem sempre encontra-se uma palavra correspondente no idioma ou na região, salienta-se a palavra “saudade” que se traduzida para a Língua Inglesa ou Espanhola não tem equivalente com a mesma carga semântica, mas palavras similares, como por exemplo “*homesickness*”, “*echar de menos*”⁴.

No início da obra *Pium*, Silveira, a personagem que participa da história do início ao fim, salienta que “O cristal tá dando dinheiro que é um dispotismo. Não me enchi ainda de gaita é porque sou mole, sou besta mesmo, garimpo só não dá camisa é para garimpeiro. O resto enche dos “bandido” (BP-7). Se buscar o significado da palavra “bandido” fora do contexto, significa “uma pessoa de má conduta ou que não pratica ações de acordo com as normas estabelecidas pela sociedade”. Se o termo for analisado no contexto histórico, geográfico, linguístico e social, ele significará “dinheiro”. Significado que só é encontrado dentro do contexto do falante, pois o acervo

⁴ Que significa “sentir falta”.

lexical é selecionado pelo indivíduo de acordo com a situação e com o contexto socio-histórico.

Nesse sentido, pode-se dizer que uma das formas de expressão e materialização social da língua é a palavra, pois esta, de forma plurissignificativa, abriga vários sentidos. A palavra adquire sentido a partir do contexto em que está inserida, pois seus significados são formados de acordo com intenção do falante e revelados pelo meio. Uma palavra pode abrigar vários sentidos, e um sentido pode ser representado por várias palavras, a palavra tem o poder em disseminar o conhecimento construído durante toda a vida de um povo ou de um grupo.

A norma cultural pode variar de acordo com o tempo, o que hoje é aceito amanhã talvez não seja, pois tanto a linguagem como a sociedade estão em constantes mudanças e adaptações. Na obra *Pium*, a família de Zé do Carmo se vestia diferente das outras pessoas que habitavam naquele lugar. “Os homens que choviam por ali vestiam roupas diferentes das de Zé do Carmo e não andavam descalços, ela também andava descalça” (BP-23). O pronome pessoal “ela” se refere à Ritinha, filha de Zé do Carmo. Enquanto ela andava descalça e vestia vestidos de algodão cerzidos por sua mãe, as meninas de sua idade andavam de sandália Anabela e usavam vestido de seda. A garota e sua família não acompanharam as novas normas seguidas em Pium, a menina continuava, inconscientemente, vivendo de forma diferenciada até o dia que Rolinha, o sedutor de moças, e a comadre Lina, alertaram-na que ela não estava no mesmo padrão das meninas de sua idade. “Somente agora, com as palavras intencionais daquele homem, ela notava que havia mulheres que não vestiam roupas daquele jeito” (BP-23). Nem sempre os participantes da mesma comunidade linguística partilham dos mesmos elementos culturais.

Há pessoas que não se encaixam nas regras seguidas pelo grupo, seja de natureza linguística ou não, tendem a ser estigmatizadas e não aceitas. Depois que alertaram Ritinha que ela estava fora dos padrões culturais de Pium, a garota não se sentia mais à vontade em viver do jeito que sempre vivera. “Agora a moça sentia vergonha de sair no meio daquela gente estranha. Vestido de algodão não servia mais para cobrir o corpo das mulheres. Sòmente seda era própria para disfarçar a semi-nudez com que as rameiras [...]” (BP-33). E assim, a menina tinha a sensação de que estava sem roupa. “A cultura pode ser aproximadamente resumida como o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo

específico” (EAGLETON, 2011 p. 54). São sistemas simbólicos que quem não adere é excluído.

Outra manifestação cultural presente na obra é o fato de Ritinha sempre dormir de forma desleixada, sua mãe lhe beliscava para que se posicionasse direito na cama. E dizia que se ela não deitasse decentemente “o anjo da guarda ficaria desapontado e se afastaria, deixando o lugar livre para o demônio” (BP-34). Por isso, quando acontecia algo de ruim, ela rapidamente pensava que tinha dormido de forma errada e o anjo tinha se afastado. Com o passar do tempo, Ritinha se preocupava em se deitar de forma desleixada para que sua mãe lhe beliscasse “Sem aquele beliscão, era impossível dormir” (BP-35). Exemplo que vai ao encontro com a reflexão de Eagleton (2011, p. 39) que diz que todas as culturas “devem incluir práticas tais como a criação de crianças, educação, assistência social, comunicação, e apoio mútuo; em caso contrário, elas seriam incapazes de se reproduzir e, assim, incapazes, entre outras coisas”.

Como foi dito acima, a mãe de Ritinha dizia que se dormisse de qualquer jeito o anjo se afastaria. As pessoas mais tradicionais contavam várias histórias a fim de conseguir a obediência dos filhos e netos, como, “se assoviar a noite a cobra vem dormir com você”, “quem mente muito o nariz cresce” e “se brincar com o fogo faz xixi na cama”. São situações registradas, porém pouco repetidas hoje, pois com a informatização do conhecimento, as crianças e adolescentes deixaram de ser tão ingênuos. O uso destas expressões não faz sentido nos dias atuais, todavia são práticas, cujo sentido está preso a uma determinada época e lugar.

Ritinha era criada de forma diferenciada, não podia se deitar de forma mais à vontade, não podia observar as mulheres que se vestiam diferente de sua família ou aceitar presente de desconhecido, isto mostra que os elementos e valores culturais preservados por sua família eram distintos dos outros moradores. Uma passagem da obra que pode assegurar tal afirmação é quando Rolinha oferece a Ritinha um objeto qualquer da loja, a garota não aceita, não é por escolha própria, mas devido a seus pais que não deixam tal prática. “- Vou comprá algumas coisa desta pra você. Pode ser ou tá difíce? -Inhornão. Pai num gosta qui a gente receba coisa de gente qui não é parente” (BP-22). A moça mostra um comportamento diferente das prostitutas, observe a seguinte passagem: “Toma isto e cai fora, vai pro diabo, gata relaxada! Rolinha enfiou a mão no bolso largo da calça, tirou um bôlo de notas, separou uma de cinquenta e entregou-a à rameira, rosmando” (BP-22). Este trecho retrata a passagem que Rolinha estava mandando Ritinha escolher alguma coisa na loja para ele comprar, então a garota

exterioriza os seus costumes familiares, e enquanto ele está tentando seduzi-la, uma prostituta se aproxima, ele para se livrar da presença da mulher, lhe dá dinheiro. Enquanto as prostitutas imploravam pelo dinheiro de Rolinha, Ritinha recusa qualquer presente.

O romance mostra que eram poucos que se vestiam como Ritinha e sua família, “Não tá vendo logo qui vistido de algodão só quem usa hoje em dia é bôbo ou gente de asilo?” (BP-37). A família de Ritinha é um exemplo das famílias que não se modificaram, e nem alteraram os valores com a chegada do garimpo. Muitos garimpeiros que chegavam para trabalhar em Pium se envolviam com farras e prostitutas. Outros que conseguiam reverter sua vida financeira, deixavam mulher e filho, preocupados somente em festejar, esbanjar, comprar para si e para as prostitutas o que queriam e o que podiam. Assim, ao mesmo tempo que o lugar era tão rico com pessoas trabalhavam muito, ele continuavam pobre, devido aos excessos. Mas, tinham pessoas que não envolviam com farra como Zé do Carmo, porém recebia tão pouco que não conseguia sair da miséria ou ter algum luxo.

E assim, no romance aparecem várias tradições, dos barqueiros, dos camioneiros e outras. A dos barqueiros era que quando chegavam à casa da viagem, traziam presentes e batiam na mulher, pois não sabiam se ela tinha ficado com outro homem. “- E se elas não merecê, tio Romão? – Apanha do mesmo jeito. É moda, rapaz” (BP-55). Na época o pensamento de muitos homens era que “Mulhé é mesmo qui carrapato, minino. Quanto mais a gente machuca mais ela agarra” (BP-55). Outro exemplo exposto na obra, é que todos os caminhões tinham que ter uma frase gravada “O chofer que não tivesse qualquer coisa escrita no seu caminhão não era considerado de boa gente, ficava à margem do prestígio desfrutado por seus companheiros (BP-12)”.

Outro costume era quando Ritinha se sentia doente tomava chá de erva-cidreira, “o mal desaparecia dentro de poucos dias, não em obediência ao remédio inocente, mas pelo imperativo de seu ciclo normal. Ritinha não acreditava em ciclos normais, mas sim em erva-cidreira” (BP-25). O mal da garota era sempre resolvido com o chá, assim era seu costume. O chá não era somente uma bebida, mas tinha importância curativa. Simbolicamente o chá, a surra na esposa, a frase no caminhão, entre outros elementos, têm muita importância, pois retrata uma faceta cultural.

Seja um comportamento, uma vestimenta, uma forma de cumprimentar ou até mesmo de arrumar o cabelo, são fluxos de ações que representam os elementos culturais. Para Eagleton (2011, p. 51), no sentido antropológico, cultura “abrange tudo,

desde estilos de penteados e hábitos de bebidas até como dirigir a palavra ao primo em segundo grau de seu marido.” Em Pium, quando o dr. Souza estava na casa de Helena e Domingos foi se despedir disse

- Vamos andando, seu Pacheco? – É cedo ainda. –Ora, meu amigo. Este é cedo ainda significa apenas mera cortezia social. Diz-se por obrigação convencional, mas os homens conscienciosos sabem que êle significa satisfação pela partida de quem nos está caceteando. Que homem! Sabia de tudo! Até adivinhava! (BP-64)

Dr. Souza conhecia as regras de gentileza, sabia que quando está se despedindo e o dono da residência pede para não ir, não é que quer que não vá, porém é uma forma de ser mais cordial, pedindo para ficar. São elementos culturais que só são entendidos no contexto regional, cultural e histórico. Este tratamento perpetua até os dias atuais com o mesmo sentido, porém não são todos que mantêm a essência.

Portanto, cultura é o conjunto de práticas, valores, costumes, hábitos, tradições e falares que um dado grupo compartilha em um espaço determinado. Logo, para viver e se representar os indivíduos precisam se apropriar de identidade(s) seja individual ou cultural, ambas resultam em refletir as marcas culturais de um povo.

1.4 Identidade

Atuar em vários papéis não é somente uma virtude das personagens de filmes, novelas, romances, comédias e ficções, mas de todos nós. Uma mesma pessoa pode congrega em si a identidade de mãe, filha, esposa, empresária, amiga e assim por diante, e a cada identidade escolhida, há um acervo lexical, uma estrutura linguística, um comportamento reservado para o ato comunicativo. Para cada momento, há necessidade de uma apropriação identitária, seja de forma individual ou social. As identidades são formadas e reformuladas no contato com outras identidades. Segundo Albuquerque Junior

A identidade pessoal seria um conjunto de características, formas de se comportar, pensar, de sentir que cada um de nós teríamos e que faríamos nossa diferença em relação aos demais. A identidade seria nossa substância, uma espécie de segunda natureza que constituirá nossa verdade mais essencial, o que garantiria a coerência, continuidade, força e estabilidade nos modos de ser, uma conduta reta e rígida, um comportamento inflexível, uma aparência de solidez e

firmeza para cada indivíduo (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007b, p. 01, tradução nossa).⁵

A identidade é refletida e formada pelas atitudes, escolhas e comportamentos refletidos e adotados. O ser humano é protagonista da sua própria história, e a cada clímax ou desafio, se faz necessário uma reflexão identitária, pois é nestas horas que os conflitos identitários aparecem. A incerteza e a instabilidade em selecionar e construir sua própria identidade, nos momentos críticos, requer em equilíbrio e reflexão para que não seja totalmente influenciado pelos outros, pois a sociedade quer ditar as regras as quais as pessoas devem seguir. E é neste conflito do que somos e do que os outros gostariam que fôssemos que muitos problemas desencadeiam.

São nas interações verbais, sociais e culturais que as identidades são formadas, apropriadas ou renovadas, isto é, no contato social que as identidades (res)significam. As identidades não são selecionadas e vividas por toda vida, porém são processadas e adaptadas no decorrer dos anos, pois viver em um mundo real e virtual requer reflexões e mudanças gradativas. Estas mudanças pertencem a todo ciclo vital, principalmente na adolescência, por ser uma fase em que os jovens buscam modelos, padrões, referências para seguir. Hall (2001, p.11) salienta:

De acordo com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real” mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem (Destaque do autor).

As palavras de Hall acenam para a mesma ideia discutida anteriormente, que a identidade é construída em sociedade, pois identidade são as diversas identificações que representamos no convívio social. Podem-se exemplificar estes estudos identitários com a personagem Ritinha da obra *Pium*, a qual, devido às influências externas, percebe as diferenças existentes entre ela e sua família e os outros moradores de Pium, após as falas proferidas por Rolinha e pela comadre de sua mãe. Assim Albuquerque Júnior (2007b, p. 02, tradução nossa) salienta que “a identidade se simula e se produz na

⁵ La identidad personal sería un conjunto de características, formas de se comportar, de pensar, de sentir que cada uno de nosotros tendría y que haría nuestra diferencia en relación a los demás. La identidad sería nuestra substancia, una especie de segunda naturaleza que constituirá nuestra verdad más esencial, que garantizaría la coherencia, continuidad, firmeza y estabilidad en las formas de ser, una conducta reta y rígida, un comportamiento inflexible, una apariencia de solidez y firmeza para cada individuo.

linguagem, na conversação, na comunicação, na nomeação, na classificação, na definição”.⁶

Quando a personagem citada visitava a loja de Domingos, ela percebia que as mulheres e homens que ali frequentavam eram diferentes de seus pais, mesmo percebendo que aqueles estranhos carregavam identidades diferentes, Ritinha se sentia atraída por aquele lugar.

Sómente agora, com as palavras intencionais daquele homem, ela notava que havia mulheres que não vestiam roupas daquele jeito. Na rudeza de sua vida pensara até aquele momento que todo mundo se vestia como seu pai e sua mãe. Mesmo depois de haver chegado ali um disparate de gente estranha, conservou-se alheia ao progresso que as mulheres haviam atingido para seduzir os homens (BP-23).

No início da obra, percebe-se com esta e outras passagens que Ritinha estava instigada com as diferenças, pois antes a garota pensava que “toda gente devia ser igual em qualquer parte. Nunca imaginava que existissem brincos tão bonitos e diferentes dos carocinhos de ouro presos às suas orelhas furadas...” (BP-23). Ela não tinha se atentado para as novas identidades que formavam a nova cultura de Pium.

A princípio sua identidade se assusta com exterior, até perceber que o exterior faz parte de si, levando-a reproduzir vontades do exterior. Afirma a diferença ao romper com a identidade conservadora adquirida pelo convívio familiar, há um deslocamento sem ocorrer uma insurreição. A garota resolveu fugir não foi por acreditar que poderia ser condenada inocentemente por crime o qual não havia cometido, mas porque não podia contar que os brincos que estavam próximos do morto, ela havia ganho de Rolinha. Na sua família moça direita não aceitava presentes de estranhos.

Neste trecho pode-se observar o comportamento identitário inicial da personagem

Ritinha a princípio tivera medo de tanto povo. Ficava ajudando sua mãe no rancho. Depois foi perdendo o medo. Percorria já, sozinha, aquele labirinto feito de casas improvisadas. Não tinha mais receio daquele povo que considerava estrangeiro (BP-19).

A garota estava descobrindo as diferenças, que antes não percebera “agora despertava de seu primarismo quase selvagem, para procurar entender uma vida inteiramente diferente” (BP-23). Ritinha não havia percebido que a identidade social de

⁶ “La identidad se simula y se produz en el lenguaje, en la conversación, en la comunicación, en el nombramiento, en la clasificación, en la definición.”

Pium mudara, de lugar pobre e esquecido para lugar de grande riqueza. Em consequência do garimpo, a cidade recebia diariamente todos os tipos de pessoas, de pesquisadores a prostitutas, várias identidades por ali circulavam. Isto não foi fácil de ser assimilado, pois sua identidade de menina “matuta” agora estava em crise, sentia constrangida perto daquelas mulheres que andavam de sandália enquanto ela e sua família andavam descalços. Andava de vestido de algodão e fitinha no pescoço e as outras garotas com vestido de seda, as outras mulheres se depilavam, pintavam os cabelos, se arrumavam, porém esse mundo era totalmente novo para ela.

Assim, como o dia em que Ritinha viu uma mulher que tinha pintado o cabelo de loiro. “-Mãe! Vi uma muié com o cabelo parecendo cabelo de espiga de milho, mãe! - Larga de andá reparando essas coisas, trem! O mundo não anda bão nada. Todo dia aparece cada coisa...” (BP-36). Sá Zefa vivia em Pium, porém não se contagiava e nem se interessava por tais identidades divergentes. A identidade social nasce nas pressões, nos costumes, nas leis, dos parâmetros que estão presentes na sociedade (JUNIOR, 2007). Pium estava construindo uma nova identidade cultural.

Os pais de Ritinha perceberam que tinha algo estranho, “-Ritinha já virou mulhé. Agora é preciso tê cuidado, pois tamos com mulhé em casa” (BP-25). Sá Zefa e Zé do Carmo trabalhavam muito e viviam uma pobreza, não conseguiam oferecer para a filha o que outras garotas tinham, e ao perceberem que a filha estava mudando de comportamento se preocupavam, porém não fizeram nada, a rotina, os costumes, crenças e cultura vividas por eles não permitiam.

Quando ia a loja de Domingos, Ritinha chegava a sua casa apavorada e tinha dificuldades para dormir, e quando dormia tinha muitos pesadelos, todos revelando as identidades das mulheres que frequentavam a loja.

Em sonho viu-se novamente na loja. O homem de sorriso sem-vergonha estava lá. Oferecera-lhe vários presentes e ela os aceitara satisfeita. Pegara-lhe nas mãos, alisou-lhe as tranças, o pescoço, as costas, como um pai carinhoso, mas quando deu fé as mãos grossas de Rolinha lhe estavam fazendo cócegas nos seios. De repente lembrou-se de que havia muita gente na loja vendo aquelas coisas e...acordou gritando com voz cansada:- Mãe! Mãeêêê!...(BP-26)

Percebe-se que a loja despertara-lhe uma identidade sexual, e sempre que a garota tinha contato com esta nova identidade, desestabilizava-se. Voltava para casa e em sonhos se despertava chamando pela mãe. A casa e sua mãe representavam uma identidade de segurança, tradicional. Segundo Albuquerque Júnior (2007a) tudo pode

ser modificado até mesmo o que é considerado tradicional, pois tradições são práticas criadas em determinado tempo por pessoas, grupos ou comunidades.

Quando uma pessoa percebe que a identidade que o outro carrega não é a mesma que a sua, logo surge a diferença, e é na diferença que há uma busca de reafirmação da atual identidade ou a busca por apropriação da nova identidade. A identidade segundo Albuquerque Júnior (2007b), constantemente se encontra em crises, propícia a desvelar as dificuldades humanas. Ritinha estava sondando a nova identidade, porém se ancorava na identidade familiar. Com isto, percebe-se que a identidade não é pura e acabada, a “identidade é formada ao longo do tempo, através de processos inconscientes” (HALL, 2001, p.38). Isto é, a identidade é construída e modificada, podendo sofrer alterações com o passar dos anos. Bauman (2004, p.08) salienta que:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age e a determinação de se manter firme a tudo isso- são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”.

A identidade e o pertencimento são modificados e flexíveis de acordo com o tempo, cultura, sociedade e caminho que a pessoa decide percorrer. “A identidade é relacional, portanto, instável, mutável, sempre em processo de reelaboração.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007b, p.01, tradução nossa)⁷. Na obra, isso é muito claro, os pais de Ritinha tiveram o mesmo contato que a garota, visitavam a mesma loja, porém não tinham e não alimentavam dos mesmos sentimentos que a garota. Quando Zé do Carmo chegava à loja de Domingos

passeava os olhos pelas prateleiras, de modo significativo.

-O que você vai comprar, Zé?

Uns metro de pano pra véia, uns caroço de feijão, umas pedrinhas de sal e uma moiadura de criozena. Os retaios quero coisa barata, seu Domingos, mais qui não rasgue atôa... (BP-67)

Zé do Carmo não mudava nem se influenciava com as novidades, pois as mercadorias e as pessoas não o desestabilizavam, era focado no trabalho e nas necessidades de sua família, sabia que era pobre, e para ele, pobre só servia para trabalhar para ajudar os ricos. Quando Marcelino morreu no garimpo e Ritinha queria

⁷ “La identidad es relacional, por lo tanto, instável, mutável, siempre en proceso de reelaboración.”

saber o nome, seu pai lhe respondeu “-Não adianta. Nome de gente pobre é só pra não misturá com os outro, não significa nada” (BP-46). Os pobres trabalhavam, acabavam com a saúde e às vezes até com a vida, mas quem enriquecia eram os donos dos garimpos. “Dis que pobre não é gente, mas o rico não pode vivê sem os pobre. Nós precisa de dinheiro dele e eles precisa do sirviço da gente” (BP-30). Com isso, Zé do Carmo se apropriava da identidade de “pobre”, aquele que não questiona, não se deslumbra com nada, porque não tem como adquirir, e sua única função que é trabalhar.

No garimpo surgiam sedas de cores endiabradas, balangandãs e colares tentadores, pulseiras, anéis e brincos do tamanho de tucum maduro. Ritinha ficou inteiramente apalermada. Zé do Carmo não podia comprar aquelas coisas, porque seu modo de vida mudara pouco. Ganhava um disparate em comparação com o que fazia na lavoura mas a carestia da vida engolia tudo. Trabalhava sem descanso e continuava a fazer sòmente para comer, e para vestir uns riscados caros e podres (BP-19).

Diferente de seus pais, Ritinha ao ser enganada por Rolinha, foi para um prostíbulo onde depois de algum tempo encontrou um noivo, o qual tirou-a daquela vida. Quando retornou a Pium para pedir a benção do pai para se casar, quis comprar uma sandália na loja de Domingo, isto é, inconscientemente quis retornar ao lugar que a despertou para a diferente identidade. E neste jogo de identidades a obra mostra dois tipos, uma predominante inabalável e a de Ritinha, influenciada por outras.

A obra analisada é tecida por um conjunto diversificado de identidades em transição ou em conflito, formando a nova cultura de Pium. O escritor Eli Brasiliense foi capaz de resgatar algumas manifestações culturais que em uma determinada época foram significativas.

Diante destas discussões a respeito do termo cultura e identidade, pode-se compreender que a cultura lapida, molda, transforma, reformula as identidades. O que diferencia as culturas e as identidades é a capacidade em decodificar, analisar a realidade de acordo com cada época. A identidade é um meio pelo qual possibilita o indivíduo se expressar ou ser exposto pelo outro, a identidade carrega um acervo lexical e cultural, os quais lhe permitem identificar seu pertencimento no grupo social.

1.5 Variação Linguística

A variação na fala ocorre de acordo com o momento, situação, lugar e circunstância enfrentada pelo indivíduo. Enquanto a língua é social e está arquivada na memória, a fala é individual e é manuseada de acordo com as necessidades do falante. Nesse sentido, a língua é um “sistema de signos e suas combinatórias, existindo sob forma de memória coletiva e à disposição das pessoas de uma mesma comunidade linguística; sistema cultural adquirido” (COELHO, 2006a, p.80). Segundo o mesmo autor, a fala é “realização individual, num ato concreto e único, do sistema linguístico disponível e aprendido” (COELHO, 2006a, p.80). É a materialização da língua, pois esta é comum a todos, porém a fala, cada um expressará de forma diferenciada de acordo com o lugar, ouvinte ou situação.

A língua usada pela comunidade obedecerá às normas vigentes para se concretizar na fala. A norma regula, direciona o comportamento linguístico de um grupo, ou seja, ela diz o campo lexical, a fonética, a morfossintaxe a ser usada pelo falante. Biderman (2001a, p.19) explica que “a norma é, com efeito, um sistema de realizações obrigatórias, de imposições sociais e culturais, e varia segundo a comunidade”. Com a mesma linha de pensamento Coelho (2006a, p.82) salienta que “a norma é uma imposição do grupo e o infrator recebe sanção, sofre castigo por parte dos demais membros do grupo a que pertence, e que vai da simples censura, um olhar enviesado, um franzir de sobrancelhas...”. Ela contém o sistema e os elementos mais usuais na comunidade (BIDERMAN, 2001a, p.19). Isto é, a forma linguística de um grupo social que serve, conscientemente ou inconscientemente, no ato da fala e da escrita. Ao mesmo tempo em que a norma serve o falante, também impõe e limita a liberdade expressiva. “Tais normas se vão formando espontaneamente dentro de uma comunidade e acabam por estender-se a toda a cultura dos falantes daquela língua”. (BIDERMAN, 2001a, p.30).

Para ilustrar esse entendimento, pode-se refletir a respeito de normas que aparecem em *Pium*. Abreviatura do verbo “estar” “Ta pôdre de rico” (BP-13) “- Tá gostando das coisas?” (BP-21). “Tá” certo, filho!”(BP-22). Apagamento do “r” final nos verbos fortalecendo a última vogal: “- Vá tomar banho! quer “bancá” uma sedinha?” (BP-22), “[...] não teve tempo nem de puxá a lambedeira pra “socá” na pança daquele disgrinxá” (BP-28). Estas expressões são peculiares da comunidade, são formas de se expressar aceitas naquele local, pois se a norma linguística deles aceita

tais variações, não há problema em falar “está”, “banhá” porque a comunidade oferece o leque de possibilidades de que os seus falantes poderão se servir. Assim, Duarte (2001, p.160) aponta que “norma estabelece o que é normal, costumeiro, usual [...]” Para aquela comunidade o normal, costumeiro é falar com tais variações, logo os indivíduos reproduziram a fala que é habitual para o grupo em que está inserido, o importante é seguir a norma da comunidade e não a de prestígio.

A norma geralmente é cobrada por membros ou habitantes da comunidade, pois quando alguém que não faz parte do grupo apresenta uma norma diferente, aparece o estranhamento. No livro *Pium*, doutor Souza, afirmava ser advogado e especialista em sindicalização, sua forma de falar difícil e diferente impressionava as pessoas, pois a maioria dos habitantes que ali viviam eram pessoas humildes, que tinham pouco ou nenhum estudo. “Os garimpeiros ficaram boquiabertos. Isto é que era falar bonito e acertado” (BP-60). Nem sempre entendiam o que ele falava, mas achavam bonito, enquanto isso, ele misturava pensamentos e escritores, pois acreditava que ninguém iria contestá-lo. Os moradores de Pium perceberam sua forma diferenciada em falar. Não entendiam tudo, porém sabiam que a norma usada por ele era dos letrados. As palavras apresentadas pelo doutor Souza não faziam parte do código ativo nem passivo dos moradores de Pium, porém eles percebiam que existia uma variação linguística entre a norma adotada por eles e a adotada pelo doutor Sousa.

O indivíduo se serve da língua em um contexto social, e a usa para representar os fatores extralinguísticos como as distinções sociais, geográficas, históricas, econômicas na fala. O falante para se interagir verbalmente seleciona de seu léxico palavras condizentes à *norma* estabelecida pela comunidade, preocupando-se também com o ambiente, história, crenças e com o domínio lexical do ouvinte. Para que o ouvinte decodifique a *mensagem* e haja interação verbal é fundamental relacionar traços linguísticos com dados extralinguísticos.

Em vista do exposto, vale a pena destacar a contribuição da sociolinguista francesa Françoise Gadet (1971), a qual salienta que as variações extralinguísticas que podem se apresentar no ato verbal são de três espécies: geográfica, sociológicas e as contextuais.

A primeira, a *geográfica*, está relacionada às variações regionais, também chamada por Cardoso (2006), Coelho (2006a) e outros estudiosos como de diatópico, “*dia-*”, prefixo grego que significa “através de, por meio de, por causa de”; “*-topos-*”, radical grego que significa “lugar”; “*-ico*”, sufixo grego, que forma adjetivos. Segundo

Coelho (2006a), chamada também de *dialeto regional* ou *dialeto*. Este autor salienta que dialetos são “variedades linguísticas marcadas geograficamente; variedades diatópicas” (COELHO, 2006a, p.83). São características que aparecem no léxico, na fonética ou na morfossintaxe e que marcam a fala das pessoas que vivem em uma determinada região.

No início da obra, Pium era um lugar “esquecido”, “a pastagem naqueles ermos era a pior possível, mesmo no tempo das chuvas. Matas para lavoura eram poucas e madeiras para as construções eram escassas” (BP-15). Os moradores daquele lugar vivenciavam doenças, abandono, colheitas fracas, uma verdadeira miséria. “Uma grande maloca de gente vegetava e sofria naquela zona dominada pelo Pium” (BP-17). Assim, os costumes, crenças, história e língua deste povo era mais peculiar àquele espaço geográfico, até o dia que descobriram as minas de cristais e o local passou a ser explorado. O vilarejo passou a ser referência para caminhoneiros, prostitutas, garimpeiros, trabalhadores em diversas áreas e visitantes. “O arraial crescia como leite fervendo” (BP-18).

O espaço e os indivíduos estavam todos sofrendo alterações. Santos (2006, p.67) salienta que “o espaço é um sistema de valores, que se transforma permanentemente.” Assim como o espaço está em constantes mudanças, a variação linguística acontece constantemente também.

Mesmo diante deste cenário, pode-se observar que a língua é particular a comunidade, mesmo frente a diferentes mudanças, cada lugar carrega as peculiaridades linguísticas próprias da comunidade. Observe-se a fala de Silvestre, o chofer do livro *Pium* “Ajeitando bem as peça, limpando tudo direitinho, o trem funciona correto.” (BP-09). Os elementos fonológicos e lexicais usados pela personagem a diferencia de moradores do sul ou norte do Brasil, pois ela carrega na fala marcas do centro oeste. Vejamos um diálogo entre Ritinha e sua mãe:

- Pra quê essa carreira, minina? – gritou sá Zefa.
- Nada, mãe.
- Parece que viu sombração! Quê qui foi mesmo?
- Nada, mãe. Tava com pressa [...]
- Tá querendo pegá pleumonia, tentação? Vem correndo neste sol quente feito brasa e tampa água por riba?
- A gente tava com sêde, mãe (BP-25).

Este trecho exemplifica a variação dialetal por meio de traços fonéticos “*minina*”; morfossintático “*tampa água por riba*”; semântico “*tentação*”. Estas palavras representam uma gama de variações dialetais que cada região carrega.

O linguista Lyons (1987, p.249) salienta que alguns sotaques “podem ser estigmatizados pela sociedade, da mesma forma como certas diferenças lexicais e gramaticais entre dialetos o são”. Pode-se dizer que sotaque engloba todo tipo de variação fonética. O sotaque revela as origens. “Sotaque é restrito a variedades de pronúncia, já o dialeto inclui também diferenças de gramáticas e vocabulário” (LYONS, 1987, p.246). O ensaísta se refere como a língua é pronunciada e não traz quaisquer implicações com respeito à gramática. Sempre que o falante fala ou escreve, pode fazer a opção pelo estilo desejado, depende da intenção do autor, o que é, e quem ele quer alcançar. Segundo Lyons “cada um tem seu dialeto individual: que tem seu próprio idioleto” (LYONS, 1987, p.37). Para ele “cada idioleto será diferente do outro, certamente no vocabulário e na pronúncia, e possivelmente também, em menor escala, na gramática” (LYONS, 1987, p.37). Todo indivíduo tem sua forma peculiar em falar, e nesta materialização da fala as origens e intenções são reveladas.

A segunda espécie de variação é a sociológica, variações devido à idade, sexo, profissão, escolaridade, raça, localização dentro da sociedade. Chamada por Cardoso (2006), Coelho (2006a) e outros estudiosos de diastrática, “*dia-*”, prefixo grego que significa “através de, por meio de, por causa de”; “*-estrato-*”, radical latino que significa “*camada*”; “*-ico*”, sufixo grego, que forma adjetivos; Coelho (2006a) também define como socioleto, “variedades linguísticas marcadas por fatores sócio-culturais; variedades diastráticas”.

Em *Pium*, quando Doutor Souza discursava, mesclava teorias, acontecimentos, escritores, pois o que queria era impressionar os garimpeiros, não sabia que Helena esposa de Domingos personagem principal da obra, era uma mulher que tinha uma base escolar e sempre se inteirava dos principais assuntos, mesmo estando em Pium. Ao ouvir os pensamentos do doutor “Helena enrugou a testa, ficou séria. Justiça social, sindicalização, Freud e Lombroso! O dr. Souza teria bebido? [...] O sindicalizador, notando a preocupação dela, mudou o roteiro de sua prosa, bruscamente” (BP-62 e 63). Mesmo vivendo na região e sendo dona de casa, Helena era estudada e tinha uma bagagem de assuntos diversos.

Helena, sá Zefá, e Ritinha moravam na mesma comunidade, porém Helena que tinha um grau de escolaridade mais avançado do que as duas, apresentava uma grande

diferença na fala. No trecho em que Helena foi oferecer café para o doutor, ela diz “Aceita mais um pouco, doutor?” (BP-64). Tanto o léxico quanto a organização morfosintática e fonética são diferentes se comparar a fala de Helena e as mulheres da casa de Zé do Carmo.

Observe o trecho da fala de Ritinha e de sua mãe

- Pra quê essa carreira, minina? – gritou sá Zefa.
- Nada, mãe.
- Parece que viu sombração! Quê qui foi mesmo?
- Nada, mãe. Tava com pressa (BP-25).

Isso comprova que mesmo residindo na mesma comunidade, sendo donas de casa, existem outros fatores que modifica, marca e diferencia a fala das personagens da comunidade.

Já a terceira, *contextual*, está relacionada a qualquer influência externa ao indivíduo, podendo estar ligado ao assunto, ao ouvinte, ou ao lugar em que o ato comunicativo é executado. Pode ser também intitulada diafásica. Entende-se que a pessoa não tem uniformidade na fala, adéqua sua estrutura gramatical ou léxica de acordo com o momento.

A língua ao mesmo tempo em que serve e é servida pela sociedade, é também limitada, nivelada e padronizada. A partir do momento que o falante interage ou vive em uma determinada comunidade, busca-se uma padronização. As pessoas manejam diariamente a língua, por isso sofrem influências do ambiente em que se encontram.

Para conceituar língua não se pode usar como fundamento, apenas critérios linguísticos, mas os costumes, a tradição cultural, o ambiente e a política. Assim, influenciado por diferentes estímulos, o indivíduo para se expressar se serve do mecanismo coletivo de comunicação e expressão que é a língua, mas ela também é expressão de beleza em relação às formas, sons e sentidos criados por meio dela.

O ser humano usa a linguagem para exteriorizar seus sentimentos, desejos, é por meio da língua que o ser humano se atualiza e se mantém ligado aos outros, seus semelhantes. A língua é um sistema de significações. “Eis porque a língua é continuidade, é história, ao passo que o sistema pode ser considerado como um estado sincrônico na sequência evolutiva da língua” (BIDERMAN, 2001, p.28). A língua é um *diassistema* por abarcar tanto as normas sociais quanto regionais.

A esse respeito Cardoso (2006, p. 376), atesta que

Não se pode afirmar que a variação no português brasileiro é prioritariamente diatópica ou predominantemente diastrática, mas, como espelham os dados, *diatópico-diastrática*, ainda que se reconheça que, no nível fonético, ganha evidência a diversidade diatópica, enquanto o nível morfossintático parece pôr em relevo a diferença diastrática (Destaque da autora).

Mesmo considerando as inúmeras variações regionais ou sociais, faz-se necessário observar que tanto a variação diatópica como a diastrática influenciam e são resultados de comportamento do grupo, ambas influenciam e contribuem na variação linguística. Dentro de cada grupo social, existem as variações individuais, que recebe o nome de *estilo* ou *idioleto*. É por meio desta variação que o indivíduo se mostra à sociedade, modificando sua fala de acordo com a necessidade, circunstância ou ouvinte. Estas variações individuais podem ser chamadas de *níveis de fala* ou de *registro*, podendo estar presente tanto na fala quanto na escrita. Tais diversificações podem ser provocadas por situações *externas*, o que está fora do indivíduo, exemplo o ambiente, ou *internas*, disposições psíquicas, como nervosismo (COELHO, 2006a).

Portanto, percebe-se que nossa língua é fortemente influenciada por diversos aspectos culturais, sociais, geográficos, econômicos, levando em conta também o sexo, a idade, a escolaridade, ou seja, todos os fatores extralinguísticos contribuem na variação linguística seja no âmbito fonológico, morfossintático ou lexical.

1.6 Léxico

A língua oferece uma ampla possibilidade de estudo, e de acordo com a necessidade da pesquisa, ela recebe um olhar diferente, podendo ser analisada pelo viés gramatical discursivo, ou lexical. A língua é manuseada por indivíduos que desenvolvem, no decorrer da vida, tanto a competência gramatical quanto a lexical. A competência lexical é formada por um “repertório de vocábulos dominado e utilizado na codificação e decodificação das mensagens verbais” (COELHO, 2006a, p. 94). Já a competência gramatical é formada por um “repertório de regras gramaticais dominado e utilizado pelo indivíduo na construção e no entendimento das mensagens verbais.” (COELHO, 2006a, p. 94). Uma competência se encarrega de selecionar os vocábulos a outra de estruturá-los, e ambas são importantes.

Segundo Antunes (2012), são classificadas como unidades lexicais os substantivos, adjetivos e os verbos, já os artigos, pronomes, preposições, conjunções e

advérbios são unidades gramaticais. A autora salienta que “a construção dos sentidos pretendidos se deve à junção das duas classes de unidades: as do léxico e as da gramática” (ANTUNES, 2012, p.33). Basílio (2002, p.25) vê o léxico como “um depósito de signos, uma lista de entradas lexicais, além de um conjunto de regras que definem a classe das palavras possíveis na língua.” O léxico é visto com um arquivo cultural a favor da sociedade.

Sob o mesmo foco, Gonçalves (1977) salienta que a gramática rege as combinações dos elementos finitos que se interagem de maneira específica. E os elementos usados para compor estas combinações são retirados do léxico. A mesma autora acrescenta que o “Léxico é, pois, o conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade. A junção da gramática e do léxico é necessária à produção (codificação) e/ou à compreensão (decodificação) das frases de uma língua” (GONÇALVES, 1977, p.27).

Isto é, cada indivíduo desenvolve sua competência linguística que é formada pelas competências gramatical e lexical, pois a pessoa, ao fazer uso da língua, conseqüentemente a adquire. “Competência individual, aquilo que o indivíduo retém do que se encontra à sua disposição, também se caracteriza por ser constituída por um léxico e uma gramática” (COELHO, 2006a, p.93). As competências são formadas por repertório de vocábulos e regras gramaticais que são dominadas e utilizadas na codificação e decodificação das mensagens verbais (COELHO, 2006a).

O léxico é um sistema que aporta os signos e seus significados sócio-culturais, já a gramática é um sistema que organiza a relação das palavras e frases, a fim de uma clara e eficiente comunicação. O léxico e gramática são sistemas complementares. Vale a pena destacar conforme Coelho (2008), que “para que a língua possa funcionar nos vários atos de fala, unidades léxicas (signos) são combinadas (procedimentos gramaticais) produzindo assim frases e textos responsáveis pela intercambiação comunicativa” (COELHO, 2008, p.14).

A partir destas contribuições, percebe-se que para alguns estudiosos como Coelho (2006), Antunes (2012), Basílio (2002), Gonçalves (1977), a gramática estrutura a língua e o léxico configura uma carga sociocultural. São inseparáveis e estão a serviço um do outro. A gramática estrutura, organiza e prepara a língua para a comunicação, enquanto o léxico se responsabiliza por inúmeros morfemas, podendo ser trocados ou substituídos de acordo com a necessidade. O léxico é uma lista aberta, estando sempre

sujeita a inovações. Para ilustrar esse entendimento exemplifica-se com um trecho da obra.

- Que diacho é qui essa minina viu qui só chega em casa correndo? O quê qui foi, num-sei-que-diga?
- Mãe! Vi uma muié com o cabelo parecendo cabelo de espiga de milho, mãe!
- Larga de andá reparando essas coisas, trem! O mundo não anda bão nada. Todo dia aparece cada coisa...qui Deus me livre e guarde! (BP-36)

Percebe-se que a norma gramatical usada pelo escritor organiza e apresenta os vocábulos de uma forma bem próxima da oralidade, pois por meio desta passagem, pode-se observar como Brasiliense reelabora lexicalmente a voz dos habitantes de Pium. Os termos lexicais selecionados são palavras e expressões que trazem em sua carga semântica a identidade da região. Assim, tanto a gramática quanto o léxico são importantes e indispensáveis para a construção dos sentidos.

A palavra é uma unidade formada por fonemas e morfemas, sendo “uma unidade significativa memorizada no seu todo, produzida pela atividade dos homens em sociedade” (COELHO, 2006 b, p. 61). Ao ser selecionada pelo indivíduo, a palavra está pronta, arquivada no acervo lexical do falante e disponível ao uso, diferente das frases, que são criações momentâneas dos indivíduos. Dentro da língua, existem as frases que são criadas no ato da fala e frases ou parte de frases que são prontas, também chamadas de expressões lexicalizadas, a diferença é que as primeiras são construídas e reconstruídas, e as lexicalizadas são fixas.

O léxico é formado por morfemas, palavras e lexias. Os morfemas são unidades mínimas de significação, as palavras são unidades memorizadas constituídas por morfemas. A memorização é do todo da unidade. As expressões lexicalizadas, também conhecidas por lexias são unidades significativas memorizadas no seu todo, formadas por palavras (COELHO, 2006b). Enquanto que o constituinte da palavra é o morfema e o da lexia é a palavra. A palavra pode ser constituída por um ou mais morfemas.

Assim como a palavra pode possuir mais de um morfema / in- felic- i- dade/, a lexia pode elencar mais de uma palavra. Segundo Coelho (2006, p.64) a lexia é “formada por palavra, que por sua vez, aparece como unidade significativa formada por morfema, sendo esta uma unidade que tem o fonema como o seu constituinte imediato”. Segundo Pottier (1977) a lexia se classifica em simples, composta, complexa e textual. Quando apresenta apenas uma palavra é chamada de lexia simples “Pipocou” (BP-44),

mais de uma é denominada composta ou complexa. As lexias compostas são unidades memorizadas construídas por meio de lexias simples. Um exemplo é “câmbio-negro” tendo duas ou mais lexias que compõem um sentido. A lexia composta devida a grande frequência, mesmo sendo composta por mais de uma lexia funciona como um todo, apresentando um sentido integral. As lexias complexas são as que estão em processo de lexicalização “Entrou no negócio de garimpo com o pé direito” (BP-13). Já as lexias textuais são frases, pequenos textos memorizados e com significação própria, como os provérbios, os ditados populares e refrões. As lexias são guardadas na memória e na medida em que são requeridas, são utilizadas do mesmo modo que se usam as palavras.

1.6.1 Lexicologia

A lexicologia é a ciência que estuda o léxico, sua constituição, estrutura o funcionamento. Para compreender lexicologia é necessário começar por compreender o seu objeto - o léxico.

O léxico está vinculado por um elo íntimo à história e à cultura de um povo. Através dele, os valores, costumes, tradições, crenças e histórias são materializadas nos discursos dos falantes. Para Vilela (1994, p.06) “o léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralinguística e arquiva o saber linguístico duma comunidade.” Funciona como um arquivo que guarda a essência das gerações anteriores e elucida as atuais.

Para Sapir (1969, p.49) “o léxico da língua é que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes”. O que o léxico reflete, a lexicologia se encarrega de estudar. O léxico é o acervo, o patrimônio da comunidade, segundo Biderman (2001b, p.14).

o léxico de uma língua natural pode ser identificado com o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história. Assim, para as línguas de civilização, esse patrimônio constitui um tesouro cultural abstrato, ou seja, uma herança de signos lexicais herdados e de uma série de modelos categorias para gerar novas palavras.

Assim, a sua função não é apenas atribuir nomes às coisas, porém representar a carga semântica de um tempo, lugar, comunidade, povo ou nação, “o léxico se relaciona com o conhecimento do universo” (BIDERMAN, 2001, p.12). Partilhando dos mesmos

pensamentos, Basílio (2002, p.18), salienta que “[...] no léxico as palavras apresentam um significado global, que não é necessariamente uma função exclusiva do significado das partes”. O léxico, semanticamente considerado nos campos lexicais, apresenta conjunto, de palavras e expressões que se agregam sob uma significação sócio-cultural. Conforme as palavras de Paula (2007, p.49), “O léxico é o repositório mais dinâmico das configurações culturais denotadas em uma dada língua”. Logo, o léxico possui uma estrutura instável.

As mudanças sociais, históricas e outros fatores podem interferir nos significados das palavras, criar novos itens ou suprimir outros. O acervo lexical de um povo pode ser modificado ou ampliado por meio da criação neológica, ou através de empréstimos de outros sistemas linguísticos. O léxico é como um ser vivo em constante desenvolvimento e ampliação.

Contemplando a ideia de que o léxico abarca um mundo sem fronteiras, são três as disciplinas que se responsabilizam pelos estudos lexicais, a saber: a Lexicologia, a qual tem como objeto de estudo o léxico, a Lexicografia encarregada de elaborar, organizar e elencar os saberes lexicais em dicionários, vocabulários, glossários e a Terminologia que tem como objeto de estudo os termos utilizados por disciplinas e ciências diversas. Este trabalho somente está ancorado na Lexicologia e na Lexicografia.

1.6.2 Lexicografia

Lexicografia é uma ciência usada para sistematizar os dados e registrar o léxico de uma língua ou de um grupo por meio de dicionários, vocabulários, glossários, produtos que arquivam os saberes coletivos. Mesmo diante destes instrumentos, é difícil arquivar todas as lexias da língua, isto é, “o léxico é um depósito de signos, uma lista de entradas lexicais, além de um conjunto de regras que definem a classe das palavras possíveis na língua” (BASILIO, 2002, p. 25). O léxico é mais que um repositório de palavras e expressões, ele elenca o saber de um povo.

Segundo Biderman (1984), na antiguidade, a obra que mais se assemelha ao trabalho lexicográfico, é o glossário elaborado em Alexandria, o *Appendix Probi*. O glossário foi uma das primeiras práticas lexicográficas existentes, teve seu marco na antiguidade com os alexandrinos, “buscaram elaborar léxicos e glossários sobre os textos homéricos para a sua melhor compreensão” (BIDERMAN, 1984, p.01).

Para a Idade Média, Biderman (1984) cita as Etimologias de Santo Isidoro de Sevilha e alguns glossários, como Glossário de Reichenau e Glossário de Cassel. Dicionários que foram elaborados para facilitar a compreensão da bíblia latina, *Vulgata*. Diante disso, Farias (2007, p.91) justifica que “as línguas faladas apresentavam-se tão diferentes do latim clássico, língua do direito, da igreja e da difusão do saber e da cultura, que a prática de fazer listas temáticas de palavras e explicá-las por meio de glosas tornou-se indispensável”. Para sanar os problemas em relação a ascensão das línguas, multiplicaram a confecção de listas e glossários.

A princípio os glossários eram chamados de glosas, só depois de organizados em forma alfabética foram denominados glossários. Estes acompanhavam os textos, aos quais serviam de apoio, eram manuseados pelos consulentes com o intuito de interpretar textos em latim e grego, depois de algum tempo passaram a vir separado do texto original.

Os glossários abriram o caminho para os dicionários, isto é “os glossários formaram a semente da arte na elaboração dos dicionários” (FARIAS, 2007, p.91). Eles foram os precursores da organização e sistematização do conhecimento e do esclarecimento das dúvidas dos textos escritos. Farias (2007) salienta que ao surgir os primeiros glossários, devido as dificuldades em manuseio e complexidade eram usados somente pelos mestres, após o surgimento da imprensa e o aumento da escolarização tornaram mais acessíveis. Isto é, o glossário foi se organizando e estabelecendo de acordo com a necessidade dos consulentes que a princípio eram mestres, em seguidas a todos que se interessavam.

Na Idade Moderna, conforme explicita Farias (2007) por volta do século XV, surgem os dicionários: *Universal Vocabulario*, de Alonso Palencia (1490) e *Latino Español* de Antonio Nebrija. E o surgimento de dicionários bilíngues seguiu uma trajetória diacrônica, pois a necessidade de comercializar e interagir fez com que crescessem as obras lexicográficas, a princípio cheias de lapsos e de imitações das obras existentes, com o passar do tempo foram aperfeiçoando as técnicas e os resultados. No século XVI surgiram dicionários bilíngues na Espanha, Itália, França e Portugal, assim, a prática lexicográfica bilíngue marca esta época.

No Renascimento foi publicado um dicionário monolíngue *Vocabulario Portuguez e latino*, obra portuguesa com algumas informações em latim. Esta obra portuguesa de Rafael Bluteau foi um marco para a sua geração porque além de trazer o período histórico, termos técnicos, trouxe também variações regionais.

Os dicionários monolíngues e plurilíngues se consolidam no século XVII, e gradativamente se estabelecem e se organizam a fim de valorizar as línguas vernáculas e sanar as necessidades comerciais. Como nos dicionários bilíngues a Espanha, a França publicaram excelentes obras lexicográficas.

No século XVIII, segundo Biderman (1984) um dos grandes marcos da época foi a obra dos enciclopedistas franceses, sendo o modelo de enciclopédia que perpetua até hoje. O século XIX foi marcado pelo surgimento da Linguística Histórica, resultando em um amplo e qualificado acervo de dicionários.

Após o século XX outras formas de produção aparecem expandindo a realização de obras lexicográficas por meios tecnológicos e informatizados, com a produção de dicionários *on-line* e em *CD-rom*.

Assim, o intuito é armazenar, dos primeiros glossários ao sistema *on-line*, o importante é registrar, facilitar a leitura, o entendimento das pessoas. Seja a enciclopédia, o dicionário, o glossário ou o vocabulário, todos tem o mesmo alvo, arquivar as riquezas de uma língua.

O glossário também abriu caminho para a enciclopédia. Inicialmente tratava-se de um artefato lexicográfico na “explicação de palavras e expressões próprias de uma fase mais antiga da língua grega, a que serviu para compor as obras literárias produzidas pelo gênio grego, como as epopeias de Homero” (COELHO, 2008, p.22). Funcionando como um facilitador do entendimento das palavras que não fazem parte do repertório linguístico do indivíduo.

A esse respeito, Coelho (2008, p.22) afirma que o glossário é “um elucidário de significados cuja obscuridade, quer por se tratar de arcaísmos, quer por se tratar de palavras de pouquíssimo uso, ou de cunho muito restrito como o são os regionalismos, necessitam explicações”. O glossário funciona como um registro que armazena termos que já não são usados frequentemente, mas que aparecem em um determinado texto. Ele se refere apenas as palavras e expressões do texto em questão; não se trata de um registro do léxico de uma língua, o que caracteriza o dicionário.

Dubois (1973, p.309) assevera que o glossário é “um dicionário que dá sob a forma de simples traduções o sentido de palavras raras ou mal conhecidas”. Isso é, o glossário reúne, arquiva, descreve de forma clara e concisa os significados de palavras ou de expressões usadas em um determinado texto, e visa fazer tal texto ser melhor compreendido.

Para Vilela (1995, p.13-14) “o dicionário é a recolha ordenada dos vocábulos duma língua, o vocabulário é a recolha de um sector determinado duma língua e o glossário é o vocabulário específico de um autor, de uma escola ou de uma época”. Enquanto o glossário trabalha no nível da fala com conjuntos de palavras ou expressões de um texto determinado, o dicionário, na sua natureza mais ampla, trabalha no nível do sistema, com todo o léxico disponível e dicionarizado na língua, o vocabulário, no nível da norma, trabalha com termos dentro de uma área específica.

Segundo Dubois *et al.*(1973, p.186) O dicionário é

Um objeto cultural que apresenta o léxico de uma ou mais línguas sob a forma alfabética, fornecendo sobre cada termo certo número de informações (pronúncia, etimologia, categoria gramatical, definição, construção, exemplo de emprego, sinónimos, idiotismos); essas informações visam a permitir ao leitor traduzir de uma língua para outra ou preencher as lacunas que não lhe permitiam compreender um texto na sua própria língua.

O dicionário é uma obra que arquiva o saber social e cultural expresso por diferentes sinónimos, sendo classificado quanto ao gênero, a classe de palavras, isto é, fornecendo de forma ampla as informações ao leitor. Segundo Coroa (2011, p.63) o dicionário é “mais do que uma forma de nomear e classificar as coisas do mundo: é um apoio para construção de nossa rede de conhecimento linguístico”. Para fortalecer estas reflexões serão apresentados dois exemplos, os quais trarão a definição da palavra “cidadão” em um dicionário e em um glossário.

Segundo Antônio Houaiss em *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2009, p.463).

Cidadão:s.m.(1269) **1** habitante da cidade **2** indivíduo que, como membro de um Estado, usufrui de direitos civis e políticos por este garantidos e desempenha os deveres que, nesta condição, lhe são atribuídos **3** infirm. Qualquer indivíduo; sujeito ° **c.do mundo** ou **do universo** pessoa que coloca suas obrigações para com a humanidade acima dos interesses de seu país ° GRAM fem.: *cidadã, cidadoa*; pl.: *cidadãos* ° ETIM cidade + *ao*.(Destaque do autor).

Silva (2010, p.53) afirma o que foi discutido acima sobre glossário. A autora em seu trabalho apresenta um glossário composto por vocabulários das Congadas de Catalão.

Cidadão, s. m. Dono de escravo.

Frente a estes dois exemplos percebe-se que além de objetivo o glossário é voltado para a realidade do contexto em que está inserido, diferente do dicionário que é amplo e engloba diferentes situações, culturas e povos.

O glossário é o vocabulário específico de uma obra ou de um autor. Para o presente trabalho escolheu-se esta forma de registro, pois trata-se de verificar expressões lexicalizadas consistentes em uma obra determinada.

O dicionário é mais que uma obra de referência é um “tesouro linguístico”, o qual abarca os conhecimentos, saberes de um povo. Sendo uma herança lexical, o dicionário é uma instituição simbólica a qual permite uma representação histórico-social, que funciona para a nação como um porta-voz, um instrumento que possui o “poder da palavra”. Assim, o dicionário tem a função em definir, informar, exemplificar unidades lexicográficas, etimológicas e semânticas. Logo, os dicionários monolíngues e bilíngues são portas de entrada para se conhecer melhor uma nação. Segundo Farias (2011, p.97) os dicionários são “mais do que um instrumento para arquivar, organizar e recuperar informações linguísticas, os dicionários são, antes de tudo, um registro da história do homem”. Registro que arquiva saberes de diferentes épocas, regiões e povos.

Os glossários são instrumentos para ajudar, facilitar o entendimento de algo, de alguma obra, comunidade ou língua, diferenciando do dicionário em relação a estrutura e especialidade. Ambos possuem o seu valor, mesmo após o surgimento do dicionário o glossário continua existindo, são perspectivas diferentes, pois cada um atende a uma necessidade específica.

As mudanças sociais, culturais e históricas são refletidas nos acervos lexicográficos, palavras ganham novas acepções, existem e/ou deixam de existir. “As obras dicionarísticas têm o papel de legitimar a língua, e converterem-se no testemunho vivo da constituição histórica do léxico, bem como da identidade das comunidades, numa esfera linguístico-cultural”. (MÜLLER et al., 2009, p. 1426) Tanto os dicionários como qualquer obra lexicográfica funcionam como um “arquivo” onde registram palavras, expressões que funcionam como voz da comunidade.

1.7 Expressões lexicalizadas

As expressões lexicalizadas, que também são nomeadas como expressões fixas ou cristalizadas, congeladas, são unidades lexicais formadas por mais de uma palavra e têm ocupado um lugar marginal na gramática. Todavia ganham espaço nos estudos do campo lexical.

Diante de alguns estudos e reflexões pode-se perceber que são muitas as terminologias para estas expressões: para, Saussure (1970) *agrupamentos*; para Bally (1961) *locuções fraseológicas*; para Pottier (1968) *lexia*; para Casares (1950) *locuções*.

Como existem várias terminologias para expressões lexicalizadas, também se reconhece que é difícil traçar uma fronteira clara entre o que é ou não cristalizada. Nestas agruras, este trabalho opta por empregar a palavra lexicalização com o mesmo sentido em que Coelho (2005) empregou em sua tese de doutorado. Para este autor, o termo expressa o processo em que as lexias se organizam sintaticamente passando a compor a estrutura lexical. Consequentemente os sintagmas passam a ser fixados, memorizados, entendidos e assimilados em conjunto, sem levar em conta o sentido unitário de cada lexia. E assim, estes sintagmas se cristalizam pelo frequente uso, como pé-de-moleque. Para chegar ao sentido geral, não se pode analisar vocábulo a vocábulo. Se for analisar lexia a lexia, esta expressão terá o sentido de “pé de um garoto”, quando analisada no total, dentro de um contexto sócio-cultural significa, doce de amendoim.

Pode-se perceber que as expressões se lexicalizam e ganham o sentido por serem repetidas várias vezes, a princípio pode ocorrer ou não um estranhamento, depois se tornam tão comuns para os falantes que ao proferirem nem percebem a organização estrutural. Muitas das expressões se lexicalizam de acordo com o espaço geográfico e cultural, o que pode ser comum para algumas pessoas para outras talvez não seja. O caso de “jogar uma pelada”, expressão peculiar a uma determinada região, comunidade ou grupo, pessoas que são externas a comunidade de fala que profere esta expressão talvez desconheça o sentido de que *jogar uma pelada* é igual a jogar futebol na rua, podendo relacionar jogo com nudez. Logo, analisar expressões lexicalizadas tem que ser inseridas em um contexto-socio-cultural para que tenha sentido, pois as lexias e as expressões lexicalizadas são inseridas e reproduzidas na comunidade linguística devido ao frequente uso.

Segundo Biderman (2001), existem dois testes para detectar se as lexias complexas já estão cristalizadas, o primeiro é da substituição, e o segundo é o da

inserção. O primeiro, quando não pode substituir a primeira palavra pelo sinônimo, a autora exemplifica com a expressão “Bom dia”. Se mudar o primeiro vocábulo para “Ótimo dia”, perderá a carga semântica da primeira expressão. Logo acredita-se que se não permite a substituição por uma palavra sinônima, a expressão já está lexicalizada. Já o teste de inserção é quando insere um elemento no meio da expressão e ela perde o sentido inicial. Outro exemplo usado por Biderman (2001) é “mercado negro”, perdendo a carga semântica se inserir “muito”, isto é “mercado muito negro.” Estes mecanismos são importantes meios, para identificar as expressões lexicalizadas, porém não sendo de valor absoluto e único.

Palmilhando no mesmo contexto, Sandman (1997) atribui a lexicalização, como idiomatização ou desmotivação. Ele utiliza o termo desmotivação por acreditar que com o passar do tempo, as palavras perdem a motivação inicial, sendo usadas, sem reflexão, em relação aos falantes. É o caso da palavra “vidinha”, esta lexia não tem semântica de diminutivo, ao falar que uma pessoa tem uma vidinha, não quer dizer que tem uma vida pequena, todavia no sentido lexicalizado, apresenta uma vida ruim, difícil. Para o autor, esta opacidade que se chama desmotivação ou lexicalização. Biderman (2001) define tais expressões como idiomatismos e para a autora são relações que não se resumem na soma dos vocábulos, mas o sentido é construído no total.

Para Sandman (1997), assim como para Coelho (2005), o processo de lexicalização não se analisa em partes, mas no geral. Nesta mesma ideia, este trabalho se apoia no pensamento de que “todo o processo que tenha como função ampliar ou renovar o léxico de uma língua. Toda forma significativa que entre no léxico, seja qual for o processo, entenderemos como lexicalização dessa forma” (COELHO, 2005, p.14). Isto é, os provérbios, as expressões idiomáticas, os ditados populares, os clichês, as locuções, são compostos por expressões prontas, memorizadas no todo.

As expressões lexicalizadas que a princípio são novidades, muitas vezes funcionam como neologismo, com o passar dos anos são usadas e aceitas de forma automática. Frente a isto, existe a visão conceptual que atribui um novo sentido a uma palavra ou sintagma que já existe. Como “Foi mal”, expressão que a princípio significava quando algo não tinha ido bem, foi mal, hoje é usada muitas vezes no lugar de desculpa, principalmente pelos adolescentes. Isto é, o sintagma que antes carregava uma carga semântica, hoje se apropria de uma nova acepção. Já a visão formal é quando tanto a lexia quanto o sintagma são inventados ou reformulados. Como “de mais da conta”, expressão que significa “muito, bastante”, dizer que “gosta de mais da conta” é

exteriorizar que gosta muito de algo. Expressão que foi criada, lexicalizada, porém não é usada e nem entendida por todos os brasileiros, sintagma que faz parte do acervo lexical principalmente dos moradores do centro-oeste. Sejam pela concepção formal ou conceptual, as novas lexias ou lexias ressignificadas são arquivadas na memória e refletidas na comunicação, contribuindo com a expansão e renovação do léxico.

Assim, em uma conversa o indivíduo se apropria de várias lexias, expressões prontas, as quais são agrupadas para a constituição da mensagem pretendida. À medida que as expressões e palavras são escolhidas imediatamente são estruturadas e proferidas. E na busca pela comunicação, lexias simples, compostas, complexas e textuais compõem o discurso. A lexia estrutural transcende o nível sintagmático, abrangendo o nível frasal e textual, como as citações, fragmentos, ditados populares ou provérbios.

Este trabalho propõe um glossário das expressões lexicalizadas existentes no romance *Pium*. Embora elas podem se apresentarem como palavras compostas (pé-de-moleque), locuções (a fim de que), interjeições (Ôta Lazeira!), expressões idiomáticas (casar na igreja verde), frases feitas (o prazer é nosso), ditados populares (pobre só achado para sê interrado). Neste trabalho considera-se todas estas especificações como sendo expressões lexicalizadas, sem fazer as distinções em que se apresentam. O que importa é arrolar as expressões lexicalizadas (unidades léxicas formadas por mais de uma palavra) e delas elaborar um glossário.

II PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo, sob olhares da Lexicologia e Lexicografia, apresenta a seleção do *corpus*, a análise dos dados, explicando a composição da macroestrutura e microestrutura das fichas lexicográficas e a formação do glossário.

2.1 Constituição e organização do *corpus*

O *corpus* deste trabalho compreende a obra *Pium* (1985), de Eli Brasiliense. Esta obra, tendo a primeira edição publicada em 1940 alcançou um grande sucesso em sua época. O romance, além de conquistar um grande público de leitores recebeu proposta para ser traduzido para o francês, e foi premiado com a Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos. Sendo um dos principais produtos literários da época e de uma representatividade sócio-cultural e linguística bem acentuada, justifica-se a escolha do mesmo para a produção deste trabalho.

O *corpus* foi selecionado manualmente, a partir da quarta edição, publicada em 1985. A obra foi analisada e estudada várias vezes e a cada vez que expressões lexicalizadas eram encontradas, ou mesmo as que despertavam possibilidades em ser, todas eram destacadas na própria obra. No segundo momento, as expressões foram transcritas da obra e organizadas em listas. Para aclarar a identificação das expressões lexicalizadas, foram feitos estudos sobre lexicologia e lexicografia os quais nortearam a seleção e formação do glossário. Com base nessas leituras, este estudo optou por trabalhar expressões lexicalização com a mesma definição que se encontra em Coelho (2005), a de que as expressões são sintagmas memorizados e cristalizados pelo uso, sendo pensados e usados em conjunto.

Na busca em aclarar os sentidos trazidos pelas expressões consultou-se o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2009) de Antônio Houaiss e o *Dicionário do Brasil Central – subsídios à Filologia* de Bariani Ortêncio (2009), e quando as expressões não eram elucidadas pelos dicionários, procurou-se compreender o seu significado pelo contexto da frase.

As obras lexicográficas de Houaiss (2009) e de Bariani Ortêncio (2009) foram escolhidas porque, além de serem obras que informam, esclarecem, transmitem o conhecimento aos consulentes de forma precisa e consistente, são obras de referência nos estudos lexicográficos.

Dicionário Houaiss da língua portuguesa (2009) de Antônio Houaiss é uma obra que amplia este estudo, por dois motivos: por abarcar expressões regionais e por apresentar não apenas lexias simples, mas por trazer um significativo número de lexias compostas e complexas, contribuindo, assim nos esclarecimentos de algumas expressões lexicalizadas.

Dicionário do Brasil Central – subsídios à Filologia de Bariani Ortêncio (2009) traz uma riqueza regional pertinente a esta pesquisa, por ser mais específico. Segundo Bariani Ortêncio (2009, p.06).

São portanto 200 anos de referências escritas e orais pesquisadas para elaborar este receptáculo da linguagem do Brasil Central, esta ampla região cultural que abrange o Triângulo Mineiro, o oeste baiano, o Mato Grosso, o Distrito Federal, o Tocantins e Goiás.

A obra é um compêndio que dicionariza muitas das expressões presentes na obra Pium, obra que retrata um espaço geográfico que na época de sua constituição pertencia ao estado de Goiás. Segundo Ortêncio (2009, p.06) sua obra não é apenas uma obra de consulta, sendo

uma verdadeira fonte informação cultural e referência para quantos se interessam pelas coisas deste imenso Brasil Central. Lendas, descrições de festas, danças e folguedos, ao lado de sinônimos e expressões idiomáticas, incluindo jargões das atividades típicas da região- garimpo, pecuária, agricultura-, mas também, frutas, bichos nomes geográficos da região, em especial de Goiás e do Tocantins, com todas as suas cidades e gentílicos. Nas próximas edições, espera-se estender a lista para outras cidades da região.

Frente a esta reflexão, compreende-se a importância de consultar uma obra a luz de elementos culturais peculiares a região analisada. Assim como Eli Brasiliense, Bariani Ortêncio ressalta as riquezas culturais, geográficas e linguísticas de Goiás. Ambos os materiais foram importantes para o desenvolver da pesquisa quer quanto à produção das fichas lexicográficas e quer quanto a elaboração do glossário.

2.1.1 Sistematização do *corpus*

O *corpus* foi organizado da seguinte maneira: 1) No decorrer das diversas leituras todas as expressões consideradas lexicalizadas foram assinaladas na própria obra; 2) no segundo momento, essas expressões foram registradas em listas preliminares; 3) O material coligido foi organizado em fichas lexicográficas; 4) Procurou-se o significado nos dicionários sistematizando-os. E por fim, as expressões que não possuíam o sentido dicionarizado, de acordo com o contexto foram criados e apresentados em um glossário.

O primeiro procedimento foi feito manualmente, na medida em que a obra foi estudada. As expressões encontradas foram marcadas, como se pode ver no exemplo abaixo:

A seu lado, na boléia empoeirada, um passageiro de luto olhava distraidamente a paisagem ao longe. O horizonte se mostrava limpo, na inconsistência azulada da imensidade. De repente o chofer levou a mão à alavanca de mudança, e passou o carro para segunda.

— Motor como este acho que não apareceu igual nestas banda. O danado puxa como quê. Ladeira pra êle é café pequeno, leva tudo de colher.

Fac- símile da p. 07 da obra *Pium* (1985).

Neste primeiro momento todas as expressões lexicalizadas foram marcadas, não importando a que categoria pertencesse.

O segundo procedimento foi anotar as expressões lexicalizadas em listas preliminares. Segue o modelo de uma lista.

À beça
A casa é sua
À custa de
À frente
A granel
À míngua
A pé
Às pressas

Ao invés de
Às suas ordens
Abrir o bico
Água do coco é quente quem manda aqui é outra gente
Água na boca!
Além disso
À-toa
Amarrar o facão
Andar vasqueiro
Até logo

Baixa da égua
Bate-papo
Bater as alpercatas no mundo
Batuta numa cuia de jacuba!
Biscoito de sebo!
Boa viagem!
Bom de garfo
Brincadeira de mau gosto

Cabeça em pé!
Cabra macho!
Cada louco tem sua mania
Cair fora
Cai não cai
Caixa de catarro
Câmbio negro
Cara azeda
Casar na igreja verde
Certo dia
Chupar o dedo
Coco sadio
Como quê
Comprar zuada
Conversa mole
Coque seco
Corpo fechado
Corre-corre
Cravo das meninas
Cutucar da espora

Danado de X
Daqui e dacolá
Dar cá aquela palha
Dar camisa
Dar com o refe
Dar dinheiro
Dar facada
Dar graças a Deus
Dar licença

De boca em boca
De boca escancarada
De cara feia
De colher
De cor
De fato
De hora em hora Deus melhora
De mão em mão
De papo para o ar
De rachar
De repente
De vez em quando
Deus com gancho e São Pedro com garrancho
Deus livre e guarde
Diabo de saia
Dito e feito
Do bom e do melhor
Do peito

Empurrar numa cerca podre
Enfiar a peia
Então até
Entrar por uma porta e sair por outra
Êpa! Ôpa! Êpa! Ôpa!
Escarrado e cuspidor
Esperar aí
Estar brincando
Estar cheia até na tampa
Estar doido
Estar por conta
Estar tudo perdido
Esticar as canela
Eta mundo!

Faz não sei quanto tempo
Fazer dó
Feito praga
Fiapo por fiapo
Filho da polícia!
Forrobodó em forrobodó
Filho da mãe!
Fim de mundo
Fora de hora
Fugir à regra

Ganha-pão
Gata relaxada!
Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens de boa vontade!
Gente mole
Gute- gute

Hora fatal
Hora para hora

Ir amolar o boi
Ir com Deus
Ir e voltar
Ir para diabo
Ir para o inferno!
Ir tomar banho

Jogar nas costas largas

Lavar com suor alheio
Leão do norte
Leite de Nossa Senhora
Lero-lero
Lufa-lufa
Luxo desse bucho!

Mais do que eu
Mais um ou menos um
Mal aventureados
Mas francamente!
Mata-burro
Meio pedra meio tijolo
Minha filha
Mudar de rumo
Mulher dama
Mulher é mesmo como carrapato, quanto mais a gente machuca mais ela agarra

Na batata
Na certa
Não custa
Não saber quantas pernas tem um A
Não ser de brincadeira
Não servir nem para sabão
Nariz de sino
Não ir com a cara
Nem é bom falar!
Nem paga a pena
Nem pintado!
No pau da goiaba

O café bom é como o perfume bom
Oco de mundo
Olhar de bisturi
O prazer é todo nosso
Os dedos da mão não são iguais
O meu fraco

O sol nasceu pra todos
Ôta lazeira!

Para brisa
Para baixo todos santos ajudavam
Parafusar a bola
Passar a perna
Passar bem
Passar o rabo do olho
Passar os olhos
Pé-de-meia
Pedir padre Nosso com Ave Maria!
Pé direito
Pelo amor de Deus
Pelo menos
Pinta brava
Pintar os canecos!
Podre de rico
Por aí
Por certo
Povo sumido
Pra lá de
Pra lá e pra cá
Prazer em conhecer
Puxar uma soneca

Qual x, qual nada
Que a virgem sirva de guia
Quem é vivo sempre aparece
Querer bancar

Rabo da avó
Rabo de saia
Rabo do mundo
Rabo grosso

Se Deus quiser
Sem demora
Sem fé
Sem tugar nem mugir
Ser besta
Ser capaz em apostar
Ser da mesma laia
Ser mole
Ser o diabo
Ser um deus nos acude
Ser um pinta
Ser uma pechincha
Ser uma ova
Só acha dado pra ser enterrado

Só vendo
 Sofrer sorrindo
 Sua Vírgula
 Sumir no mundo
 Suor alheio

 Tempo da onça
 Ter a impressão
 Ter filho no mato
 Ter língua de sapo
 Ter o cobre para o sabonete!
 Ter parte com o cão
 Terror de Goiás
 Tirar orelha
 Todo mundo
 Toda vez que
 Tomar fôlego
 Trem ficou preto
 Tuque-tuque

 Um pedaço do céu e um pedaço de inferno
 Uma Joana
 Uns tomate!

 Valer a pena
 Vai ou racha
 Valer por cem!
 Valer por dez
 Vai e vem
 Vai não vai
 Vice-versa
 Vir sujeira do fundo
 Viver atolado na nota
 Viver da cintura para cima
 Viver numa pendenga

Lista 1- Seleção preliminar das expressões lexicalizadas.

O terceiro passo foi organizar em fichas lexicográficas o material coligido. Para tanto teve-se que elaborar um modelo mais adaptado a este trabalho.

Número da ficha – **Expressão Lexicalizada**

Abonação

Registro em dicionários

1. Houaiss:

2. Ortêncio:

Lista 2 - Exemplo de ficha lexicográfica.

Para a organização das fichas foram adotados os seguintes procedimentos:

1) A ficha é registrada por número arábico a esquerda. A entrada é composta por uma expressão lexicalizada em forma maiúscula, negrita, singular, masculina e os verbos no infinitivo, porém em alguns casos, quando necessário, os verbos virão conjugados. A entrada será apresentada de acordo com a norma de cultura letrada, se a obra trazer alguma distinção, esta aparecerá na abonação.

Exemplo:

Ficha 4 - **De boca em boca**

Lista 3 - Exemplo de entrada.

2) A abonação vem abaixo da entrada, em itálico. Em algumas situações são transcritas a frase inteira, em outras apenas o necessário para compreensão almejada, sendo levado o contexto em que a expressão está inserida. Se a abonação for somente parte da frase, o suprimido será representado por colchetes e três pontos [...]. Mesmo que na entrada a palavra esteja na forma masculina, singular e o verbo no infinitivo, as abonações registram de forma fiel. Nas abonações, as expressões aparecem sublinhadas para facilitar a identificação. No final destas aparece a abreviação do nome do autor e da obra (BP), seguido por página e a linha em que se encontra a expressão lexicalizada.

Exemplo:

“A pergunta corria de bôca em bôca. Todo mundo queria saber quais eram os protagonistas do novo sururu” (BP- 72, linha 02).

Lista 4 - Exemplo de abonação.

3) Abaixo do subtítulo *Registro em dicionários* aparecem as definições encontradas. Quando expressões não são encontradas, usa-se n/e (não encontrado). Primeiro aparece o “nome” de um dos autores do dicionário *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2009), Houaiss, e Ortêncio representando sua obra lexicográfica *Dicionário do Brasil Central – subsídios à Filologia* (2009). As definições dicionarizadas que não abarcam os sentidos desejados são excluídas das fichas e do glossário. Ambos são seguidos por definição e a página entre parentes.

Exemplo:

Registro em dicionários

1. Houaiss: Por transmissão oral, geral e rápida (p.302).
2. Ortêncio: n/e

Lista 5 - Exemplo de registro em dicionários.

Sendo de suma importância para este estudo, a ficha lexicográfica nos permite verificar se as expressões lexicalizadas da obra são dicionarizadas, em qual dicionário que aparece e sua classificação. Sendo a base do Glossário, as fichas contemplam todas as expressões lexicalizadas com seus respectivos sentidos. O Glossário resulta na organização, pesquisa e sistematização de todas estas expressões lexicalizadas.

2.2 Composição do Glossário

Constituído por 223 expressões lexicalizadas, o Glossário abarca tanto as expressões dicionarizadas como as que não são. Os sentidos das expressões que não são abordados pelas obras lexicográficas consultadas são definidos a partir do contexto em que aparecem nas abonações. Não são definidos apenas os sentidos das expressões não dicionarizadas, mas também os das expressões cujo sentido dicionarizado não corresponda a aceção apropriada decorrente do contexto da obra estudada.

O Glossário seguiu a seguinte estrutura:

- 1) As entradas são inseridas em ordem alfabética, caixa alta, negrito, singular, masculino, e os verbos no infinitivo, assim como apareceram nas fichas lexicográficas.
- 2) São apresentados os sentidos dos dicionários Houaiss (H), e/ ou do Ortêncio (O), ou se não for dicionarizados por estas obras, aparecerá um sentido descrito de acordo com o contexto em que a expressão aparece na obra, indicado por (N/D). Quando a expressão constante no dicionário não constar o mesmo sentido usado na obra, será indicado (N/E), isto é, sentido não encontrado.
- 3) Depois da(s) definiç(ões) é apresentada a abonação, em itálico e entre aspas, com a página e linha onde a expressão se encontra na obra analisada.

Exemplo:

CASAR NA IGREJA VERDE Amigar (O- 389). “[...] *A bichinha era fogosa demais pra esperar casamento. Casou, mais foi na igreja verde...*” (BP-10, linha 25).

Lista 6 - Exemplo de um verbete do glossário com uma abonação.

4) Em alguns verbetes foram apresentados mais de uma abonação. Para separar as abonações foi usado o símbolo (//) para expressar a passagem de uma abonação para outra.

NA BATATA Na hora; No alvo (N/D). “[...] *Pra garimpeiro é tudo danado de caro. Tá na moda cobrá caro. Eu por exemplo cobro passage de gente qui vai pro garimpo é ali na batata. Agora assim pro senhor qui vai pro exército, vai defender nosso Brasil, é diferente[...]*” (BP- 08, linha 09). // “- *Conheço dimais! Êta lugar pra lá de bonito! Cadê aquele zebu azulêgo qui o senhor tinha? -Já enjeitei oitocentos contos por êle, na batata. Deixa o bicho lá mesmo*” (BP- 40, linha 09).

Lista 7- Exemplo de um verbe do glossário com mais de uma abonação.

2.3 Análises dos dados

Das 223 expressões lexicalizadas organizadas em fichas lexicográficas, constata-se que 96 são dicionarizadas e 127 não dicionarizadas, como pode-se visualizar o gráfico abaixo:

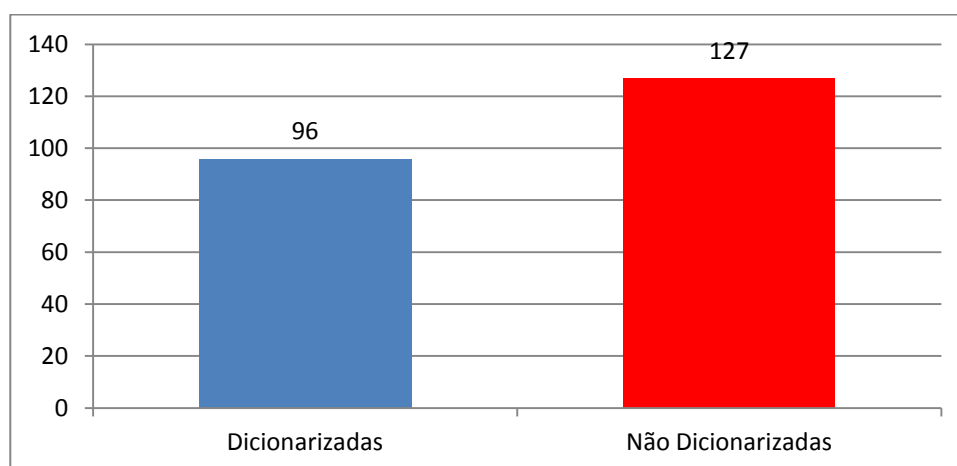


Gráfico 1- Número de lexias dicionarizadas e não dicionarizadas.

Das 96 expressões dicionarizadas, 39 aparecem no Houaiss, 22 no Ortêncio e 35 em ambos os dicionários, como se vê no gráfico abaixo:

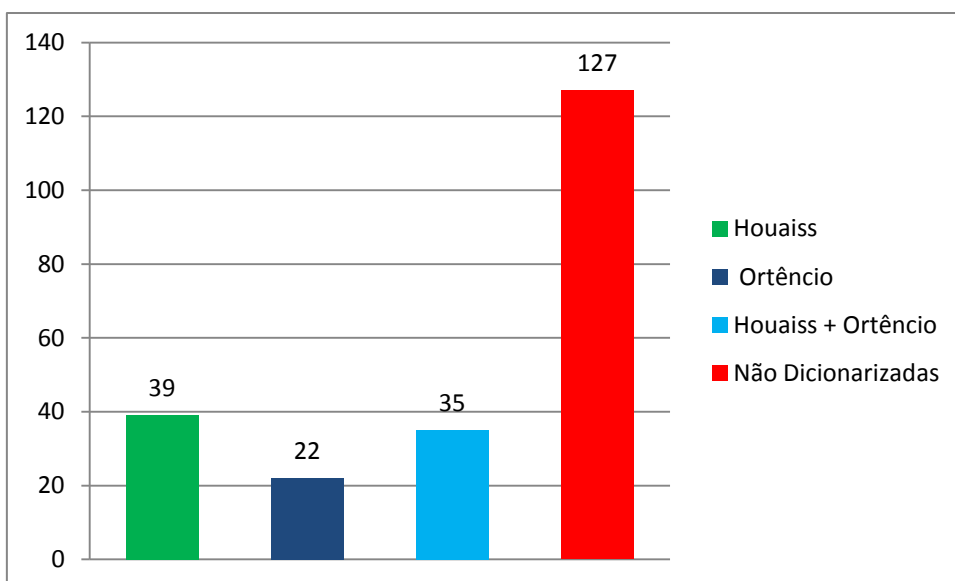


Gráfico 2- Número de lexias encontradas em cada dicionário.

Nesse gráfico, as 223 lexias estão organizadas em quatro grupos: a barra verde representa as lexias encontradas no Houaiss, a azul escuro no Ortêncio, Azul Claro, corresponde as expressões disponibilizadas no Houaiss e no Ortêncio e a barra vermelha representa as não dicionarizadas. O gráfico a seguir mostra o número de expressões e a porcentagem em que cada dicionário contempla:

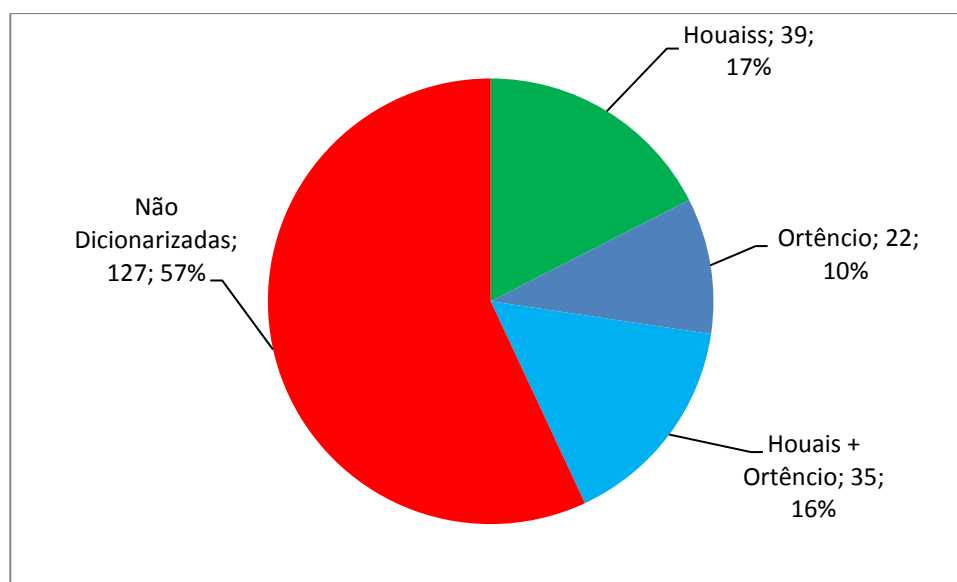


Gráfico3: Distribuição percentual das lexias em cada dicionário.

Com este gráfico pode-se perceber que 57% das expressões analisadas não são dicionarizadas, sendo apenas 43% encontradas nas obras lexicográficas consultadas.

Nesta tabela pode-se observar a distribuição verificada das expressões nos dicionários.

Houaiss	Ortêncio	Houaiss e Ortêncio	N/ D
-À beça	- À-toa	-A pé	-A casa é sua
-À custa de	- Amarrar o facão	-Abrir o bico	-Ás suas ordens
- À frente	- Cada louco tem sua mania	- Água na boca!	-Água do coco é quente quem manda aqui é outra gente!
-A granel	- Casar na igreja verde	- Bate-papo	- Andar vasqueiro
- À míngua	- Chupar o dedo	- Bom de garfo	- Baixa da égua
-Às pressas	- De cara feia	- Cair fora	- Bater as alpercatas no mundo
-Ao invés de	- De hora em hora - Deus melhora	- Caixa de catarro	- Batuta numa cuia de jacuba!
- Além disso	- Deus livre e guarde	- Conversa mole	- Biscoito de sebo!
- Até logo	- Diabo de saia	- Corpo fechado	- Boa viagem!
- Cabra macho!	- Dito e feito	- Corre-corre	- Brincadeira de mau gosto
- Cai não cai	- Eta mundo!	- Dar facada	- Cabeça em pé!
- Câmbio negro	- Ir tomar banho	- De colher	- Cara azeda
- Como quê	- Leite de Nossa Senhora	- Do peito	- Certo dia
- De boca em boca	- Mulher dama	-Escarrado e cuspidor	- Coco sadio
- De cor	- No pau da goiaba	- Estar por conta	- Comprar zuada
- De fato	- Podre de rico	- Esticar as canela	- Coque seco
- De mão em mão	- Quem é vivo sempre aparece	-Filho da mãe!	- Cravo das meninas
- De papo para o ar	- Ser besta	- Fim de mundo	- Cutucar da espora
- De repente	- Ser mole	- Fora de hora	- Danado de X
- De vez em quando	- Tirar orelha	- Lero-lero	- Daqui e dacolá
- Do bom e do melhor	- Tuque-tuque	- Mata-burro	- Dar cá aquela palha
- Ganha-pão	- Vai e vem	- Oco de mundo	- Dar camisa
- Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens de boa vontade!		- Para- brisa	- Dar com o refe
- Ir amolar o boi		- Passar a perna	- Dar dinheiro
- Lufa-lufa		- Passar o rabo do olho	- Dar graças a Deus
- Mal aventurados		- Pé-de-meia	- Dar licença
- Na certa		- Pé direito	- De boca escancarada
- Não ser de brincadeira		- Pinta brava	- De rachar
- Passar bem		- Pintar os canecos!	- Deus com gancho e São Pedro com garrancho
- Pelo amor de Deus		-Rabo de saia	- Empurrar numa cerca podre
- Pelo menos		- Sem tugar nem mugir	- Enfiar a peia
- Por aí		- Ser um deus nos açude	- Então até
- Por certo		- Tempo da onça	
- Pra lá de		- Todo mundo	
- Sem demora		- Vai não vai	
- Ser uma ova			
- Valer a pena			

<p>-Vai ou racha - Vice-versa</p>			<p>- Entrar por uma porta e sair por outra - Êpa! Ôpa! Êpa! Ôpa! - Esperar aí - Estar brincando - Estar cheia até na tampa - Estar doido - Estar tudo perdido - Faz não sei quanto tempo - Fazer dó - Feito praga - Fiapo por fiapo - Filho da polícia! - Forrobodó em forrobodó - Fugir à regra - Gata relaxada! - Gente mole - Gute- gute - Hora fatal - Hora para hora - Ir com Deus - Ir e voltar - Ir para diabo - Ir para o inferno! - Jogar nas costas largas - Lavar com suor alheio - Leão do norte - Luxo desse bucho! - Mais do que eu - Mais um ou menos um - Mas francamente! - Meio pedra meio tijolo - Minha filha - Mudar de rumo - Mulher é mesmo como carrapato, quanto mais a gente machuca mais ela agarra - Na batata</p>
---------------------------------------	--	--	--

			<ul style="list-style-type: none">- Não custa- Não saber quantas pernas tem um A- Não servir nem para sabão- Nariz de sino- Não ir com a cara- Nem é bom falar!- Nem paga a pena- Nem pintado!- O café bom é como o perfume bom- Olhar de bisturi- O prazer é todo nosso- Os dedos da mão não são iguais- O meu fraco- O sol nasceu pra todos- Ôta lazeira!- Para baixo todos santos ajudavam- Parafusar a bola- Passar os olhos- Pedir Padre-Nosso com Ave Maria!- Povo sumido- Pra lá e pra cá- Prazer em conhecer- Puxar uma soneca- Qual x, qual nada- Que a virgem sirva de guia- Querer bancar- Rabo da avó- Rabo do mundo- Rabo grosso- Se Deus quiser- Sem fé- Ser capaz em apostar- Ser da mesma laia- Ser o diabo- Ser um pinta- Ser uma pechincha
--	--	--	---

			<ul style="list-style-type: none"> - Só acha dado pra ser enterrado - Só Vendo - Sofrer sorrindo - Sua Vírgula - Sumir no mundo - Suor alheio - Ter a impressão - Ter filho no mato - Ter língua de sapo - Ter o cobre para o sabonete! - Ter parte com o cão - Terror de Goiaz - Toda vez que - Tomar fôlego - Trem ficou preto - Um pedaço do céu e um pedaço de inferno - X- uma Joana - Uns tomate! - Valer por cem! - Valer por dez - Vir sujeira do fundo - Viver atolado na nota - Viver da cintura para cima - Viver numa pendenga
--	--	--	--

Tabela 3- Expressões lexicalizadas separadas por dicionários.

Das expressões encontradas em dicionários há algumas particularidades que merecem destaque:

- 1- As expressões lexicalizadas encontradas no dicionário Houaiss apresentam, na grande maioria, apenas uma interpretação denotativa;
- 2- Grande parte das expressões verificadas no dicionário Houaiss não são peculiares a região centro-oeste, mas de uso geral no país.
- 3- Antes de algumas definições, o dicionário Ortêncio traz a marca “sabedoria popular” para referir a expressões ligadas ao saber cultural e lexical de um povo.
- 4- As expressões encontradas nos dois dicionários apresentam sentidos denotativos e conotativos.
- 5- Grande parte das unidades não dicionarizadas expressa comparação e metáfora.

III FICHAS LEXICOGRÁFICAS

Ficha 1 – À beça

“[...] No garimpo havia dinheiro à beça. Havia miséria e imundície a granel. Havia gente como formiga [...]” (BP- 24, linha 03).

Registro em dicionários

1. Houaiss: 1- Em grande quantidade, em profusão. 2 Em grande intensidade, ao extremo (p.271).

2. Ortêncio: n/e

Ficha 2- A casa é sua

“Há um ano, tio Januário, com uma moça de Natividade, normalista, estudou no colégio das freiras em Pôrto Nacional. O senhor vai gostar dela. Vamos afundando, tio. A casa é sua” (BP- 81, linha 23).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 3- À custa de

“-[...] Faziam a bôca tomar formas diferentes, à custa do baton. De vez em quando amanheciam com o cabeludo louro [...]” (BP-23, linha 34).

Registro em dicionários

1. Houaiss: 1-Às expensas de. 2- Com sacrifício de (p. 590).

2. Ortêncio: n/e

Ficha 4 – À frente

“Momentos depois uma nuvem de poeira se levantava bem distante, à frente [...]” (BP-12, linha 31).

“[...] Teve a impressão de estar nua, à frente do homem de sorriso cínico que lhe oferecia uma oportunidade de obter tanta coisa bonita. Sentia faltar-lhe o fôlego. Fazia calor demasiadamente [...]” (BP-24, linha 24).

Registro em dicionários

1. Houaiss: 1-Em posição dianteira, na vanguarda. 2-Ao comando, à direção (p.929).
2. Ortêncio: n/e

Ficha 5 – **A granel**

“[...] No garimpo havia dinheiro à bessa. Havia miséria e imundície a granel. Havia gente como formiga” (BP-24, linha 04).

Registro em dicionários

1. Houaiss: 3- *fig.* Em grande quantidade; a rodo (p.9850).
2. Ortêncio: n/e

Ficha 6 – **À míngua**

“[...] Gente que chegava a pé, de saco às costas, se metia em locas de pedras, onde muitas vezes permanecia constantemente, à míngua de meios para construir um rancho” (BP-18, linha 06).

Registro em dicionários

1. Houaiss: Num estado de extrema pobreza, na miséria, na penúria (p.1249).
2. Ortêncio: n/e

Ficha 7- **A pé**

“[...] Gente que chegava a pé, de saco às costas [...]” (BP-18, linha 04).

Registro em dicionários

1. Houaiss: Com os próprios pés; caminhando (p.1453).
2. Ortêncio: Andando, caminhando (p.564).

Ficha 8 – Às pressas

“[...] Armavam-se barracas às pressas [...]” (BP-18, linha 03).

Registro em dicionários

1. Houaiss: Com grande rapidez (p.1547).
2. Ortêncio: n/e

Ficha 9 – Ao invés de

“- Parece qui ficou matuto depois qui veio pro garimpo, Rita? Essa minina anda meia isquisita, comadre. No meio de tanto povo viajando, in vez de desasná mais, tá é ficando bôba!” (BP- 38, linha 09).

Registro em dicionários

1. Houaiss: Ao inverso de, ao contrário de (p.1105).
2. Ortêncio: n/e

Ficha 10- Às suas ordens

“Empertigou-se todo, ajeitou o paletó.
- Minha senhora, prazer em conhecê-la. Disponha de um criado, e se for ao Rio minha casa está às suas ordens” (BP- 64, linha 33).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 11- Abrir o bico

“[...] Entendo tanto de cristal como de medicina. O essencial é analisar a partida de modo a passar a perna nessa meia dúzia de imbecis que nada entendem do assunto. A firma paga bem, é só o que me interessa. Estou abrindo o bico porque sei que estou em família...” (BP- 82, linha 35).

Registro em dicionários

1. Houaiss: 1- Falar ou falar demais. 2-Denunciar, delatar. 4 confessar delito ou crime (p.286).

2. Ortêncio: Contar o que sabe (p.100).

Ficha 12- Água do coco é quente quem manda aqui é outra gente!

“[...]Tou por sua conta só até no garimpo. Água do côco é quente quem manda aqui é outra gente” (BP- 11, linhas 17 e 18).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 13- Água na boca!

“Êta torresminho que dá água na bôca! Isto mais uma farinha bem feita... nem é bom falar!” (BP-27, linha 11).

Registro em dicionários

1. Houaiss: Forte vontade de comer, grande apetência; grande desejo (p.73).

2. Ortêncio: Grande desejo (p.30).

Ficha 14 – Além disso

“[...] Aquêle era um ambiente sério. Precisava impressionar bem a bela companheira de Domingo Fernandes. Além disso o dr. era dado a conquistas” (BP- 62, linha 11).

Registro em dicionários

1. Houaiss: Ademais. De mais a mais (p.89).

2. Ortêncio: n/e

Ficha 15 – À-toa

“[...] Lenços de côres vivas, pulseiras largas, vestidos os mais diferentes e espalhafatosos, muito riso louco, muita cantiga à-tôa” (BP- p.09 linha 33).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: 1-Inútil; desprezível. 2-Sem ocupação; sem o que fazer (p.61).

Ficha 16 – **Amarrar o facão**

“Ele era uma exceção naquelas paragens. Tinha sòmente uma filha. O resto era filho todo ano. De dez em 10 meses, até a mulher “amarrar o facão”, no dizer dos sertanejos” (BP- 55, linha 24, destaque do autor).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: Não praticar mais relações sexuais, em virtude da idade avançada (p.316).

Ficha 17- **Andar vasqueiro**

“- Isso é bondade sua. Dinheiro hoje anda vasqueiro. Essa garimpeirada é que vive atolada na nota, mas bota tudo fora” (BP- 60, linha 25).

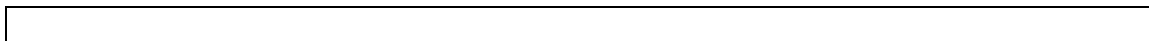
1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 18 – **Até logo**

“-Até logo, Zé do Carmo” (BP- 68, linha 05).

Registro em dicionários

1. Houaiss: Saudação de despedida indicativa de uma intenção de reencontro; até mais, até mais ver (p.1193).
2. Ortêncio: n/e



Ficha 19- Baixa da égua

“-A festa foi só ontem. Vá beber sua pinga na baixa da égua, que vou tratar dos meus negócios”! (BP- 79, linhas 07 e 08).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 20- Bate papo

“Menina, desculpe. Fiquei batendo o papo com esse menino velho do peito e estou cometendo uma imperdoável falta de cortezia. Como foi que você teve coragem de unir seu destino a um coió como o Domingos? (BP- 83, linha 02).

Registro em dicionários

1. Houaiss: 1- Conversa informal, animada e despreziosa; papo, cavaco. 2- Conversa, diálogo (p.267).

2. Ortêncio: Prosear; conversar amistosamente (p.90).

Ficha 21- Bater as alpercatas no mundo

“Os mendigos fugiram, como coelhos assustados, enfiando-se por um bêco que servia de privada pública durante a noite.

Raimundo Pontaria, com mais dois crimes de morte no lombo, bateu as alpercatas no mundo e dele ninguém mais teve notícias” (BP- 73, linha 06).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 22- Batuta numa cuia de jacuba!

“Zé do Carmo não conciliava o sono. Cismava dentro da escuridão. Davam cambalhotas pela sua cabeça os mais descontraídos pensamentos. Lembrava-se de tempos longínquos, quando era bem jovem. Como tinha sido bom o seu tempo de barqueiro! Forte, peito largo, bom no remo e no varejão, batuta numa cúia de jacuba! (BP- 53, linha16).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 23- **Biscoito de sebo!**

“- *Espera aí que te encho o nariz de tapa agora mesmo, cabritinha metida a biscoito de sêbo!*” (BP- 118, linha 21).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 24- **Boa viagem!**

“[...] *Bem, Neco então até...*
– *Boa viagem!*” (BP-11, linha 26).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 25- **Bom de garfo**

“*Naquêlê dia podiam comer mais. Havia um de menos. Marcelino era bom garfo*” (BP-47, linha 12).

Registro em dicionários

1. Houaiss: Pessoa que come bem; comilão (p.954).
2. Ortêncio: Comilão (114).

Ficha 26- **Brincadeira de mau gosto**

“*Para cavar a barriga da mulher, coisa feita em poucos minutos, os médicos*

cobrariam um absurdo, e agora êle teria de cavar chão sem descanso para pagar aquela brincadeira de mau gosto” (BP- 79, linhas 18 e 19).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 27- **Cabeça em pé!**

“- É porque acho qui o home qui vive em paz com sua consciença, não precisa dobrá o espinhaço pra entrá em sua casa. Entra mais é desimpenado, com a cabeça em pé!” (BP- 20, linha 11).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 28 – **Cabra macho!**

*“-Balanciê! Túuu! Treversê! É mintira!
- Corre o dedo nêsse fole, cabra macho! - gritou Aristides, o dono do frege.
O sanfoneiro firmou o queixo no instrumento e apressou o compasso” (BP- 75, linha 11).*

Registro em dicionários

1. Houaiss: Indivíduo corajoso, decidido, valente; cabra da peste, cabra-onça, cabra-seco, cabra-topetudo (p.349).

2. Ortêncio: n/e

Ficha 29- **Cada louco tem sua mania**

“-O meu fraco é a sindicalização, minha senhora. Cada louco tem sua mania. O trabalhador hoje é o centro do interesse nacional, e portanto deve ser encarado pelo prisma da justiça social [...]” (BP- 62, linha 18 e 19).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: Sabedoria popular (p.441).

Ficha 30- Cair fora

“-Ora! Vai amolar o boi. Toma isto e cai fora, vai pro diabo, gata relaxada!” (BP- 22, linha 15).

Registro em dicionários

1. Houaiss: 1- Sair, ir embora; dar o fora; mandar-se, retirar-se. 2- Fugir; escafeder-se (p.362).

2. Ortêncio: Eximir-se de fazer algo; tirar o corpo fora (p.340).

Ficha 31 – Cai não cai

“A velha Germana, companheira do tio Romão, ainda vivia em Pôrto Nacional, cái-não-cái nas grotas feitas pelas enxurradas. O chicote do velho Romão lhe dava vida, mas a surra constante da vida lhe tirara tôdas as fôrças. Era um caco de gente” (BP- 56, linha 11).

Registro em dicionários

1. Houaiss: 1- Que tem ou está com pouco equilíbrio ou prestes a cair; que está em situação precária, sem estabilidade ou à beira do fracasso ou da bancarrota (p.362).

2. Ortêncio: n/e

Ficha 32- Caixa de catarro

“[...] Tem um bobinho que tosse feito cão. Acho que o coisa tá é com a tuberca velha na caixa de catarro [...]” (BP- 42, linha 04).

Registro em dicionários

1. Houaiss: 2-O tórax ou os pulmões (p.362).

2. Ortêncio: Peito; tórax (145).

Ficha 33 – Câmbio negro

“[...] Carrega passageiro e compra cristal, vende trem no câmbio negro [...]” (BP- 14, linha 03).

Registro em dicionários

1. Houaiss: Mesmo que câmbio paralelo. 1- Mercado ilegal de moeda estrangeira, que não obedece às taxas e especificações determinadas pelo governo no câmbio oficial; câmbio negro taxa de câmbio fixada por esse mercado (p.376).

2. Ortêncio: n/e

Ficha 34- Cara azeda

“Desceu do carro assoviando, sem nenhum indício de contrariedade. O dr. Alcides ficou com uma cara bastante azêda, descendo também para olhar Silvestre fazer o consêrto, e Domingos ajeitou-se na boléia para puxar uma soneca” (BP- 44, linha 16).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 35 – Casar na igreja verde

“[...] A bichinha era fogosa demais pra esperar casamento. Casou, mais foi na igreja verde...” (BP- 10, linha 25).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: Amigar (p389).

Ficha 36- Certo dia

“[...] Provocou muitas brigas, pois adquirira uma agilidade espantosa, e quando encontrava uma mulher de jeito para beliscar, mudava de lugar como por encanto. Certo dia, porém, foi beliscar a mulher de um sanfoneiro avalentado e não teve tempo de esconder-se. O homem sacou de uma garrucha e com um tiro certo vingou o beliscão nas nádegas de sua espôsa” (BP- 70, linha 28).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 37 – **Chupar o dedo**

“[...] A bichinha era fogosa demais pra esperar casamento. Casou, mais foi na igreja verde...”

-E o Benedito, noivo dela?

- Ficou chupando o dedo” (BP-10, linha 27).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: Ficar em desvantagem (p. 261).

Ficha 38- **Coco sadio**

“-Isto é que é bahiano de côco sadio- dizia ela às amigas. Home qui faz jornal é mais home qui os outro, ninguém duvida!” (BP- 85, linha 06).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 39 - **Como quê**

“-Motor como este acho que não apareceu igual nestas bandas. O danado puxa como quê. Ladeira para êle é café pequeno, leva tudo de colhér” (BP- 07, linha 11).

Registro em dicionários

1. Houaiss: 1-De modo incomparável, muito bem. 2-Em grande quantidade ou intensidade (p.1587).
2. Ortêncio: n/e

Ficha 40- Comprar zuada

“-Mas o senhor é que atravessou no meu caminho!

-Tá vendo, cabo? Esse freguêis tá querendo comprá zuada. Nois tamo aqui é pra mantê a orde, não é, cabo?”(BP- 86, linha 16 e 17).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 41- Conversa mole

“[...] Essa questão de canudo e anel no dedo é conversa mole” (BP-41, linhas 23 e 24).

Registro em dicionários

1. Houaiss: Mesmo que conversa fiada; conversa à toa, sem relevância, lero-lero. Palavreado com intuito de enganar; falsidade (p.542).

2. Ortêncio: 1- Invenção de assunto. 2- Assunto que procura convencer (p.232).

Ficha 42 – Coque seco

“O militar subiu o s degraus. Uma pedra rolou e bateu na testa macerada do defunto, fazendo um cóque sêco, como se batesse numa cabeça vazia (BP- 52, linha 09).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 43- Corpo fechado

“- Ele hoje “come” qualquer um na bala!

-Sai daí, negrada! Raimundo Pontaria hoje virou o diabo dos inferno! Aquela disgrama tem o corpo fechado! Arreda, cabroeira!”(BP- 72, linha 22, destaque do autor) .

“Domingos lembrou-se naquele instante de velhas histórias de gente que tinha o corpo fechado, que dava a alma ao diabo para se tornar invencível” (BP- 87, linha 06).

Registro em dicionários

1. Houaiss: Corpo supostamente invulnerável a perigos ou males (p.554).
2. Ortêncio: Sinônimo de fechar o corpo. [...] 2 Tornar o corpo imune a facada, tiro, picada de cobra, feitiços, etc (p.236).

Ficha 44- **Corre-corre**

“Diversos tiros para o lado de um boteco interromperam a conversa dos mendigos. Formou-se um bôlo de gente para ver o motivo daquela desordem. Iniciou-se um corre-corre subitâneo, coisa muito natural naquele lugar sempre agitado” (BP- 71, linha 32).

Registro em dicionários

1. Houaiss: 1-Correria (p.555).
2. Ortêncio: Rebulição de pessoas; correria de um lugar a outro (p.236).

Ficha 45- **Cravo das meninas**

“Cravo das meninas” (BP- 12, linha22 e 23, destaque do autor).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 46- **Cutucar da espora**

“Quando o mundo sentiu apavorado o pêso da bota nazista, e experimentou no lombo o cutucar da espora da opressão, ouviu-se um grito quase angustiado, um grito, porém, salpicando de confiança: [...]” (BP- 17, linha 23).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 47- **Danado de X**

“[...] *Pra garimpeiro é tudo danado de caro[...]*” (BP- 08, linhas 07 e 08).

Registro em dicionários

1. Houaiss n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 48- **Daqui e dacolá**

“- *O capitão falou agorinha mesmo qui vem atrás de ti, por causa da morte do Grajaú. Também tu é muito minina. Pra que foi jogar os brinco logo ali? O capitão indagou daqui e dacolá e descobriu qui os brincos era teu[...]*” (BP- 76, linha26).

Registro em dicionários

- 1.Houaiss : n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 49- **Dar cá aquela palha**

“*Ao chegar ao rancho, abriu o embrulho. Era um par de brincos. A moça fazia aquilo com cuidado, porque sua mãe não era brincadeira, e por dá-cá-aquela-palha em questões de semvergonhice, era capaz de dobrar-lhe o rêlho nas costas.*” (BP- 49, linha 03).

Registro em dicionários

1. Houaiss : n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 50- **Dar camisa**

“[...] *Não me enchi ainda de gaita é porque sou mole, sou besta mesmo, garimpo só não dá camisa é pra garimpeiro[...]*” (BP- 07, linha 22).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 51- **Dar com o refe**

“Raimundo Pontaria, nortista bagunceiro e ligeiro no gatilho, havia deixado um soldado morto dentro da taverna e fugia, defendendo-se dos companheiros da vítima que lhe queriam tirar a orelha.

- Também essa canalha pensa que pode dar com o réfe em todo mundo!” (BP- 72, linhas 14 e 15).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 52- **Dar dinheiro**

“[...] Me cansei de ser idealista, filho. O ideal quase me leva pra sepultura, você deve se lembrar disso muito bem. Hoje sou perito em elogios e em crônicas esportivas. Dá dinheiro e atrai amigos como formigas no doce. Esse negócio de elogio hoje é uma doença, rapaz [...]” (BP- 82, linha 18).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 53- **Dar facada**

“[...] Depois arranhou um forde velho, mas vivia numa pendenga danada, dando “facada” de vez em quando nos companheiros [...]” (BP- 13, linha 30, destaque do autor).

Registro em dicionários

1. Houaiss: [...] 4. Ato ou fato de pedir dinheiro a alguém (p.866).

2. Ortêncio: Ato de pedir dinheiro emprestado (p.116).

Ficha 54- **Dar graças a Deus**

“- *Qui a virge sirva de guia pra êle, tadinho. Dá graças a Deus, home. Podia sê tu. O coitado também num tinha nem pai nem mãe, nem ninguém, Ficou discançado desta porquêra cá de terra*” (BP- 53, linhas 07 e 08).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 55- **Dar licença**

“-*Dá licença, tio Jinú? Vou arranjar um cafezinho.*
- *Não se incomode comigo, moça. Pode ir cuidar do móca. Fico aqui com êsse menino velho do coração*”(BP- 83, linha 24).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 56 - **De boca em boca**

“*A pergunta corria de bôca em bôca. Todo mundo queria saber quais eram os protagonistas do novo sururu*” (BP- 72, linha 02).

Registro em dicionários

1. Houaiss: Por transmissão oral, geral e rápida (p.302).

2. Ortêncio: n/e

Ficha 57- **De boca escancarada**

“*Os raros moradores da zona de Pium viram, de bôca escancarada, chegar um rôr de gente de tôdas as idades, de tôdas as profissões, de tôdas as camadas sociais*” (BP- 17, linhas 27 e 28).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 58– **De cara feia**

“Os brincos! Ritinha sentiu que vivia apenas da cintura para cima. As pernas haviam morrido. Agarrou a sáia da mãe. Sá Zefa afastou-lhe o braço bruscamente, fazendo uma cara feia” (BP- 51e 52, linha 2 da p. 52).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: De cara amarrada (p.169).

Ficha 59- **De colher**

“-Motor como este acho que não apareceu igual nestas bandas. O danado puxa como quê. Ladeira para êle é café pequeno, leva tudo de colher” (BP- 07, linha 12).

Registro em dicionários

1. Houaiss: À mão, acessível; fácil de resolver ou de encontrar (p.493).
2. Ortêncio: Fácil; acessível (p.223).

Ficha 60 - **De cor**

“- O Carmo véio tá se esbandaindo. Inda hoje interra gente na porta da igreja de Nossa Senhora do Carmo. Tu sabe disso mais do qui eu, tu é de lá... -Sei até de cór as pedras e as estrêla daquelas banda” (BP-54, linha 27).

Registro em dicionários

1. Houaiss: De memória (p.547).
2. Ortêncio: n/e

Ficha 61 - **De fato**

“-Mas há muitos caminhões trafegando para este lado. - De fato há, mas os choferes estão trazendo pouca carga porque o transporte de passageiros para o garimpo dá mais resultado [...]” (BP- 63, linha 18).

Registro em dicionários

1. Houaiss: 1-Realmente; com efeito. 2-Que existe, que é efetivo, independente de registro legal (p.877).

2. Ortêncio: n/e

Ficha 62 – De hora em hora Deus melhora

“-Calma, Zefa. Guenta firme. De hora em hora Deus miora...” (BP- 19, linha 18 e 19).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: Expressão que denota otimismo (p.385).

Ficha 63 - De mão em mão

“-A voz de alerta para receber os blocos era contínua e ritmada. - Êpa! Ôpa! Êpa! Ôpa! E os calhaus iam passando de mão em mão, percorrendo os diversos degraus constuídos pelos garimpeiros” (BP- 45, linha 27).

Registro em dicionários

1. Houaiss: Da mão de alguém para a de outro, da posse de uma pessoa para a de outra (1239).

2. Ortêncio: n/e

Ficha 64 - De papo para o ar

“O capitão desceu até onde estava o cadáver. Virou-o de papo para o ar. Examinou-lhe os bolsos. Tudo limpo. Ficou por um momento olhando a face do morto, mordendo os lábios [...]” (BP- 51, linha 22).

Registro em dicionários

1. Houaiss: Sem trabalho; desocupado; ocioso (p.1427).

2. Ortêncio: n/e

Ficha 65- **De rachar**

“[...] Também aqui a gente não precisa de coberta, nem nada, pois o calor é de rachar. Não se afobe, seu Zé” (BP- 117, linha 20).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 66 - **De repente**

“De repente o chofer levou a mão à alavanca de mudanças, e passou o carro para segunda” (BP- 07 linha 08).

“Mas por que apenas Sá Lina e o homem de sorriso sem-vergonha haviam notado o seu vestido de algodão? Ritinha olhava tudo sem nenhuma atenção, pois sua cabeça era pior do que um pião naquele momento. Estava até zunindo. De repente sentiu um estremecimento” (BP- 48 linha 23 e 24).

“Nesse momento entrou Zé do Carmo. Vinha do enterro de Marcelino. Estava com uma dor de dentes tremenda e pedira dispensa do serviço. A mulher contou-lhe o caso. O susto foi um perfeito anestésico no caso de dente insubordinado. A dor sumiu-se de repente” (BP- 51 linha 15).

“O capitão desceu até onde estava o cadáver. Virou-o de papo para o ar. Examinou-lhe os bolsos. Tudo limpo. Ficou por um momento olhando a face do morto, mordendo os lábios. De repente afastou-se um pouco. Abaixou-se e apanhou os brincos atirados ao chão” (BP- 51 linha 24).

“- Tu ainda não deu uma surra nessas mulhé dama por ai não, minino? – falou o velho Romão, mudando de assunto de repente” (BP- 54 linha 30).

“De repente saiu um cabra de dentro do boteco, distribuindo tiros contra dois soldados que o seguiam, disparando também os seus revólveres” (BP- 72, linha 04).

Houaiss: De súbito; repentinamente (p.1646).

Ortêncio: n/e

Ficha 67 - **De vez em quando**

“[...] Depois arranhou um forde velho, mas vivia numa pendenga danada, dando “facada” de vez em quando nos companheiros [...]” (BP- 13, linha 30, destaque do autor);

“[...] Faziam a bôca tomar formas diferentes, à custa do baton. De vez em quando amanheciam com o cabeludo louro [...]” (BP- 23, linha 34).

“-De vez in quando mostre êsse fucinho aqui Zé. Acho qui vou morrê é mesmo cumo o tio Romão. O baço té ficando inchado feito bolo de arrôis” (BP- 57 linha 19).

“Domingos e Januário Batista conversaram longamente, enquanto esperavam o café. De vez em quando o comerciante era obrigado a interromper a palestra para atender aos fregueses na loja [...]” (BP- 83, linha 28).

Houaiss: Ocasionalmente, uma vez ou outra; de quando em vez (p.1940).

Ortêncio: n/e

Ficha 68- **Deus com gancho e São Pedro com garrancho**

“- Esse aqui nem Deus cum gancho e São Pedro cum garrancho dá jeito nêle. Tira os cobre do home, Nico!” (BP- 51, linhas 03 e 04).

Registro em dicionários

1. Houaiss : n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 69- **Deus livre e guarde**

“[...] O mundo não anda bão nada. Todo dia aparece cada coisa... qui Deus me livre e guarde” (BP- 36, linha 31).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: Expressão que invoca a proteção de Deus (p.271).

Ficha 70 – **Diabo de saia**

“-Bem. Agora vou tomar providências pra enterrar o Grajaú. Limparam o homem. Mas eu pego êsse diabo de saia, pego mesmo...” (BP- 52, linha 12 e 13).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: Referência à mulher (p.679).

Ficha 71- **Dito e feito**

“-Sabe de quem me alembrei?
- Do Chico Belisca?
-Dito e feito. Mais esse Rolinha não é como o Chico, nem pintado!”(BP- 70, linha 14).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: Sabedoria popular (Comprovação) (p.275).

Ficha 72 - **Do bom e do melhor**

“-Isso é exagêro do Sr., coronel Pacheco. Na sua mesa é que deve haver do bom e do melhor. Fazendeiro, comprador de cristal, zebuzeiro....” (BP- 60, linha 23).

Registro em dicionários

1. Houaiss: Do que é da mais alta qualidade ou categoria (p.309).
2. Ortêncio: n/e

Ficha 73- **Do peito**

“-Dê cá um abraço moça. Você é cá do peito também. Pode apertar, que êsse dismilinguido não vai ficar com ciumes, não.” (BP- 82, linha 04).

“-Pra quê dar notícias? Sou inimigo de escrever cartas. É uma tara que tenho. Mas os amigos cá do peito continuam firmes. Também não sabia que você era comerciante, com êsse disparate de mercadorias...” (BP- 83, linha 21).

Registro em dicionários

1. Houaiss: muito estimado, íntimo, querido, do coração (p.1459).
2. Ortêncio: Amizade muito chegada (p. 572).

Ficha 74- **Empurrar numa cerca podre**

“Aqueles palavras foram mesmo que um empurrão numa cerca podre. Os nervos de Ritinha já estavam bambos e se desmantelaram por completo[...]” (BP- 37, linhas14 e 15).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 75- **Enfiar a peia**

“[...] A barqueirama então achô bão e era só chegá e enfiá a peia nos rabo de saía. Já perdi a vontade quanto a Germana já panhô. Mas tôda vez qui volto, trago coisa prela de Belém. Mulhé é mesmo qui carrapato, minino [...]” (BP- 55, linha 12).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/ e

Ficha 76- **Então até**

*“[...] Bem, Neco então até...
– Boa viagem! [...]”* (BP- 11, linha 25).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 77- **Entrar por uma porta e sair por outra**

“Sá Zefa estava assombrada com tanto dinheiro. Notas de quinhentos entravam por uma porta e saíam pela outra” (BP-19, linha 11).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 78- **Êpa! Ôpa! Êpa! Ôpa!**

*“A voz de alerta para receber os blocos era contínua e ritmada.
- Êpa! Ôpa! Êpa! Ôpa!” (BP- 45, linha 26).*

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 79- **Escarrado e cuspid**

“-Escarrada e cuspid, Silvestre- falou Neco interrompendo a frase. A bichinha era ferosa demais pra esperar o casamento” (BP- 10, linha 23).

Registro em dicionários

1. Houaiss : exatamente igual, idêntico (p.590).

2. Ortêncio: Muito semelhante ao pai ou à mãe (p.300).

Ficha 80- **Esperar aí**

“-Rolinha...? Ispera aí... Silvestre bateu na testa várias vezes, depois parece que a lembrança lhe acordou de sopetão” (BP- 11, linha 01).

“- Espera aí. Ninguém vai lá agora. Vou chamar o capitão. Esse negócio pode dá incrensa” (BP- 51, linha 16).

“-Espera ai- falou o cabo adiantando-se. O senhor tem qui pedi desculpa de joêio. Não se ofende assim os representante da lei e da orde” (BP- 86, linha 21).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 81- Estar brincando

“-Deixa ela, comadre. Ela ficou meia desajeitada porque eu falei no vestido dela. Tá muito bão, minha fia, tava era brincando”(BP- 38, linhas 12 e 13).

Registro em dicionários

1. Houaiss : n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 82- Estar cheia até na tampa

“-Mais sabe, dotô? A filha do Tonho tá com uma pança do tamanho dum bonde. Tá cheia até na tampa. Acho qui ela vai ter em mais um bôbo” (BP- 42, linha 23).

Registro em dicionários

1. Houaiss : n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 83- Estar doido

“De repente saiu um cabra de dentro do boteco, distribuindo tiros contra dois soldados que o seguiam, disparando também os seus revólveres.

- O Raimundo tá doido gente! Corre agente!”

- Qui Raimundo? Qui loroça é essa, pessoal? (BP-72, linha 07).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 84- Estar por conta

“- Sua vírgula- retrucou a mulher gorducha. Tou por sua conta só até no garimpo [...]” (BP- 11, linha 17).

“[...] Tem ainda duas mulher por conta, esse nariz de sino [...]” (BP- 13, linha 32).

Registro em dicionários

1. Houaiss: 1- Em lugar do total; como parte do total. 2- muito zangado; furioso, irado (p.533).
2. Ortêncio: 1- Insatisfeito, encolerizado. 2- A expensas de, à custa de (p.229).

Ficha 85- **Estar tudo perdido**

“-Se vosmicê qué qui a gente vai lá com o sol fervendo, tá tudo perdido. Os garimpeiros vão reclamá. É preciso vê o cristal primêro, dispois a gente cata êle é dinoite mesmo[...].” (BP- 50, linha 29).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 86- **Esticar as canelas**

“-É por isso mesmo, seu Domingo. Tenho medo de gente sabida demais. Os companheiros ficaro zangado comigo, porque eu não fui nessa bestage. Vida de garimpeiro é isso mesmo, de tanga, até esticá as canela” (BP- 67, linha 04).

Registro em dicionários

1. Houaiss: Morrer (p.384).
2. Ortêncio: Morrer (p.156).

Ficha 87- **Eta mundo!**

“-Dei os trem por Tonho. A bôba já esvasiou a pança. Uma velha que diz que é parteira é que arrumou a história. Que coisa triste, gente! Éta mundo!” (BP- 43, linha 02).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: Interjeição de satisfação ou desgosto (p.508).

Ficha 88- Faz não sei quanto tempo

“- *Aqui é o tio Januário, Lena. Faz não sei quanto tempo que saiu de Pôrto Nacional, e como tia Corina morreu, não quis voltar mais*” (BP- 82, linhas 01 e 02).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 89- Fazer dó

“*O sr. está até muito bem instalado. Esses garimpeiros é que faz dó. Vivem em ranchos imundos, coitados. É pena. Vou fazer o possível para tirá-los dessa situação aflitiva*” (BP- 61, linha 19).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 90- Feito praga

“*Para aquela terra inculca e má, perdida nos ermos de Goiaz, as vistas do mundo de voltaram esperançosas. Ali havia cristal feito praga*” (BP- 17, linha 29).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 91- Fiapo por fiapo

“*A vida de Rolinha foi então desfiada, fiapo por fiapo. Os mendigos viviam de mistura com o lixo das ruas, mas conheciam perfeitamente a vida de todo mundo, sabiam onde estavam depositados os montões de lixo nas diferentes camadas sociais*” (BP- 69, linha

17).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 92- Filho da polícia!

*“-Tudo em orde, Silvestre. Parei um tiquinho pra êsse gado...
- Gado é a sua mãe, seu filho da púlicia! – retrucou uma das mulheres”* (BP-10, linha 13).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 93- Forrobodó em forrobodó

“A diferença era apenas que o músico não tinha nenhuma responsabilidade, não tinha mulher nem filhos e vivia de forrobodó em forrobodó, dormindo pelos cantos, cheio de pinga e abraçado com o instrumento, único meio de vida que possuía” (BP- 79, linhas 27 e 28).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 94- Filho da mãe!

*“O caminhão deu uma bacada tremenda, sacudiu-se todo e quase montou num barranco.
-Estrada filha- da- mãe! Praguejou o chofer[...]”* (BP- 08, linha 27).

Registro em dicionários

1. Houaiss: Filho da puta (p.895).

2. Ortêncio: Desonesto; mau caráter (p.329).

Ficha 95- **Fim de mundo**

“Alguns sertanejos ainda teimavam em permanecer nêsse fim de mundo, aproveitando insignificantes nesgas de terras para cultura [...]” (BP- 15, linha 27).

Registro em dicionários

1. Houaiss : 1 lugar longínquo, de difícil acesso e pouco habitado; cafundó, fim do mundo. 2 grande transtorno ou desgraça; horror, fim do mundo (p.897).
2. Ortêncio: 1- Coisa difícil. 2- Lugar longínquo. 3- O máximo (p.508).

Ficha 96- **Fora de hora**

“O garimpeiro apenas se moveu na cama, com o barulho, mudando de posição. Estava cansado demais para entender o significado daquela buzina fora de hora” (BP- 75, linha 27).

Registro em dicionários

1. Houaiss: a uma hora inabitual (p.1034).
2. Ortêncio: 1 Em momento inoportuno. 2 Muito tarde da noite (p.385).

Ficha 97- **Fugir à regra**

“O doutor Souza não podia fugir à regra. Contava centenas de histórias do seu tempo de estudante, cada qual de acôrdo com o ambiente em que se encontrava[...]” (BP- 62, linha 07, destaque do autor).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 98 - **Ganha-pão**

“O velho Romão ficara enterrado às margens do rio que lhe dera o ganha-pão, numa das últimas viagens que Zé do Carmo fizera” (BP- 55 linha 26).

Registro em dicionários

1. Houaiss: Trabalho ou instrumento de trabalho que garante a subsistência do trabalhador; ganha-vida (p.952).
2. Ortêncio: n/e

Ficha 99- **Gata relaxada!**

“-Ora! Vai amolar o boi. Toma isto e cai fora, vai pro diabo, gata relaxada!” (BP- 22, linha 16).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 100- **Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens de boa vontade!**

“Januário Batista foi tachado de “o foral do progresso local”, a “encarnação do espírito de Gutemberg”, e um padre, terminando o seu laudatório, atirou à cara do homenageado um latim bem decorado, que alguém traduziu depois: “Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens de boa vontade!” (BP- 84, linha 28, destaque do autor).

Registro em dicionários

1. Houaiss: Saudação, homenagem, preito (p.978).
2. Ortêncio: n/e

Ficha 101- **Gente mole**

“-Seja no rabo da vó! Manda buscá essa cerveja, corja de gente mole! Não danço com poeira!” (BP- 77, linha 24).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 102- **Gute- gute**

“Ritinha encheu um copo d’água e bebeu-o apressadamente, num “gute- gute” forte e angustiada” (BP- 25, linha, 07, destaque do autor).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 103- **Hora fatal**

“Deu uma olhadela. Mesmo na escuridão, pôde ver o braço de Rolinha acenando. Parecia um pêndulo diabólico, marcando na treva uma hora fatal” (BP- 76, linha18).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 104- **Hora para hora**

“Discutiam-se àquela hora, enquanto um padre vindo de Pôrto nacional celebrava a missa, os mais diversos assuntos, mas as conversas voltavam-se irremediavelmente para os preços do cristal, que subiam de hora para hora. A desgraça dos garimpeiros era a classificação exigente feita pelos compradores” (BP- 69, linha11).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 105 - **Ir amolar o boi**

“-Ora! Vai amolar o boi. Toma isto e cai fora, vai pro diabo, gata relaxada!” (BP- 22, linha 15).

Registro em dicionários

1. Houaiss: Ir importunar outrem (p.305).

2. Ortêncio: n/e

Ficha 106- Ir com Deus

“Acima do para-brisa do caminhão havia escrita, em letras grandes e brancas que se destacavam do azul da pintura geral do veículo, a seguinte frase: “VAMOS COM DEUS” (BP- 11, linhas 31 e 32, destaque do autor).

“Vamos com Deus” (BP- 12, linha 22).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 107- Ir e voltar

“Vou e volto” (BP- 12, linha 23, destaque do autor).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 108- Ir para diabo

“-Ora! Vai amolar o boi. Toma isto e cai fora, vai pro diabo, gata relaxada!” (BP- 22, linhas 15 e 16).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 109- Ir para o inferno!

“[...] Se o chofer é barbeiro vai tudo pros inferno! [...]” (BP- 09, linhas 15 e 16).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 110- Ir tomar banho

“- *Tá certo, filho! Agora você pode continuar com tua cantiga, vou me retirando... – Vá tomar banho!” (BP- 22, linha 23).*

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: Expressão de reprovação (p.80).

Ficha 111- Jogar nas costas largas

“*O dr. Souza ouvira isto de alguém ou lera em alguma parte, mas não sabendo de quem era tal pensamento, jogou-o nas costas largas de Rui” (BP- 60, linhas 04 e 05).*

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 112- Lavar com suor alheio

“*Por certo, pensavam os garimpeiros que retornavam, era porque a sorte não estava lá naquelas regiões do diamante, onde muito capangueiro saía com as mãos cheias de pedras preciosas, lavadas como suor alheio, enquanto a multidão sem nome continuava a cavar a terra, enfeitiçada pela esperança de fortuna, sem muitas vezes saber que cavava a própria sepultura” (BP- 14, linha18).*

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 113- Leão do norte

“*Leão do norte*” (BP-12, linha21, destaque do autor).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 114 – **Leite de Nossa Senhora**

Não tinham figas no pescoço, nem bentinhas, mas ostentavam colares de contas enormes. Contas que eram verdadeiras blasfêmias duras a qualquer rosário bento. Sua mãe usava um grande rosário de “leite de Nossa Senhora” (BP- 23, linha 27, destaque do autor).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: Cápia; conta-de-lágrimas (p. 431).

Ficha 115- **Lero-lero**

“Eu cá vou logo é no rasto do feijão preto, da fava, da ferrage, do pingo água, da bosta da barata, pra vê se faço um bamburro. O mais é lero-lero...” (BP- 29, linha 35).

Registro em dicionários

1. Houaiss: conversa vazia, inútil, vã; conversa mole, lereia, léria (p.1171).
2. Ortêncio: conversa mole (p.433).

Ficha 116- **Lufa-lufa**

“[...] Momentos depois um cavalheiro de chapéu côco e bem vestido entrava pela loja, largou a mala a um canto, e somente despertou a atenção de Domingos, já acostumado com aquele lufa-lufa de gente, quando gritou, desmanchando-se num largo abraço e num sorriso” (BP- 81, linha 07 e 08).

Registro em dicionários

1. Houaiss: Agitação e pressa na maneira de proceder; afã, azáfama, corre-corre (p.1200).

2. Ortêncio: n/e

Ficha 117-Luxo desse bucho!

“- *Minino!...espia só o luxo dêsse bucho!*” (BP-11, linha19).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 118-Mais do que eu

“- *O Carmo véio tá se esbandaindo. Inda hoje interra gente na porta da igreja de Nossa Senhora do Carmo. Tu sabe disso mais do qui eu, tu é de lá...*” (BP- 54, linha 26).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 119-Mais um ou menos um

“- *Ritinha desviou os olhos de Rolinha e passou uma olhadela em si mesma, dos pés à cintura. Ele alisou o bigode, antevendo mais uma próxima conquista. Tinha já uma porção de casos de sedução de moças da roça. Mais um ou menos um era coisa sem importância*” (BP- 23linhas 04 e 05).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 120 – Mal aventurados

“As jazidas de cristal de Pium, Fundão e Cristalina atraíam toda cambada de sanguessugas da economia popular, de mistura com os malaventurados cavadores de terra e fabricantes de cidades [...]” (BP- 13, linha 05).

Registro em dicionários

1. Houaiss: Mal- aventurado que ou aquele que é infeliz; infortunado, malsortado, malventuroso (p.1221).

2. Ortêncio: n/e

Ficha 121 – **Mas francamente!**

“-Mexe-te daí seu coisa! Então, quem haveria de ser? Não mudou nada, é aquele molóide de sempre!

- Mas francamente! Nunca pensei ter uma surpresa deste tamanho!”(BP- 81, linha 15).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 122- **Mata-burro**

“Ao descer uma colina avistaram, próximo de um mata-burro colocado à entrada de vastos latifúndios, outro caminhão parado” (BP- 09, linhas 28 e 29).

Registro em dicionários

1. Houaiss: 1- fosso construído à entrada de uma propriedade para evitar a passagem de animais 2- pontilhão de traves, dispostas paralelamente espaçadas, que visa impedir a passagem de animais, sobretudo de equinos e gado bovino (p.1255).

2. Ortêncio: 1-Jirau; cama de varas. 2-Fosso coberto por vigotas espaçadas, na estrada, unindo cercas de arame, a fim de evitar a passagem de animais (p.475).

Ficha 123 – **Meio pedra meio tijolo**

“-Helena Fernandes. Como vai, seu Pacheco?

– Meio pedra meio tijolo, dona Helena. Aí o nosso doutor Souza vai agora fazer um trabalho pra êsse povo, Dona Helena. Os garimpeiros vão ser sindicalizados e vai ser um progresso danado pra êles” (BP- 61, linha 28).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 124- **Minha filha**

“-Deixa ela, comadre. Ela ficou meia desajeitada porque eu falei no vestido dela. Tá muito bão, minha fia, tava era brincando” (BP- 38, linha12).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 125- **Mudar de rumo**

“Terminada aquela tenebrosa biografia, a conversa mudou de rumo” (BP- 69, linhas 27 e 28).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 126- **Mulher dama**

“- Tu ainda não deu uma surra nessas mulhé dama por ai não, minino? – falou o velho Romão, mudando de assunto de repente” (BP- 54 linha 30).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: Prostituta (p.506).

Ficha 127- **Mulher é mesmo como carrapato, quanto mais a gente machuca mais ela agarra**

“-Apanha do mesmo jeito. É moda, rapaz. Quem primêro começou isto foi o finado Batista, na caseira dêle. A primeira vez qui êle foi pra Belém, quando voltou deu uma surra danada na seleguestré dêle. Perguntaram por quê e êle disse: “Sei lá se ela dormiu sozinha êsse tempão todo? Isso é para livrá das dúvida...” A barqueirama então achô bão e era só chegá e enfiá a pêia nos rabo de sáia. Já perdi a conta de quanto a Germana já panhô. Mas toda vez qui volto, trago coisa prela de Belém. Mulhé é mesmo qui carrapato,minino. Quanto mais a gente machuca mais ela agarra” (BP- 55, linhas 15 e 16).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 128- **Na batata**

“[...] Pra garimpeiro é tudo danado de caro. Tá na moda cobrá caro. Eu por exemplo cobro passage de gente qui vai pro garimpo é ali na batata. Agora assim pro senhor qui vai pro exército, vai defender nosso Brasil, é diferente[...]” (BP- 08, linha 09).

“- Conheço dimais! Êta lugar pra lá de bonito! Cadê aquele zebu azulêgo qui o senhor tinha?

-Já enjeitei oitocentos contos por êle, na batata. Deixa o bicho lá mesmo” (BP- 40, linha 09).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 129 – **Na certa**

- *Nem paga a pena mesmo. É melhor a gente não agitar a água quando está em repouso há tempo, senão vem sujeira do fundo, na certa. Esse pilantra nem se lembrava mais de mim, garanto” (BP- 83, linha 16).*

Registro em dicionários

1. Houaiss: Com certeza, certamente, decerto (p.441).

2. Ortêncio: n/e

Ficha 130-Não custa

“-Essas mulheres de garimpo são o diabo!- repetiu o capitão. Mas eu pego êsse demônio e não custa. Esses brincos vão me mostrar essa seleguestré! (BP- 52, linha 04).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 131- Não saber quantas pernas tem um A

“[...] Agora tem casa em Anápolis e tem dinheiro no Banco. Tem ainda duas mulher por conta, êsse nariz de sino. Não sabe quantas pernas tem um A [...]” (BP- 13, linhas 32 e 33).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 132- Não ser brincadeira

“Ao chegar ao rancho, abriu o embrulho. Era um par de brincos. A moça fazia aquilo com cuidado, porque sua mãe não era brincadeira, e por dá-cá-aquela-palha em questões de semvergonhice, era capaz de dobrar-lhe o relho nas costas.” (BP- 49, linha 03).

Registro em dicionários

1. Houaiss: 1 ser exigente, rigoroso 2 ser irascível, mal-humorado (p.327).

2. Ortêncio: n/e

Ficha 133- Não servir nem para sabão

“[...] Quando comprava cristal, andei lá pelo Pium. Agora não vou mais lá. Quero comprar é gado de raça, e o que há por lá não serve nem para sabão” (BP- 40, linha 35).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 134- **Nariz de sino**

“[...] Depois arranhou um forde velho, mas vivia numa pendenga danada, dando “facada” de vez em quando nos companheiros. Agora tem casa em Anápolis e tem dinheiro no Banco. Tem ainda duas mulher por conta, êsse nariz de sino” (BP- 13, linha 32, destaque do autor).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 135- **Não ir com a cara**

“- Não sei. Não vou com a cara dêsse freguêis, não sei purquê. Impliquei com ele [...]” (BP- 66, linha 28).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 136- **Nem é bom falar!**

“Êta torresminho que dá água na bôca! Isto mais uma farinha bem feita... nem é bom falar!” (BP- 27, linha 12).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 137- **Nem paga a pena**

“-Nem paga a pena mesmo. É melhor a gente não agitar a água quando está em repouso há tempo, senão vem sujeira do fundo, na certa. Esse pilantra nem se lembrava mais de mim, garanto” (BP- 83, linha 14).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 138- **Nem pintado!**

“-Sabe de quem me alembrei?
- Do Chico Belisca?
- Dito e feito. Mais esse Rolinha não é como o Chico, nem pintado!” (BP- 70, linha 15).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 139 – **No pau da goiaba**

“[...] Agora assim pro senhor qui vai pro exército, vai defender nosso Brasil, é diferente. Mais pra gente qui vai pro garimpo, é ali no paú da goiaba [...]” (BP- 08, linha12).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: De acordo com o previsto (p.560).

Ficha 140- **O café bom é como o perfume bom**

“- Obrigado, minha senhora. O café bom é como o perfume bom. Usa-se pouco.
- Bonita imagem, doutor. Obrigado pelo elogio ao café. E o senhor, seu Pacheco?”(BP- 64, linha 02 e 03).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 141- Oco de mundo

“-Dez mil...dez cruzeiros. É barato, neste ôco de mundo...” (BP- 61, linha 02 e 03).

Registro em dicionários

1. Houaiss: lugar muito distante; fim do mundo (p.1376).

2. Ortêncio: Fim de mundo; lugar deserto (p.529).

Ficha 142- Olhar de bisturi

“[...] *Os olhos de Rolinha apalpavam, num sensualismo destemperado, o corpo da sertanejinha, de cima para baixo e vice-versa. Olhar de bisturi, penetrante, incomodativo*” (BP- 22, linha 29).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 143- O prazer é todo nosso

“-*Minha senhora, prazer em conhecê-la. Disponha de um criado, e se for ao Rio minha casa está às suas ordens.*

- O prazer é todo nosso, doutor. - *Senhor Domingos...*” (BP- 64 e 65, linha 01 da p. 64).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 144- Os dedos da mão não são iguais

“[...] *Pra encurtá a história, o pobre é que sunga com o pêso do rico. Tá direito, porque os dedo da mão não é igual[...]*” (BP- 30, linha 25).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 145- **O meu fraco**

“[...] Para que estudei? Depois... o meu fraco é sindicalização. Precisamos proteger os trabalhadores contra a ganância dos exploradores do suor alheio” (BP- 59 e 60, linha 01, da p. 60).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 146- **O sol nasceu pra todos**

“[...] Não é possível o sol cobri tanta desgraça cá em baixo. Inda tem gente que diz que o sol nasceu pra todos” (BP- 42, linhas 06 e 07).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 147- **Ôta lazeira!**

“- Estrada filha-da-mãe! - praguejou o chofer Ôta lazeira! Mais como eu ia dizendo, esta guerra é o diabo! [...]” (BP- 08, linhas 27 e 28).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 148- **Para- brisa**

“Acima do para-brisa do caminhão havia escrita, em letras grandes e brancas [...]”
(BP- 11, linha 29).

Registro em dicionários

1. Houaiss: vidro fixado na frente dos veículos automotores que garante ao motorista total visibilidade e o protege contra a chuva, vento, poeira etc (p.1429).

2. Ortêncio: óculos (p.552).

Ficha 149- **Para baixo todos santos ajudavam**

“Bom homem aquê. Envelhecera como piloto no grande rio. Zé do Carmo o conheceu ainda nos bons tempos, quando o velho pilotava os pesados botes que navegavam do alto Tocantins para Belém do Pará. Seis meses de ida, um ano de volta. Para baixo todos santos ajudavam” (BP- 53, linha 24).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 150- **Parafusar a bola**

“A moça saiu sorratamente e dirigiu-se para umas catas abandonadas que ficavam para os fundos do rancho. Iria esconder ali os brincos enfeitados que lhe parafusavam a bola” (BP- 49, linhas 19 e 20).

Registro em dicionários

1. Houaiss : n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 151- **Passar a perna**

“Parece qui tem parte com o cão. Carrega passageiro e compra cristal, vende trem no câmbio negro, faz breganha, passa a perna nos outro, pinta os caneco! Dis-que ele é até pagão!” (BP- 14, linha 03).

Registro em dicionários

1. Houaiss: trair a confiança de; dar um golpe em; enganar, ludibriar (p.1477).
2. Ortêncio: Enganar a outrem auferindo vantagens (p.582).

Ficha 152 – **Passar bem**

“- *Minha senhora, mais uma vez...*

- *Passa bem, doutor.*

Foram para a loja. Seu Pacheco, demonstrando profunda perícia no campo do tabagismo, fez rapidamente um cigarro de palha. Acendeu” (BP- 65, linha 15).

Registro em dicionários

1. Houaiss: 1- Usado na despedida para desejar bons votos a outrem; passa bem 2. Usado para manifestar descaso, desprezo etc. por quem fala; passar bem (p.1442).
2. Ortêncio: n/e

Ficha 153- **Passar o rabo do olho**

“*O passageiro passou o rabo do olho em Silvestre, pois durante a viagem êle já havia diversos comentários desfavoráveis ao gado zebu”* (BP- 40, linha 13).

Registro em dicionários

1. Houaiss: Olhar de esquelha (p.1601).
2. Ortêncio: Olhar com o canto do olho, de soslaio (p.641).

Ficha 154- **Passar os olhos**

“*Domingos engasgou, passou os olhos pela loja e, para não mostrar inferioridade, respondeu sorrindo”* (BP- 60, linha 30).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 155- **Pé-de-meia**

“Um dia a gente pode ranja um pé-de-meia e comprá um pedaço de chão, porque só acha dado pra sê interrado” (BP- 56, linha 22).

“O ruído da festa, aos poucos, se afugentava de sua cabeça, e êle agora estava louco de raiva da mulher. Acostumada a comer paçoca a semana inteira, fora inventar, logo naquela ocasião em que êle começava a ajeitar o pé de meia, a enganchar um carço de quiabo no demônio daquele pedaço de tria vagabundo, que só servia para tirar o gôsto de um pobre mortal! (BP- 80, linha 06).

Registro em dicionários

1. Houaiss: Dinheiro economizado e reservado para uma eventualidade futura (p.1456).
2. Ortêncio: Péculio (p.566).

Ficha 156- **Pedir padre- Nosso com Ave Maria!**

“[...] Os companheiros lhes ouviam as vozes, percebiam o roncar de seus remos possantes.

-Levanta, negrada! O pessoal tá pedindo Padre- Nosso com Ave Maria!”(BP- 56, linhas 06 e 07).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 157- **Pé direito**

“[...] Entrou no negócio de garimpo com o pé direito[...]” (BP- 13, linha 34).

Registro em dicionários

1. Houaiss: Com sorte, muito bem (p.1453).
2. Ortêncio: Esteio (p.566).

Ficha 158 – **Pelo amor de Deus**

“Uma esmolinha pelo amor de Deus. –Forneça o pobre cego com um adjutório, filho de Cristo!” (BP- 69, linha 01).

Registro em dicionários

1. Houaiss: Por caridade, por favor (p.119).

2. Ortêncio: n/e

Ficha 159 – **Pelo menos**

“-Olhem aqui! O Grajaú foi assassinado por uma mulher. A diaba até deixou cair os brincos! Pelo menos havia uma mulher na hora. Vejam se descobrem mais alguma coisa por aí. Sempre nestas encenças há um rabo de sáia! Precisamos agarrar essa sirigaita!” (BP- 51, linha 27).

Registro em dicionários

1. Houaiss: Calculando pelo mínimo (p. 1273).

2. Ortêncio: n/e

Ficha 160- **Pinta brava**

*“-Mas Pontaria é “pinta-braba”, e é negro bagunceiro!
O corre-corre aumentava. O fim da missa foi esquecido. Na capela ficaram apenas o sacerdote e seu ajudante”* (BP- 72, linha 16).

Registro em dicionários

1. Houaiss: pessoa suspeita, que inspira receio pelo aspecto ameaçador, pelos modos indicativos de disposições nada amigáveis (p.1494).

2. Ortêncio: 1 Pessoa folgazona. 2 Pessoa briguenta. 3 Pessoa namoradeira (p.594).

Ficha 161- **Pintar os canecos!**

“Carrega passageiro e compra cristal, vende trem no câmbio negro, faz breganha, passa a perna nos outro. Pinta os caneco!” (BP-14, linha 03 e 04).

Registro em dicionários

1. Houaiss: pintar o sete (p.384).

2. Ortêncio: Pintar o faneco; pintar o bode (p.594).

Ficha 162– **Podre de rico**

“-Este é o negro Tibúrcio- explicou Silvestre. Tá podre de rico. Não largou ainda de choferar porque nasceu com os dentes em cima do volante, dentro do caminhão, com a venta pregada no cheiro da gasolina” (BP- 13 linha 25).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: Muitíssimo rico (p.606).

Ficha 163 – **Por aí**

“-Olhem aqui! O Grajaú foi assassinado por uma mulher. A diaba até deixou cair os brincos! Pelo menos havia uma mulher na hora. Vejam se descobrem mais alguma coisa por aí. Sempre nestas encenecas há um rabo de sáia! Precisamos agarrar essa sirigaita!” (BP- 51, linha 29).

Registro em dicionários

1. Houaiss: 1- Pelo mundo, em lugar indeterminado. 2- Mais ou menos, cerca de. 3- Em lugar desconhecido, em algum lugar (p.76).
2. Ortêncio: n/e

Ficha 164 – **Por certo**

“Por certo, pensavam os garimpeiros que retornavam, era porque a sorte não estava lá naquelas regiões do diamante [...]” (BP- 14, linha 15).

Registro em dicionários

1. Houaiss: Sem dúvida (p.441).
2. Ortêncio: n/e

Ficha 165- **Povo sumido**

“-Cadê êsse povo sumido, gente! Agora tão grande, mexendo com cristal...” (BP- 37, linha 04).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 166– **Pra lá de**

“-*Conheço dimais! Êta lugar pra lá de bonito! Cadê aquele zebu azulêgo qui o senhor tinha?*” (BP- 40, linha 07).

Registro em dicionários

1. Houaiss: De mais do que (p.1145).

2. Ortêncio: n/e

Ficha 167- **Pra lá e pra cá**

“[...] *De sopetão, sá Lina virou-se para Ritinha, que ficava a um canto, ouvindo a prosa, pois as duas velhas quando se encontravam era um nunca acabar de casos pra lá e casos pra cá* (BP- 37, linha 12) .

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 168- **Prazer em conhecer**

“*Empertigou-se todo, ajeitou o paletó.*
- *Minha senhora, prazer em conhecê-la. Disponha de um criado, e se for ao Rio minha casa está às suas ordens*” (BP- 64, linha 32).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 169- **Puxar uma soneca**

“*Desceu do carro assoviando, sem nenhum indício de contrariedade. O dr. Alcides*

ficou com uma cara bastante azêda, descendo também para olhar Silvestre fazer o consêrto, e Domingos ajeitou-se na boléia para puxar uma soneca” (BP- 44, linha 18).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 170- **Qual x, qual nada**

“- Ainda não me arrependi, senhor Januário. –Qual senhor Januário, qual nada! Se quiser pode me chamar de tio Jinú, que é como me chamavam os sobrinhos de Corina em Pôrto Nacional. O Domingos não lhe contou as misérias de que fui vítima? (BP- 83, linha 07).

“- Qual 38, qual nada! O homem que não tem rabo e é idealista vale por cem!” (BP- 85, linha 33).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 171- **Que a virgem sirva de guia**

“- Qui a virge sirva de guia pra êle, tadinho. Dá graças a Deus, home. Podia sê tu. O coitado também num tinha nem pai nem mãe, nem ninguém. Ficou discançado desta porquêra cá de terra” (BP- 53, linhas 07 e 08).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 172- **Quem é vivo sempre aparece**

“-Quem é vivo sempre aparece, rapaz! Chega essas costelas pra cá, seu pilantra!” (BP- 81, linha 10).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: Reaparecimento (p.777).

Ficha 173- **Querer bancar**

“-Então, moça. O que qui já resolveu? Tu quer mesmo continuar com êsse vestido de algodão ou quer bancá uma sedinha? (BP- 22, linha 34).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 174- **Rabo da avó**

“O Chevrolet afastou-se humildemente, como um cão repreendido, e um Ford “De luxe” passou de raspão, entupindo-lhe o focinho com a cáuda volumosa de poeira vermelha.

– Vai tocá poeira no rabo da vó! – praguejou Silvestre” (BP- 128, linha 14, destaque do autor).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 175- **Rabo de saia**

“-Olhem aqui! O Grajaú foi assassinado por uma mulher. A diaba até deixou cair os brincos! Pelo menos havia uma mulher na hora. Vejam se descobrem mais alguma coisa por aí. Sempre nestas encrencas há um rabo de sáia![...]

Registro em dicionários

1. Houaiss: Pessoa jovem ou adulta do sexo feminino; mulher 2 espécie de busca-pé pequeno; diabinho (p.1601).
2. Ortêncio: Mulher, no sentido de conquista (p.679).

Ficha 176- **Rabo do mundo**

“-Isto aqui é o rabo do mundo, é o fim do espinhaço do Brasil! Esta desgraça ainda há de ser lavada com sangue! Sòmente assim pode endireitar! Nem gente para acudir um cristão há nessa peste!” (BP- 87, linha 20).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 177- **Rabo grosso**

“[...] Quem desejar saber de minha vida que vá na Bahia fazer indagações. Sou um homem limpo, graças a Deus. Essa corja é que tem rabo grosso. Não tenho nada atrás de mim que me envergonhe. Sou bahiano velho de vida sem bandalheira, sempre vivi de meu esforço (BP- 85, linha 23).”

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 178- **Se Deus quiser**

“- Pro ano qui vem- continuou o chofer - se Deus quiser eu já fiquei livre das prestações pra pagá esta lacráia danada de boa” (BP- 07, linhas 18 e 19).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 179 – **Sem demora**

“-Dá isto pra Germana, minino! – disse êle já com a voz arrastada, minado pela maleita. Dá isto pra Germana e... se tu pudé... meta o couro nela primêro. Num se esqueça... é moda... e aquela negra gosta de apanhá!

Morreu sem demora. Ficou ali para aumentar a credence de seus companheiros” (BP-55 linha 32).

Registro em dicionários

1. Houaiss: De forma imediata, sem delonga ou atraso; já, agora (p.613).
2. Ortêncio: n/e

Ficha 180- **Sem fé**

“-Nada, rapaz. A gente só tira agora ali uns lambisco sem fé. Aqui também já não presta. Eu fazia trinta e fumaça por dia. A gora nem vinte. Isto é lá dinheiro?” (BP-70, linha 03).

Registro em dicionários

1. Houaiss : n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 181- **Sem tugar nem mugir**

“[...] Agora assim pro senhor qui vai pro exército, vai defender nosso Brasil, é diferente. Mais pra gente qui vai pro garimpo, é ali no paú da goiaba. O freguêis tem qui pagá sem tugar nem mugir [...]” (BP- 08, linhas 12 e 13).

Registro em dicionários

1. Houaiss: Ficar calado, sem dizer nada ou sem emitir qualquer som (p.1891).
2. Ortêncio: Não dizer palavra (p.753).

Ficha 182- **Ser besta**

“[...] Não me enchi ainda de gaita é porque sou mole, sou besta mesmo, garimpo só não dá camisa é para garimpeiro [...]” (BP- 07, linha 22).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: Ter a certeza que não foi esperto. Trouxa (p.97).

Ficha 183- **Ser capaz em apostar**

“- Depois... tem isso. Consertando bem este mundo, ajeitando bem os parafuso dêle não escanchêla mais, garanto o senhor, sou capais de apostar[...]” (BP- 09, linha 08).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 184- **Ser da mesma laia**

“Dinheiro de garimpeiro não pregava no bolso, escapolia imediatamente. Estava num dilema chato. Ou nunca mais beberia cachaça, ou entraria num pileque constante, para fugir a tôdas as suas responsabilidades de chefe de família desajuizado. Por que não aceitara o convite do sanfoneiro? Eram da mesma láia, não havia dúvida” (BP- 79, linha 25).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 185- **Ser mole**

“[...] Não me enchi ainda de gaita é porque sou mole, sou besta mesmo [...]” (BP- 07 linha 21 e 22).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: Pessoa sem energia; pamonha (p.497).

Ficha 186- **Ser o diabo**

“[...] praguejou o chofer Ôta lazeira! Mais como eu ia dizendo, esta guerra é o diabo!” (BP- 08, linha 28).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 187- **Ser um deus nos acude**

“Se Sá Zefa descobrisse aqueles brincos era um deus nos acuda! Desejaria logo saber da sua procedência. Arrependeu-se de não haver atirado o embrulho fora, logo após sair da loja. Sabia perfeitamente que fôra o homem descarado que lhe pusera o embrulho na mão” (BP- 49, linha 07 e 08).

Registro em dicionários

1. Houaiss: Grande movimento; tumulto, balbúrdia, confusão (p.675).
2. Ortêncio: Balbúrdia (p.271).

Ficha 188- **Ser um pinta**

“Silvestre bateu na testa várias vezes, depois parece que a lembrança lhe acordou de sopetão.

– Conheço demais! ... Aquilo é um “pinta”! Ele tá lá pelo garimpo do Pium [...]” (BP- 11, linha 04 , destaque do autor).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 189- **Ser uma pechincha**

“[...] Não sabe nem quantas pernas tem um A. Pra êsse negro o cristal foi mesmo uma pichincha. Entrou no negócio de garimpo com o pé direito [...]” (BP- 13, linhas 33 e 34).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 190– **Ser uma ova**

“E explodiu, furando o espaço com a mão calosa fechada: - Chega mais é uma óva, uns tomate!” (BP-31, linha 14).

Registro em dicionários

1. Houaiss: Exprime negação; de jeito nenhum (p.1406).
2. Ortêncio: n/e

Ficha 191- **Só acha dado pra ser enterrado**

“Um dia a gente pode ranja um pé-de-meia e comprá um pedaço de chão, porque só acha dado pra sê interrado” (BP- 56, linha 23 e 24).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 192- **Só Vendo**

“-Se vosmicê qué qui a gente vai lá com o sol fervendo, tá tudo perdido. Os garimpeiros vão reclamá. É preciso vê o cristal primêro, dispois a gente cata êle é dinoite mesmo. E um dispotismo de pedra! Só o senhor vendo” (BP- 50, linha 31).

“-Você deve ver o dr. Souza. Ele é um cavalheiro distinto e sabe lei como ninguem. Só vendo” (BP- 66, linha 33).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 193- **Sofrer sorrindo**

“Sofro sorrindo” (BP- 12, linha 21, destaque do autor).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 194- **Sua Vírgula**

“-Qual é a sua aí. Neco? Neco fez a mais cínica de tôdas as caras, deu uma risada e respondeu: - Aquêê elefante ali!- Sua, vírgula- retrucou a mulher gorducha” (BP- 11, linha 16).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 195- **Sumir no mundo**

“[...] Passou lá na casa dela um tal de Rolinha, com um fordeco, falando difícil, tapiou a coitada, imbromou o pai dela, prometeu casar com ela e arribou com a franguinha pra Cristalina. Deixou ela lá e sumiu no mundo [...]” (BP- 10, linha 33).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 196- **Suor alheio**

“[...] Para que estudei? Depois... o meu fraco é sindicalização. Precisamos proteger os trabalhadores contra a ganância dos exploradores do suor alheio” (BP- 59 e 60, linha 01, da p. 60).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 197- **Tempo da onça**

“- *“Velha rabujenta do tempo da onça!” – remoia Domingos”* (BP- 130, linha 21, destaque do autor).

Registro em dicionários

1. Houaiss: tempo muito antigo (p.1826).
2. Ortêncio: Antigamente (p. 534).

Ficha 198- Ter a impressão

“[...] Teve a impressão de estar núa, à frente do homem de sorriso cínico que lhe oferecia uma oportunidade de obter tanta coisa bonita. Sentia faltar-lhe o fôlego. Fazia calor demasiadamente [...]” (BP- 24, linha 24).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 199- Ter filho no mato

“-Melhor para ela- disse o dr. Alcides. A natureza se encarregou de proteger êsse povo. Mulher que tem filho no mato não tem perigo algum” (BP- 43, linhas 07 e 08).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 200- Ter língua de sapo

“O abismo tem língua de sapo. Comprida, visguenta, pega de longe. A vida artificial era o maior abismo existente sobre aquela terra. Uma loja de novidades, plantada assim de repente num meio matuto daqueles era uma arapuca perigosa para os sertanejos” (BP- 33, linha 01).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 201- **Ter o cobre para o sabonete!**

“Rolinha enfiou a mão no bolso largo da calça, tirou um bolo de notas, separou uma de cinquenta e entregou-a à rameira, rosnando.

- Desinfete! [...]

Não se apresse, nêgo! Já tenho o cobre pro sabonete!”(BP- 22, linha 24).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 202- **Ter parte com o cão**

“[...] Essa disgrama tem é lage. Também não tem dó de ninguém, é danado de isperto. Parece qui tem parte com o cão” (BP- 14, linhas 01 e 02).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 203- **Terror de Goiaz**

“Terror de Goiaz” (BP- 12, linha 23 e 24, destaque do autor).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 204- **Tirar orelha**

“Raimundo Pontaria, nortista bagunceiro e ligeiro no gatilho, havia deixado um soldado morto dentro da taverna e fugia, defendendo-se dos companheiros da vítima que lhe queriam tirar a orelha.

- Também essa canalha pensa que pode dar com o réfe em todo mundo!” (BP- 72, linhas 14 e 15).

 Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: Assassinar por encomenda (p.734).

 Ficha 205- **Todo mundo**

“A vida de Rolinha foi então desfiada, fiapo por fiapo. Os mendigos viviam de mistura com o lixo das ruas, mas conheciam perfeitamente a vida de todo mundo, sabiam onde estavam depositados os montões de lixo nas diferentes camadas sociais” (BP- 69, linha 19).

“Raimundo Pontaria, nortista bagunceiro e ligeiro no gatilho, havia deixado um soldado morto dentro da taverna e fugia, defendendo-se dos companheiros da vítima que lhe queriam tirar a orelha.

- Também essa canalha pensa que pode dar com o réfe em todo mundo!” (BP- 72, linha 15).

 Registro em dicionários

1. Houaiss: 1 as pessoas todas 2 toas as pessoas (p.1331).
2. Ortêncio: Todas as pessoas presentes (p.509).

 Ficha 206- **Toda vez que**

“[...] A barqueirama então achô bão e era só chegá e enfiá a pêia nos rabo de sáia. Já perdi a vontade quanto a Germana já panhô. Mas tôda vez qui volto, trago coisa préla de Belém. Mulhé é mesmo qui carrapato, minino. Quanto mais a gente machuca mais ela agarra” (BP- 55, linha 13).

 Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

 Ficha 207- **Tomar fôlego**

“Parou um pouco para tomar fôlego. O passageiro semelhava um cadáver de olhos abertos. Nem parecia que estava respirando” (BP- 09, linha 03).

 Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

 Ficha 208-**Trem ficou preto**

“[...] Viaja até dinoite, como tu sabe. Mais naquela hora o trem ficou preto. Quando o bote virô a cara prá meu lado e a negrada grito: “Sigura Belmiro”, me tremeu as perna, mais me lembrei qui tu tinha iscorado da outra banda e meti o conduru na pedra [...]” (BP- 57, linha 03 e 04).

 Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

 Ficha 209- **Tuque-tuque**

“[...] Ritinha afastou-se mais, com o coração num tuque-tuque de pilão socado de dois. Não sabia bem por que. Estava com um pavor mesclado de angústia” (BP- 21 e 22, linhas 21 e 22).

 Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: Baticum (p.753).

 Ficha 210- **Um pedaço do céu e um pedaço de inferno**

“[...] Havia sapatos bonitos, vestidos bonitos, mulheres bonitas, jóias feiticeiras, máquinas que faziam água virar gêlo, bebidas que espumavam como as cascatas do Ribeirão Pium. Um pedaço do céu e um pedaço de inferno haviam-se misturado ali” (BP- 24, linhas 07 e 08).

 Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 211- X- **uma Joana**

[...] *Inda tem gente que diz que o sol nasceu para todos. Nasceu uma Joana!*”(BP- 42, linha 07).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 212- **Uns tomate!**

“- Já tou cansado de esperá, filho! Essa história é mesmo qui venda de bilhete de loteria. Agente só ouve é essa cantiga: “Seu dia chegará!”
E explodiu, furando o espaço com a mão calosa fechada:
- *Chega mais é uma óva, uns tomate!*” (BP- 31, linha 14).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 213 – **Valer a pena**

“-*Não vale a pena, Silvestre. O que posso fazer por eles? Nem dinheiro tenho agora. O que possuía empreguei numa partida de zebu do Moraes [...]*”(BP- 42, linha 18).

Registro em dicionários

1. Houaiss: Merecer o esforço, a preocupação, ser vantajoso, útil, compensar (1464).

2. Ortêncio: n/e

Ficha 214 – **Vai ou racha**

“*Vai ou racha*” (BP- 12, linha 21 e 22, destaque do autor).

Registro em dicionários

1.Houaiss: Expressão indicativa da determinação de levar algo até o fim, custe o que custar (p.1109).

2. Ortêncio: n/e

Ficha 215- **Valer por cem!**

“- *Qual 38, qual nada! O homem que não tem rabo e é idealista vale por cem!” (BP-85, linha 33).*

Registro em dicionários

1.Houaiss : n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 216- **Valer por dez**

“-*Você precisa comprar um 38 bom, Januário. Um homem prevenido vale por dez. Você sabe que aqui já sumiu muita gente que quis se meter com êsse povo” (BP- 85, linha 30).*

Registro em dicionários

1.Houaiss : n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 217- **Vai e vem**

“*Quem viajasse por aquelas bandas, que naquela época tinham desusado movimento, um constante vai-vem de caminhões, automóveis, carros de bois, cavaleiros, gente a pé, de saco às costas, gente por cima da carga dos veículos, poderia ver as frases que os caminhões traziam” (BP-12, linha 07).*

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: Vaivém; 2- Dado em troca de; devolvido (p.764).

Ficha 218- **Vai não vai**

“– Boa viagem! Fale pro Belezão qui não se esqueça de meu feixe de mola, pois o meu tá vai não vai” (BP- 11, linha 27).

Registro em dicionários

1. Houaiss : 1 volta e meia; frequentemente; foi, não foi. 2 comportamento ou atitude que revela indecisão, hesitação, dúvida sobre querer ou não desejar fazer algo; sai não sai (p.1109).
2. Ortêncio: Quase por um nada (p.764).

Ficha 219 – **Vice-versa**

“[...] Os olhos de Rolinha apalpavam, num sensualismo destemperado, o corpo da sertanejinha, de cima para baixo e vice-versa [...]” (BP- 22, linha 29).

Registro em dicionários

1. Houaiss: 1- Em ordem invertida à ordem inicialmente dada; em sentido inverso (p.1942).
2. Ortêncio: n/e

Ficha 220- **Vir sujeira do fundo**

“-Nem paga a pena mesmo. É melhor a gente não agitar a água quando está em repouso há tempo, senão vem sujeira do fundo, na certa. Esse pilantra nem se lembrava mais de mim, garanto” (BP- 83, linhas 15 e 16).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: n/e

Ficha 221- **Viver atolado na nota**

“- Isso é bondade sua. Dinheiro hoje anda vasqueiro. Essa garimpeirada é que vive atolada na nota, mas bota tudo fora” (BP- 60, linha 26).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 222-Viver da cintura para cima

“Os brincos! Ritinha sentiu que vivia apenas da cintura para cima. As pernas haviam morrido. Agarrou a sáia da mãe. Sá Zefa afastou-lhe o braço bruscamente, fazendo uma cara feia” (BP- 51e 52, linhas 31 e 32).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

Ficha 223- Viver numa pendenga

“[...] Começou como ajudante do Limiro. Depois arranhou um forde velho, mas vivia numa pendenga danada, dando “facada” de vez em quando nos companheiros [...] Agora tem casa em Anápolis e tem dinheiro no Banco [...]” (BP-13, linha 29).

Registro em dicionários

1. Houaiss: n/e

2. Ortêncio: n/e

IV GLOSSÁRIO

A

À **BEÇA** 1- Em grande quantidade, em profusão. 2- Em grande intensidade, ao extremo (H- 271). “[...] *No garimpo havia dinheiro à bessa. Havia miséria e imundície a granel. Havia gente como formiga [...]*” (BP-24, linha 03).

A **CASA É SUA** Expressão usada para dizer à visita que não precisa de cerimônias; deixar a pessoa a vontade (N/D). “*Há um ano, tio Januário, com uma moça de Natividade, normalista, estudou no colégio das freiras em Pôrto Nacional. O senhor vai gostar dela. Vamos afundando, tio. A casa é sua.*” (BP- 81, linha 23).

À **CUSTA DE** 1- Às expensas de. 2- Com sacrifício de (H- 590). “[...] *Faziam a bôca tomar formas diferentes, à custa do baton. De vez em quando amanheciam com o cabeludo louro [...]*” (BP-23, linha 34).

Á **FRENTE** 1- Em posição dianteira, na vanguarda. 2- Ao comando, à direção (H- 929). “*Momentos depois uma nuvem de poeira se levantava bem distante, à frente [...]*” (BP- 12 linha 31) // “[...] *Teve a impressão de estar nua, à frente do homem de sorriso cínico que lhe oferecia uma oportunidade de obter tanta coisa bonita. Sentia faltar-lhe o fôlego. Fazia calor demasiadamente [...]*” (BP-24, linha 24).

A **GRANEL** 3- *fig.* Em grande quantidade; a rodo (H- 9850). “[...] *No garimpo havia dinheiro à bessa. Havia miséria e imundície a granel. Havia gente como formiga*” (BP- 24, linha 04).

Á **MÍNGUA** Num estado de extrema pobreza, na miséria, na penúria (H-1249). “[...] *Gente que chegava a pé, de saco às costas, se metia em locas de pedras, onde muitas vezes permanecia constantemente, á míngua de meios para construir um rancho*” (BP- 18, linha 06).

A **PÉ** Com os próprios pés; caminhando (H- 1453). Andando, caminhando (O-564). “[...] *Gente que chegava a pé, de saco às costas [...]*” (BP-18, linha 04).

À **PRESSAS** Com grande rapidez (H-1547). “[...] *Armavam-se barracas às pressas [...]*”. (BP-18, linha 03).

AO **INVÉS DE** Ao inverso de, ao contrário de (H- 1105). “- *Parece qui ficou matuto depois qui veio pro garimpo, Rita? Essa minina anda meia isquisita, comadre. No meio de tanto povo viajando, in vez de desasná mais, tá é ficando bôba!* (BP- 38, linha 09).

À **SUAS ORDENS** À disposição (N/D). “*Empertigou-se todo, ajeitou o paletó. - Minha senhora, prazer em conhecê-la. Disponha de um criado, e se for ao Rio minha casa está às suas ordens*” (BP- 64, linha 33).

ABRIR O BICO 1- Falar ou falar demais. 2-Denunciar, delatar. 4 confessar delito ou crime (H- 286). Contar o que sabe; deletar (O- 100). “[...] *Entendo tanto de cristal como de medicina. O essencial é analisar a partida de modo a passar a perna nessa meia dúzia de imbecis que nada entendem do assunto. A firma paga bem, é só o que me interessa. Estou abrindo o bico porque sei que estou em família...*” (BP- 82, linha 35).

ÁGUA DO COCO É QUENTE QUEM MANDA AQUI É OUTRA GENTE! Quando se tem outro dono; estar com um, mas ser de outro (N/D). “[...] *Tou por sua conta só até no garimpo. Água do côco é quente quem manda aqui é outra gente*” (BP- 11, linhas 17 e 18).

ÁGUA NA BOCA! Forte vontade de comer, grande apetência; grande desejo (H-73). Grande desejo (O-30). “*Êta torresminho que dá água na bôca! Isto mais uma farinha bem feita... nem é bom falar!*” (BP-27, linha 11).

ALÉM DISSO Ademais. De mais a mais (H- 89). “[...] *Aquêle era um ambiente sério. Precisava impressionar bem a bela companheira de Domingo Fernandes. Além disso o dr. era dado a conquistas*” (BP-62, linha 11).

À TOA 1-Inútil; desprezível. 2-Sem ocupação; sem o que fazer (O- 61). “[...] *Lenços de côres vivas, pulseiras largas, vestidos os mais diferentes e espalhafatosos, muito riso louco, muita cantiga à-tôa*” (BP- 09 linha 33).

AMARRAR O FACÃO Não praticar mais relações sexuais, em virtude da idade avançada (O- 316) “*Ele era uma exceção naquelas paragens. Tinha sòmente uma filha. O resto era filho todo ano. De dez em 10 meses, até a mulher “amarrar o facão”, no dizer dos sertanejos*” (BP- 55, linha 24, destaque do autor).

ANDAR VASQUEIRO Difícil de encontrar (N/D). “- *Isso é bondade sua. Dinheiro hoje anda vasqueiro. Essa garimpeirada é que vive atolada na nota, mas bota tudo fora*” (BP- 60, linha 25).

ATÉ LOGO Saudação de despedida indicativa de uma intenção de reencontro; até mais, até mais ver (H-1193). “-*Até logo, Zé do Carmo*” (BP- 68, linha 05).

B

BAIXA DA ÉGUA Bem longe (N/D). “-*A festa foi só ontem. Vá beber sua pinga na baixa da égua, que vou tratar dos meus negócios*”! (BP-79, linhas 07 e 08).

BATE-PAPO 1- Conversação informal, animada e despreziosa; papo, cavaco. 2- Conversa, diálogo (H- 267). Prosear; conversar amistosamente (O- 90). “-*Menina, desculpe. Fiquei batendo o papo com êsse menino velho do peito e estou cometendo uma imperdoável falta de cortezia. Como foi que você teve coragem de unir seu destino a um coió como o Domingos?*” (BP- 83, linha 02).

BATER AS ALPERCATAS NO MUNDO Sumir; Ir embora e não dar notícias (N/D). “*Os mendigos fugiram, como coelhos assustados, enfiando-se por um bêco que servia de privada pública durante a noite. Raimundo Pontaria, com mais dois crimes de morte no lombo, bateu as alpercatas no mundo e dele ninguém mais teve notícias*” (BP- 73, linha 06).

BATUTA NUMA CUIA DE JACUBA! Comer com apetite (N/D). “*Zé do Carmo não conciliava o sono. Cismava dentro da escuridão. Davam cambalhotas pela sua cabeça os mais desconstruídos pensamentos. Lembrava-se de tempos longínquos, quando era bem jovem. Como tinha sido bom o seu tempo de barqueiro! Forte, peito largo, bom no remo e no varejão, batuta numa cúia de jacuba!*” (BP- 53, linha16).

BISCOITO DE SÊBO! Pessoa soberba; metida (N/D). “- *Espera aí que te encho o nariz de tapa agora mesmo, cabritinha metida a biscoito de sêbo!*” (BP- 118, linha 21).

BOA VIAGEM! Forma ritual de despedida (N/D). “[...] *Bem, Neco então até... – Boa viagem!*” (BP-11, linha 26).

BOM DE GARFO Pessoa que come bem; comilão (H- 954). Comilão (O-114). “*Naquê dia podiam comer mais. Havia um de menos. Marcelino era bom garfo*” (BP-47, linha 12).

BRINCADEIRA DE MAU GOSTO Conversa inconveniente; Brincadeira inapropriada (N/D). “*Para cavar a barriga da mulher, coisa feita em poucos minutos, os médicos cobriam um absurdo, e agora êle teria de cavar chão sem descanso para pagar aquela brincadeira de mau gosto*” (BP-79, linhas 18 e 19).

C

CABEÇA EM PÉ Com a cabeça erguida; Confiante (N/D). “- *É porque acho qui o home qui vive em paz com sua consciênça, não precisa dobrá o espinhaço pra entrá em sua casa. Entra mais é desimpenado, com a cabeça em pé!*” (BP- 20, linha11).

CABRA MACHO! Indivíduo corajoso, decidido, valente; cabra da peste, cabra-onça, cabra-seco, cabra-topetudo (H- 349). “-*Balanciê! Túuu! Treversê! É mintira! - Corre o dedo nêsse fole, cabra macho! - gritou Aristides, o dono do frege. O sanfoneiro firmou o queixo no instrumento e apressou o compasso*” (BP-75, linha 11).

CADA LOUCO TEM SUA MANIA Sabedoria popular (O- 441) Cada pessoa tem sua forma de ser, pode ser estranha aos olhos dos outros, porém é peculiar a cada indivíduo (N/D). “-*O meu fraco é a sindicalização, minha senhora. Cada louco tem sua mania. O trabalhador hoje é o centro do interesse nacional, e portanto deve ser encarado pelo prisma da justiça social [...]*” (BP- 62, linha 18 e 19).

CAIR FORA 1- Sair, ir embora; dar o fora; mandar-se, retirar-se. 2- Fugir; escafeder-se (H-362). Eximir-se de fazer algo; tirar o corpo fora (O- 340). “-Ora! Vai amolar o boi. Toma isto e cai fora, vai pro diabo, gata relaxada!” (BP-22, linha 15).

CAI NÃO CAI 1- Que tem ou está com pouco equilíbrio ou prestes a cair; que está em situação precária, sem estabilidade ou à beira do fracasso ou da bancarrota (H-362). “A velha Germana, companheira do tio Romão, ainda vivia em Pôrto Nacional, cái-não-cái nas grotas feitas pelas enxurradas. O chicote do velho Romão lhe dava vida, mas a surra constante da vida lhe tirara tôdas as fôrças. Era um caco de gente” (BP- p.56, linha 11).

CAIXA DE CATARRO 2-O tórax ou os pulmões (H- 362). Peito; tórax (O-145). “[...] Tem um bobinho que tosse feito cão. Acho que o coisa tá é com a tuberca velha na caixa de catarro [...]” (BP- 42, linha 04).

CÂMBIO NEGRO Mesmo que câmbio paralelo. 1- Mercado ilegal de moeda estrangeira, que não obedece às taxas e especificações determinadas pelo governo no câmbio oficial; câmbio negro taxa de câmbio fixada por esse mercado (H- 376). [...] Carrega passageiro e compra cristal, vende trem no câmbio negro [...]” (BP-14, linha 03).

CARA AZEDA Estar com a fisionomia fechada; Cara ruim (N/D). “Desceu do carro assoviando, sem nenhum indício de contrariedade. O dr. Alcides ficou com uma cara bastante azêda, descendo também para olhar Silvestre fazer o consêrto, e Domingos ajitou-se na bolêia para puxar uma soneca” (BP- 44, linha 16).

CASAR NA IGREJA VERDE Amigar (O- 389). “[...] A bichinha era fogosa dimais pra esperar casamento. Casou, mais foi na igreja verde...” (BP-10, linha 25).

CHUPAR O DEDO Ficar em desvantagem (O- 261) “[...] A bichinha era fogosa dimais pra esperar casamento. Casou, mais foi na igreja verde... - E o Benedito, noivo dela? -Ficou chupando o dedo” (BP- 10, linha 2).

COCO SADIO Pessoa inteligente, que sabe pensar; de cabeça boa (N/D). “-Isto é que é bahiano de côco sadio- dizia ela às amigas. Home qui faz jornal é mais home qui os outro, ninguem duvida!” (BP- 85, linha 06).

COMO QUÊ 1-De modo incomparável, muito bem. 2-Em grande quantidade ou intensidade (H- 1587) “-Motor como este acho que não apareceu igual nestas bandas. O danado puxa como quê. Ladeira para êle é café pequeno, leva tudo de colher” (BP-07, linha 11).

COMPRAR ZUADA Meter-se em confusão; Brigar (N/D). “-Mas o senhor é que atravessou no meu caminho! -Tá vendo, cabo? Esse freguêis tá querendo comprá zuada. Nois tamo aqui é pra mantê a orde, não é, cabo?” (BP- 86, linha 16 e 17).

CONVERSA MOLE Mesmo que conversa fiada; conversa à toa, sem relevância, lero-lero. Palavreado com intuito de enganar; falsidade (H- 542). 1- Invenção de assunto. 2- Assunto que procura convencer (O-232). “[...] Essa questão de canudo e anel no dedo é conversa mole” (BP-41, linhas 23 e 24).

COQUE SECO Barulho em um recipiente oco (N/D). “*O militar subiu o s degraus. Uma pedra rolou e bateu na testa macerada do defunto, fazendo um cóque sêco, como se batesse numa cabeça vazia* (BP- 52, linha 09).

CORPO FECHADO Corpo supostamente invulnerável a perigos ou males (H- 554). Sinônimo de fechar o corpo. 1- Ingerir bebidas alcoólicas. 2 Tornar o corpo imune a facada, tiro, picada de cobra, feitiços, etc (O- 236). “- *Ele hoje “come” qualquer um na bala! -Sai daí, negrada! Raimundo Pontaria hoje virou o diabo dos inferno! Aquela disgrama tem o corpo fechado! Arreda, cabroeira!*” (BP- 72, linha 22, destaque do autor).// “*Domingos lembrou-se naquele instante de velhas histórias de gente que tinha o corpo fechado, que dava a alma ao diabo para se tornar invencível*” (BP- 87, linha 06).

CORRE-CORRE 1-Correria (H- 555). Rebuliço de pessoas; correria de um lugar a outro (O- 236). “*Diversos tiros para o lado de um boteco interromperam a conversa dos mendigos. Formou-se um bôlo de gente para ver o motivo daquela desordem. Iniciou-se um corre-corre subitâneo, coisa muito natural naquele lugar sempre agitado*” (BP-71, 32).

CERTO DIA Determinado dia (N/D). “[...] *Provocou muitas brigas, pois adquirira uma agilidade espantosa, e quando encontrava uma mulher de jeito para beliscar, mudava de lugar como por encanto. Certo dia, porém, foi beliscar a mulher de um sanfoneiro avalentado e não teve tempo de esconder-se. O homem sacou de uma garrucha e com um tiro certeiro vingou o beliscão nas nádegas de sua espôsa*” (BP- 70, linha28).

CRAVO DAS MENINAS Namorador (N/D). “*Cravo das meninas*” (BP- 12, linha22 e 23, destaque do autor).

CUTUCAR DA ESPORA Forçar; explorar; oprimir (N/D). “*Quando o mundo sentiu apavorado o pêso da bota nazista, e experimentou no lombo o cotucar da espora da opressão, ouviu-se um grito quase angustiado, um grito, porém, salpicando de confiança: [...]*” (BP- 17, linha 23).

D

DANADO DE X Muito caro (N/D). “[...] *Pra garimpeiro é tudo danado de caro[...]*” (BP- 08, linhas 07 e 08).

DAQUI E DACOLÁ De diversas formas. Em diferentes lugares (N/D). “- *O capitão falou agorinha mesmo qui vem atrás de ti, por causa da morte do Grajaú. Também tu é muito minina. Pra que foi jogar os brinco logo ali? O capitão indagou daqui e dacolá e descobriu qui os brincos era teu[...]*” (BP- 76, linha26).

DAR CÁ AQUELA PALHA Por nada; por motivo fraco; por qualquer coisa (N/D). “*Ao chegar ao rancho, abriu o embrulho. Era um par de brincos. A moça fazia aquilo*

com cuidado, porque sua mãe não era brincadeira, e por dá-cá-aquela-palha em questões de semvergonhice, era capaz de dobrar-lhe o rêlho nas costas.” (BP- 49, linha 03).

DAR CAMISA Ganhar dinheiro; Faturar (N/D). “[...] Não me enchi ainda de gaita é porque sou mole, sou besta mesmo, garimpo só não dá camisa é pra garimpeiro[...].” (BP- 07, linha 22).

DAR COM O REFE N/D- Passar a perna; Enganar. “Raimundo Pontaria, nortista bagunceiro e ligeiro no gatilho, havia deixado um soldado morto dentro da taverna e fugia, defendendo-se dos companheiros da vítima que lhe queriam tirar a orelha. - Também essa canalha pensa que pode dar com o réfe em todo mundo!” (BP- 72, linhas 14 e 15).

DAR DINHEIRO Ser vantajoso financeiramente (N/D). “[...] Me cansei de ser idealista, filho. O ideal quase me leva pra sepultura, você deve se lembrar disso muito bem. Hoje sou perito em elogios e em crônicas esportivas. Dá dinheiro e atrai amigos como formigas no doce. Esse negócio de elogio hoje é uma doença, rapaz [...]” (BP- 82, linha 18).

DAR GRAÇAS A DEUS Ser grato; Agradecer a Deus (N/D). “- *Qui a virge sirva de guia pra êle, tadinho. Dá graças a Deus, home. Podia sê tu. O coitado também num tinha nem pai nem mãe, nem ninguém, Ficou discançado desta porquêra cá de terra*” (BP- 53, linhas 07 e 08).

DAR LICENÇA Forma educada proferida antes de se retirar de um lugar; Expressão usada quando se quer passar e/ou olhar e o outro se encontra na frente (N/D). “-Dá licença, tio Jinú? Vou arranjar um cafezinho. - Não se incomode comigo, moça. Pode ir cuidar do móca. Fico aqui com êsse menino velho do coração” (BP- 83, linha24).

DE BOCA EM BOCA Por transmissão oral, geral e rápida (H-302). “A pergunta corria de bôca em bôca. Todo mundo queria saber quais eram os protagonistas do novo sururu” (BP-72, linha 02).

DE BOCA ESCANCARADA Ficar de boca aberta, assustado, surpreso; Admirados (N/D). “Os raros moradores da zona de Pium viram, de bôca escancarada, chegar um rôr de gente de tôdas as idades, de tôdas as profissões, de tôdas as camadas sociais” (BP- 17, linhas 27 e 28).

DE CARA FEIA De cara amarrada (O-169). “Os brincos! Ritinha sentiu que vivia apenas da cintura para cima. As pernas haviam morrido. Agarrou a sáia da mãe. Sá Zefa afastou-lhe o braço bruscamente, fazendo uma cara feia” (BP- 51e 52, linha 2 da p. 52).

DE COLHER À mão, acessível; fácil de resolver ou de encontrar (H- 493). Fácil; acessível (O-223). “-Motor como este acho que não apareceu igual nestas bandas. O danado puxa como quê. Ladeira para êle é café pequeno, leva tudo de colher” (BP- 07, linha 12).

DE COR De memória (H-547). “- *O Carmo véio tá se esbandaindo. Inda hoje interra gente na porta da igreja de Nossa Senhora do Carmo. Tu sabe disso mais do qui eu, tu é de lá... -Sei até de cór as pedras e as estrêla daquelas banda*” (BP-54, linha 27).

DE FATO 1-Realmente; com efeito. 2-Que existe, que é efetivo, independente de registro legal (H- 877). “-*Mas há muitos caminhões trafegando para este lado. - De fato há, mas os choferes estão trazendo pouca carga porque o transporte de passageiros para o garimpo dá mais resultado [...]*” (BP- 63, linha 18).

DE HORA EM HORA DEUS MELHORA Expressão que denota otimismo (O-385) “-*Calma, Zefa. Guenta firme. De hora em hora Deus miora...*” (BP- 19, linha 18 e 19).

DE MÃO EM MÃO Da mão de alguém para a de outro, da posse de uma pessoa para a de outra (H- 1239) “-*A voz de alerta para receber os blocos era contínua e ritmada. - Êpa! Ôpa! Êpa! Ôpa! E os calháus iam passando de mão em mão, percorrendo os diversos degráus constuidos pelos garimpeiros*” (BP- 45, linha 27).

DE PAPO PARA O AR Ficar deitado de costas (N/E). Sem trabalho; desocupado, ocioso (H-1427) “*O capitão desceu até onde estava o cadáver. Virou-o de papo para o ar. Examinou-lhe os bolsos. Tudo limpo. Ficou por um momento olhando a face do morto, mordendo os lábios [...]*” (BP-51, linha 22).

DE RACHAR N/D- Muito; Abundante; Demasiado. “[...] *Tambem aqui a gente não precisa de coberta, nem nada, pois o calor é de rachar. Não se afobe, seu Zé*” (BP- 117, linha 20).

DE REPENTE De súbito; repentinamente (H- 1646). “*De repente o chofer levou a mão à alavanca de mudanças, e passou o carro para segunda*” (BP- 07 linha 8).// “*Mas por que apenas Sá Lina e o homem de sorriso sem-vergonha haviam notado o seu vestido de algodão? Ritinha olhava tudo sem nenhuma atenção, pois sua cabeça era pior do que um pião naquele momento. Estava até zunindo. De repente sentiu um estremecimento*” (BP- 48 linha 23 e 24).// “*Nesse momento entrou Zé do Carmo. Vinha do enterro de Marcelino. Estava com uma dor de dentes tremenda e pedira dispensa do serviço. A mulher contou-lhe o caso. O susto foi um perfeito anestésico no caso de dente insubordinado. A dor sumiu-se de repente*” (BP- 51 linha 15).// “*O capitão desceu até onde estava o cadáver. Virou-o de papo para o ar. Examinou-lhe os bolsos. Tudo limpo. Ficou por um momento olhando a face do morto, mordendo os lábios. De repente afastou-se um pouco. Abaixou-se e apanhou os brincos atirados ao chão*” (BP- 51 linha 24).// “- *Tu ainda não deu uma surra nessas mulhé dama por ai não, minino? – falou o velho Romão, mudando de assunto de repente*” (BP- 54 linha 30).// “*De repente saiu um cabra de dentro do boteco, distribuindo tiros contra dois soldados que o seguiam, disparando também os seus revólveres*” (BP-72, linha 4).

DE VEZ EM QUANDO Ocasionalmente, uma vez ou outra; de quando em vez (H-1940). “[...] *Depois arranjou um forde velho, mas vivia numa pendenga danada, dando “facada” de vez em quando nos companheiros [...]*” (BP-13, linha 30, destaque do autor);// “[...] *Faziam a bôca tomar formas diferentes, à custa do baton. De vez em quando amanheciam com o cabeludo louro [...]*” (BP- 23, linha 34).// “-*De vez in quando mostre êsse fucinho aqui Zé. Acho qui vou Morrê é mesmo cumo o tio Romão. O baço té ficando inchado feito bolo de arrôis*” (BP- 57 linha 19).// “*Domingos e*

Januário Batista conversaram longamente, enquanto esperavam o café. De vez em quando o comerciante era obrigado a interromper a palestra para atender aos fregueses na loja [...]” (BP- 83, linha 28).

DEUS COM GANCHO E SÃO PEDRO COM GARRANCHO Impossível de ser resolvido (N/D) “- *Esse aqui nem Deus cum gancho e São Pedro cum garrancho dá jeito nêle. Tira os cobre do home, Nico!*” (BP-51, linhas 03 e 04).

DEUS LIVRE E GARDE Expressão que invoca a proteção de Deus (O-271). “[...] *O mundo não anda bão nada. Todo dia aparece cada coisa... qui Deus me livre e garde*” (BP- 36, linha 31).

DIABO DE SAIA Referência à mulher (O-679). “-*Bem. Agora vou tomar providências pra enterrar o Grajaú. Limparam o homem. Mas eu pego êsse diabo de saia, pego mesmo...*” (BP- 52, linha 12 e 13).

DITO E FEITO Sabedoria popular (Comprovação) (O- 275) “-*Sabe de quem me alembrei? - Do Chico Belisca? -Dito e feito. Mais esse Rolinha não é como o Chico, nem pintado!*” (BP- 70, linha 14).

DO BOM E DO MELHOR Do que é d a mais alta qualidade ou categoria (H- 309) “- *Isso é exagêro do Sr., coronel Pacheco. Na sua mesa é que deve haver do bom e do melhor. Fazendeiro, comprador de cristal, zebuzeiro....*” (BP- 60, linha 23).

DO PEITO Estimado, íntimo, querido, do coração (H- 1459) Amizade muito chegada. (O- 572) “-*Dê cá um abraço moça. Você é cá do peito também. Pode apertar, que êsse dismilinguido não vai ficar com ciumes, não.*” (BP- 82, linha 04).// “-*Pra quê dar notícias? Sou inimigo de escrever cartas. É uma tara que tenho. Mas os amigos cá do peito continuam firmes. Também não sabia que você era comerciante, com êsse disparate de mercadorias...*” (BP- 83, linha 21).

E

EMPURRAR NUMA CERCA PODRE Destruir; Desequilibrar o outro (N/D). “*Aquelas palavras foram mesmo que um empurrão numa cêrca pôdre. Os nervos de Ritinha já estavam bambos e se desmantelaram por completo[...]*” (BP-37, linhas 14 e 15).

ENFIAR A PEIA Bater; surrar; castigar (N/D). “[...] *A barqueirama então achô bão e era só chegá e enfiá a pêia nos rabo de saia. Já perdi a vontade quanto a Germana já panhô. Mas tôda vez qui volto, trago coisa prela de Belém. Mulhé é mesmo qui carrapato, minino [...]*” (BP- 55, linha 12).

ENTÃO ATÉ Até outro momento; Expressão usada na despedida (N/D). “[...] *Bem, Neco então até... – Boa viagem![...]*” (BP- 11, linha 25).

ENTRAR POR UMA PORTA E SAIR POR OUTRA Ter pequena duração; Acabar rapidamente (N/D). “*Sá Zefa estava assombrada com tanto dinheiro. Notas de quinhentos entravam por uma porta e saiam pela outra*” (BP- 19, linha11).

ÊPA! ÔPA! ÊPA! ÔPA! Expressão usada para alertar as pessoas (N/D). “*A voz de alerta para receber os blocos era contínua e ritmada. - Êpa! Ôpa! Êpa! Ôpa!*” (BP- 45, linha 26).

ESPERAR AÍ Expressão adversativa (N/D). “*-Rolinha....? Ispera aí... Silvestre bateu na testa várias vezes, depois parece que a lembrança lhe acordou de sopetão.*” (BP- 11, linha 01).//“*- Espera aí. Ninguém vai lá agora. Vou chamar o capitão. Esse negócio pode dá increnca*” (BP- 51, linha 16).//“*-Espera ai- falou o cabo adiantando-se. O senhor tem qui pedi desculpa de joêio. Não se ofende assim os representante da lei e da orde*” (BP- 86, linha21).

ESCARRADO E CUSPIDO exatamente igual, idêntico. (H- 590) Muito semelhante ao pai ou à mãe (O- 300) “*-Escarrada e cuspada, Silvestre- falou Neco interrompendo a frase. A bichinha era fogosa demais pra esperar o casamento*” (BP- 10, linha 23).

ESTAR BRINCANDO Ao dizer algo inapropriado para o momento; caçoar (N/D). “*-Deixa ela, comadre. Ela ficou meia desajeitada porque eu falei no vestido dela. Tá muito bão, minha fia, tava era brincando*” (BP-38, linhas 12 e 13).

ESTAR CHEIA ATÉ NA TAMPA Estar grávida em estado avançado (N/D). “*-Mais sabe, dotô? A filha do Tonho tá com uma pança do tamanho dum bonde. Tá cheia até na tampa. Acho qui ela vai ter em mais um bôbo*” (BP- 42, linha 23).

ESTAR DOIDO Quando o indivíduo tem atitudes estranhas; Estar transtornado (N/D). “*De repente saiu um cabra de dentro do boteco, distribuindo tiros contra dois soldados que o seguiam, disparando também os seus revólveres. - O Raimundo tá doido gente! Corre agente!*” - *Qui Raimundo? Qui loroça é essa, pessoal?* (BP- 72, linha 07).

ESTAR POR CONTA 1- Em lugar do total; como parte do total.2- muito zangado; furioso, irado.(H- 533) 1- Insatisfeito, encolerizado. 2- A expensas de, à custa de. (O- 229) “*- Sua vírgula- retrucou a mulher gorducha. Tou por sua conta só até no garimpo [...].*” (BP- 11, linha 17) // “[...] Tem ainda duas mulher por conta, esse nariz de sino [...]” (BP- 13, linha 32).

ESTAR TUDO PERDIDO É um problema sem solução; Não dar certo (N/D). “*-Se vosmicê qué qui a gente vai lá com o sol fervendo, tá tudo perdido. Os garimpeiros vão reclamá. É preciso vê o cristal primêro, dispois a gente cata êle é dinoite mesmo[...]*” (BP- 50, linha 29).

ESTICAR AS CANELA Morrer (H- 384/O- 156). “*-É por isso mesmo, seu Domingo. Tenho medo de gente sabida demais. Os companheiros ficaro zangado comigo, porque eu não fui nessa bestage. Vida de garimpeiro é isso mesmo, de tanga, até esticá as canela*” (BP-67, linha 04).

ETA MUNDO! Interjeição de satisfação ou desgosto (O-508). “-*Dei os trem por Tonho. A bôba já esvasiou a pança. Uma velha que diz que é parteira é que arrumou a história. Que coisa triste, gente! Êta mundo!*” (BP- 43, linha 02).

F

FAZ NÃO SEI QUANTO TEMPO Quando não se lembra da data. Quando se passou muito tempo (N/D). “- *Aqui é o tio Januário, Lena. Faz não sei quanto tempo que saiu de Pôrto Nacional, e como tia Corina morreu, não quis voltar mais*” (BP- 82, linhas 01 e 02).

FAZER DÓ Expressar compaixão; Despertar pena (N/D). “*O sr. está até muito bem instalado. Esses garimpeiros é que faz dó. Vivem em ranchos imundos, coitados. É pena. Vou fazer o possível para tirá-los dessa situação aflitiva*” (BP-61, linha 19).

FEITO PRAGA Muito; Exagerado (N/D). “*Para aquela terra inculta e má, perdida nos ermos de Goiás, as vistas do mundo de voltaram esperançosas. Ali havia cristal feito praga*” (BP- 17, linha 2).

FIAPO POR FIAPO Pouco a pouco; Gradativamente; Fato por fato (N/D). “*A vida de Rolinha foi então desfiada, fiapo por fiapo. Os mendigos viviam de mistura com o lixo das ruas, mas conheciam perfeitamente a vida de todo mundo, sabiam onde estavam depositados os montões de lixo nas diferentes camadas sociais*” (BP-69, linha 17).

FILHO DA POLÍCIA! Sinônimo de “filho da mãe”; Pessoa desonesta (N/D). “-*Tudo em orde, Silvestre. Parei um tiquinho pra êsse gado... - Gado é a sua mãe, seu filho da púlicia! – retrucou uma das mulheres*” (BP- 10, linha 13).

FORROBODÓ EM FORROBODÓ De festança em festança (N/D). “*A diferença era apenas que o músico não tinha nenhuma responsabilidade, não tinha mulher nem filhos e vivia de forrobodó em forrobodó, dormindo pelos cantos, cheio de pinga e abraçado com o instrumento, único meio de vida que possuía*” (BP- 79, linhas 27 e 28).

FILHO DA MÃE! Filho da puta (H-895). Desonesto; mau caráter (O- 329). “*O caminhão deu uma bacada tremenda, sacudiu-se todo e quase montou num barranco. - Estrada filha- da- mãe! Praguejou o chofer[...]*” (BP- 08, linha 27).

FIM DE MUNDO 1 lugar longínquo, de difícil acesso e pouco habitado; cafundó, fim do mundo. 2 grande transtorno ou desgraça; horror, fim do mundo (H- 897).1- Coisa difícil. 2- Lugar longínquo. 3- O máximo (O- 508). “*Alguns sertanejos ainda teimavam em permanecer nêsse fim de mundo, aproveitando insignificantes nesgas de terras para cultura [...]*” (BP-15, linha 27).

FORA DE HORA A uma hora inabitual (H-1034) 1 Em momento inoportuno. 2 Muito tarde da noite (O-385). “*O garimpeiro apenas se moveu na cama, com o barulho,*

mudando de posição. Estava cansado demais para entender o significado daquela buzina fora de hora” (BP-75, linha 27).

FUGIR À REGRA Ser exceção; Sair do habitual (N/D). *O doutor Souza não podia fugir à regra. Contava centenas de histórias do seu tempo de estudante, cada qual de acôrdo com o ambiente em que se encontrava[...]*” (BP-62, linha 07, destaque do autor).

G

GANHA-PÃO Trabalho ou instrumento de trabalho que garante a subsistência do trabalhador; ganha-vida (H- 952). *“O velho Romão ficara enterrado às margens do rio que lhe dera o ganha-pão, numa das últimas viagens que Zé do Carmo fizera*” (BP- 55 linha 26).

GATA RELAXADA! Prostituta; Mulher da vida (N/D). *“-Ora! Vai amolar o boi. Toma isto e cai fora, vai pro diabo, gata relaxada!”* (BP- 22, linha 16).

GLÓRIA A DEUS NAS ALTURAS, E PAZ NA TERRA AOS HOMENS DE BOA VONTADE! Saudação, homenagem, preito (H- 978). *“Januário Batista foi tachado de “o foral do progresso local”, a “encarnação do espírito de Gutemberg”, e um padre, terminando o seu laudatório, atirou à cara do homenageado um latim bem decorado, que alguém traduziu depois: “Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens de boa vontade!”* (BP-84, linha 28, destaque do autor).

GENTE MOLE Pessoa sem disposição; Sem iniciativa (N/D). *“-Seja no rabo da vó! Manda buscá essa cerveja, corja de gente mole! Não danço com poeira!”* (BP- 77, linha 24).

GUTE- GUTE Forma linguística onomatopeica imitando o barulho de engolir líquido (N/D). *“Ritinha encheu um copo água e bebeu-o apressadamente, num “gute- gute” forte e angustiado”* (BP- 25, linha, 07, destaque do autor).

H

HORA FATAL Final; A morte (N/D). *“Deu uma olhadela. Mesmo na escuridão, pôde ver o braço de Rolinha acenando. Parecia um pêndulo diabólico, marcando na treva uma hora fatal”* (BP- 76, linha18).

HORA PARA HORA Rapidamente (N/D). “*Discutiam-se àquela hora, enquanto um padre vindo de Pôrto nacional celebrava a missa, os mais diversos assuntos, mas as conversas voltavam-se irremediavelmente para os preços do cristal, que subiam de hora para hora. A desgraça dos garimpeiros era a classificação exigente feita pelos compradores*” (BP- 69, linha11).

I

IR AMOLAR O BOI Ir importunar outrem (H- 305). “-Ora! Vai amolar o boi. Toma isto e cai fora, vai pro diabo, gata relaxada!” (BP-22, linha 15).

IR COM DEUS Forma ritual de despedida (N/D). “*Acima do para-brisa do caminhão havia escrita, em letras grandes e brancas que se destacavam do azul da pintura geral do veículo, a seguinte frase: “VAMOS COM DEUS”*” (BP-11, linhas 31 e 32, destaque do autor).

IR E VOLTAR Ir para um lugar com a certeza que retornará (N/D). “Vou e volto” (BP- 12, linha 23, destaque do autor).

IR PARA O DIABO Forma linguística de despachar pessoa inconveniente; xingamento (N/D). “-Ora! Vai amolar o boi. Toma isto e cai fora, vai pro diabo, gata relaxada!” (BP- 22, linhas 15 e 16).

IR PARA O INFERNO! Sumir; Ir para um lugar longínquo e ruim; desastre, acontecimento funestre (N/D). “[...] Se o chofer é barbeiro vai tudo pros inferno! [...]” (BP-09, linhas 15 e 16).

IR TOMAR BANHO Expressão de reprovação (O- 80) “- Tá certo, filho! Agora você pode continuar com tua cantiga, vou me retirando... – Vá tomar banho!” (BP-22, linha 23).

J

JOGAR NAS COSTAS LARGAS Atribuir responsabilidade a outrem (N/D). “*O dr. Souza ouvira isto de alguém ou lera em alguma parte, mas não sabendo de quem era tal pensamento, jogou-o nas costas largas de Rui*” (BP-60, linhas 04 e 05).

L

LAVAR COM SUOR ALHEIO Conseguir benefícios por meio de sacrifícios de outros; Receber; Enriquecer com o trabalho alheio (N/D). “*Por certo, pensavam os garimpeiros que retornavam, era porque a sorte não estava lá naquelas regiões do diamante, onde muito capangueiro saía com as mãos cheias de pedras preciosas, lavadas como suor alheio, enquanto a multidão sem nome continuava a cavar a terra, enfeitiçada pela esperança de fortuna, sem muitas vezes saber que cavava a própria sepultura*” (BP-14, linha18).

LEÃO DO NORTE Pessoa forte; Indivíduo ousado do norte (N/D). “*Leão do norte*” (BP- 12, linha21, destaque do autor).

LEITE DE NOSSA SENHORA Cápia; conta-de-lágrimas (O- 431). “*Não tinham figas no pescoço, nem bentinhos, mas ostentavam colares de contas enormes. Contas que eram verdadeiras blasfêmias duras a qualquer rosário bento. Sua mãe usava um grande rosário de “leite de Nossa Senhora”*” (BP-23, linha 27, destaque do autor).

LERO-LERO conversa vazia, inútil, vã; conversa mole, lereia, léria (H- 1171). conversa mole (O- 433). “*Eu cá vou logo é no rasto do feijão preto, da fava, da ferrage, do pingo dágua, da bosta da barata, pra vê se faço um bamburro. O mais é lero-lero...*” (BP-29, linha 35).

LUFA-LUFA Agitação e pressa na maneira de proceder; afã, azáfama, corre-corre (H- 1200). “[...] *Momentos depois um cavaleiro de chapéu côco e bem vestido entrava pela loja, largou a mala a um canto, e sòmente despertou a atenção de Domingos, já acostumado com aquele lufa-lufa de gente, quando gritou, desmanchando-se num largo abraço e num sorriso*” (BP- 81, linha 07 e 08).

LUXO DESSE BUCHO! Prostituta bem arrumada (N/D). “- *Minino!...espia só o luxo dêsse bucho!*” (BP- p.11, linha19).

M

MAIS DO QUE EU Muito; Ter mais conhecimento que o outro (N/D). “- *O Carmo véio tá se esbandaindo. Inda hoje in terra gente na porta da igreja de Nossa Senhora do Carmo. Tu sabe disso mais do qui eu, tu é de lá...*” (BP-54, linha 26).

MAIS UM OU MENOS UM Tanto fez tanto faz; A presença de um não faz diferença (N/D). “*Ritinha desviou os olhos de Rolinha e passou uma olhadela em si mesma, dos pés à cintura. Ele alisou o bigode, antevendo mais uma próxima conquista. Tinha já uma porção de casos de sedução de moças da roça. Mais um ou menos um era coisa sem importância*” (BP- 23linhas 04 e 05).

MAL AVENTURADOS Mal- aventureado que ou aquele que é infeliz; infortunado, malsortado, malventuroso (H- 1221). “*As jazidas de cristal de Pium, Fundão e Cristalina atraíam toda cambada de sanguessugas da economia popular, de mistura com os malaventurados cavadores de terra e fabricantes de cidades [...]*” (BP- 13, linha 05)”.

MAS FRANCAMENTE Sinceramente; expressão que denota surpresa (N/D). “ - *Quem é vivo sempre aparece, rapaz! Chega essas costelas pra cá, seu pilantra! -Tio Januário? -Mexe-te daí seu coisa! Então, quem haveria de ser? Não mudou nada, é aquele molóide de sempre! - Mas francamente! Nunca pensei ter uma surpresa deste tamanho!*(BP- 81linha 15).”

MATA-BURRO 1- fosso construído à entrada de uma propriedade para evitar a passagem de animais 2- pontilhão de traves, dispostas paralelamente espaçadas, que visa impedir a passagem de animais, sobretudo de equinos e gado bovino (H-1255). 1- Jirau; cama de varas. 2-Fosso coberto por vigotas espaçadas, na estrada, unindo cercas de arame, a fim de evitar a passagem de animais (O- 475). “*Ao descer uma colina avistaram, próximo de um mata-burro colocado à entrada de vastos latifúndios, outro caminhão parado*” (B.P-09, linhas 28 e 29).

MEIO PEDRA MEIO TIJOLO Estar mais ou menos; não estar bem nem mal (N/D). “*-Helena Fernandes. Como vai, seu Pacheco?Meio pedra meio tijolo, dona Helena. Aí o nosso doutor Souza vai agora fazer um trabalho pra êsse povo, Dona Helena. Os garimpeiros vão ser sindicalizados e vai ser um progresso danado pra eles*” (BP- 61, linha 28).

MINHA FILHA Forma afetiva usada para tratar pessoas mais jovens (N/D). “*-Deixa ela, comadre. Ela ficou meia desajeitada porque eu falei no vestido dela. Tá muito bão, minha fia, tava era brincando*” (BP- 38, linha12).

MUDAR DE RUMO Trocar de destino; Mudou de assunto, de conversa (N/D). “*Terminada aquela tenebrosa biografia, a conversa mudou de rumo*” (BP-69, linhas 27 e 28).

MULHER DAMA Prostituta (O-506) “ - *Tu ainda não deu uma surra nessas mulhé dama por aí não, minino? – falou o velho Romão, mudando de assunto de repente*” (BP- 54 linha 30).

MULHER É MESMO COMO CARRAPATO, QUANTO MAIS A GENTE MACHUCA MAIS ELA AGARRA Preconceito contra a mulher: Quanto mais à mulher apanha mais ela se apegar; Quando mais a mulher sofre mais se apaixonar (N/D). “*-Apanha do mesmo jeito. É moda, rapaz. Quem primêro começou isto foi o finado Batista, na caseira dêle. A primeira vez qui êle foi pra Belém, quando voltou deu uma surra danada na seleguestré dêle. Perguntaram por quê e êle disse: “Sei lá se ela dormiu sozinha êsse tempão todo? Isso é para livrá das dúvida...” A barqueirama então achô bão e era só chegá e enfiá a pêia nos rabo de sáia. Já perdi a conta de quanto a Germana já panhô. Mas toda vez qui volto, trago coisa prela de Belém. Mulhé é mesmo qui carrapato,minino. Quanto mais a gente machuca mais ela agarra.”* (BP- 55, linhas 15 e 16).

N

NA BATATA Na hora; no alvo; sem apelação (N/D) “[...] *Pra garimpeiro é tudo danado de caro. Tá na moda cobrá caro. Eu por exemplo cobro passage de gente qui vai pro garimpo é ali na batata. Agora assim pro senhor qui vai pro exército, vai defender nosso Brasil, é diferente[...]*” (BP- 08, linha 09).//“- *Conheço dimais! Êta lugar pra lá de bonito! Cadê aquele zebu azulêgo qui o senhor tinha? -Já enjeitei oitocentos contos por êle, na batata. Deixa o bicho lá mesmo*” (BP- 40, linha 09).

NA CERTA Com certeza, certamente, decerto (H- 441) “-*Nem paga a pena mesmo. É melhor a gente não agitar a água quando está em repouso há tempo, senão vem sujeira do fundo, na certa. Esse pilantra nem se lembrava mais de mim, garanto*” (BP-83, linha 16).

NÃO CUSTA Ter certeza (N/D). “-*Essas mulheres de garimpo são o diabo!- repetiu o capitão. Mas eu pego êsse demônio e não custa. Esses brincos vão me mostrar essa seleguestré!*” (BP- 52, linha 04).

NÃO SABER QUANTAS PERNAS TEM UM A Não saber ler; Não saber escrever; Não ter estudos (N/D). “[...] *Agora tem casa em Anápolis e tem dinheiro no Banco. Tem ainda duas mulher por conta, êsse nariz de sino. Não sabe quantas pernas tem um A[...]*” (BP- 13, linhas 32 e 33).

NÃO SER BRINCADEIRA 1 ser exigente, rigoroso 2 ser irascível, mal-humorado (H- 327) “*Ao chegar ao rancho, abriu o embrulho. Era um par de brincos. A moça fazia aquilo com cuidado, porque sua mãe não era brincadeira, e por dá-cá-aquela-palha em questões de semvergonhice, era capaz de dobrar-lhe o relho nas costas.*” (BP- 49, linha 03).

NÃO SERVIR NEM PARA SABÃO Não ter utilidade; sem valor (N/D). “[...] *Quando comprava cristal, andei lá pelo Pium. Agora não vou mais lá. Quero comprar é gado de raça, e o que há por lá não serve nem para sabão*” (BP- 40, linha 35).

NARIZ DE SINO Pessoa de cor negra (N/D). “[...] *Depois arranjou um forde velho, mas vivia numa pendenga danada, dando “facada” de vez em quando nos companheiros. Agora tem casa em Anápolis e tem dinheiro no Banco. Tem ainda duas mulher por conta, êsse nariz de sino*” (BP- 13, linha 32 , destaque do autor).

NÃO IR COM A CARA Não gostar de uma pessoa determinada (N/D).“- *Não sei. Não vou com a cara dêsse freguêis, não sei purquê. Impliquei com ele [...]*” (BP- 66, linha 28).

NEM É BOM FALAR! É tão bom que dispensa comentários por ser óbvio (N/D).“-*Êta torresminho que dá água na boca! Isto mais uma farinha bem feita... nem é bom falar!*” (BP- 27, linha 12).

NEM PAGA A PENA Não compensar despesa (N/D). “-*Nem paga a pena mesmo. É melhor a gente não agitar a água quando está em repouso há tempo, senão vem sujeira*

do fundo, na certa. Esse pilantra nem se lembrava mais de mim, garanto.” (BP- 83, linha 14).

NEM PINTADO! De forma alguma; de jeito nenhum; rejeitar totalmente (N/D) “-*Sabe de quem me alembrei? - Do Chico Belisca? -Dito e feito. Mais esse Rolinha não é como o Chico, nem pintado!*”(BP-70, linha 15).

NO PAU DA GOIABA De acordo com o previsto (O- 560). “[...] *Agora assim pro senhor qui vai pro exército, vai defender nosso Brasil, é diferente. Mais pra gente qui vai pro garimpo, é ali no paú da goiaba [...]*” (BP-08, linha12).

O

O CAFÉ BOM É COMO O PERFUME BOM Usar em pequena quantidade (N/D). “- *Obrigado, minha senhora. O café bom é como o perfume bom. Usa-se pouco. - Bonita imagem, doutor. Obrigado pelo elogio ao café. E o senhor, seu Pacheco?*” (BP- 64, linha 02 e 03).

OCO DE MUNDO lugar muito distante; fim do mundo (H- 1376). Fim de mundo; lugar deserto (O-529). “-*Dez mil... dez cruzeiros. É barato, neste ôco de mundo...*” (BP- 61, linha 02 e 03).

OLHAR DE BISTURI Olhar penetrante; cortante; olhar atento (N/D). “[...] *Os olhos de Rolinha apalpavam, num sensualismo destemperado, o corpo da sertanejinha, de cima para baixo e vice-versa. Olhar de bisturi, penetrante, incomodativo*” (BP- 22, linha 29).

O PRAZER É TODO NOSSO Forma educada de afirmação de amizade (N/D) “- *Minha senhora, prazer em conhecê-la. Disponha de um criado, e se for ao Rio minha casa está às suas ordens. - O prazer é todo nosso, doutor. - Senhor Domingos...*” (BP- 64e 65, linha 01 da p. 64).

OS DEDOS DA MÃO NÃO SÃO IGUAIS As pessoas não são iguais; conformar com as diferenças (N/D) “[...] *Pra encurtá a história, o pobre é que sunga com o pêso do rico. Tá direito, porque os dedo da mão não é igual[...]*” (BP- 30, linha 25).

O MEU FRACO Do que gosta de fazer (N/D). “[...] *Para que estudei? Depois... o meu fraco é sindicalização. Precisamos proteger os trabalhadores contra a ganância dos exploradores do suor alheio*” (BP- 59 e 60, linha 01, da p. 60).

O SOL NASCEU PRA TODOS Direitos iguais (N/D). “[...] *Não é possível o sol cobri tanta desgraça cá em baixo. Inda tem gente que diz que o sol nasceu pra todos*” (BP- 42, linhas 06 e 07).

ÔTA LAZEIRA! Interjeição indicando algo mal-arrumado; Difícil; Ruim; Infelicidade (N/D) “- *Estrada filha-da-mãe! - praguejou o chofer Ôta lazeira! Mais como eu ia dizendo, esta guerra é o diabo![...]*” (BP- 08, linhas 27 e 28).

P

PARA- BRISA Vidro fixado na frente dos veículos automotores que garante ao motorista total visibilidade e o protege contra a chuva, vento, poeira etc (H-1429). óculos (O- 552). “Acima do para-brisa do caminhão havia escrita, em letras grandes e brancas (...)” (BP- 11, linha 29).

PARA BAIXO TODOS SANTOS AJUDAVAM Descer é mais fácil que subir (N/D). “Bom homem aquê. Envelhecera como piloto no grande rio. Zé do Carmo o conheceu ainda nos bons tempos, quando o velho pilotava os pesados botes que navegavam do alto Tocantins para Belém do Pará. Seis meses de ida, um ano de volta. Para baixo todos santos ajudavam” (BP-53, linha 24).

PARAFUSAR A BOLA Pensar muito (N/D). “A moça saiu sorratamente e dirigiu-se para umas catas abandonadas que ficavam para os fundos do rancho. Iria esconder ali os brincos enfeitados que lhe parafusavam a bola” (BP- 49, linhas 19 e 20).

PASSAR A PERNA trair a confiança de; dar um golpe em; enganar, ludibriar (H-1477) . Enganar a outrem auferindo vantagens (O- 582). “Parece qui tem parte com o cão. Carrega passageiro e compra cristal, vende trem no câmbio negro, faz breganha, passa a perna nos outro, pinta os caneco! Dis-que ele é até pagão! (BP- 14, linha 03).

PASSAR BEM. 1- Usado na despedida para desejar bons votos a outrem; passa bem 2. Usado para manifestar descaso, desprezo etc. por quem fala; passar bem (H- 1442). !- *Minha senhora, mais uma vez... - Passe bem doutor. Foram para a loja. Seu Pacheco, demonstrando profunda perícia no campo do tabagismo, fez rapidamente um cigarro de palha. Acendeu*” (BP- 65, linha 15).

PASSAR O RABO DO OLHO Olhar de esguelha (H- 1601). Olhar com o canto do olho, de soslaio (O- 641). “O passageiro passou o rabo do olho em Silvestre, pois durante a viagem êle já havia diversos comentários desfavoráveis ao gado zebu.” (BP- 40, linha 13).

PASSAR OS OLHOS Olhar rapidamente sem muita atenção (N/D). “Domingos engasgou, passou os olhos pela loja e, para não mostrar inferioridade, respondeu sorrindo” (BP- 60, linha 30).

PÉ-DE-MEIA Dinheiro economizado e reservado para uma eventualidade futura. (H-1456) Péculio (O- 566). “Um dia a gente pode ranja um pé-de-meia e comprá um pedaço de chão, porque só acha dado pra sê interrado.” (BP- 56, linha 22).// “O ruído da festa, aos poucos, se afugentava de sua cabeça, e êle agora estava louco de raiva da mulher. Acostumada a comer paçoca a semana inteira, fora inventar, logo naquela ocasião em que êle começava a ajeitar o pé de meia, a enganchar um caroço de quiabo no demônio daquele pedaço de tria vagabundo, que só servia para tirar o gôsto de um pobre mortal! (BP- 80, linha 06).

PÉ DIREITO Com sorte, muito bem (H-1453) Esteio (O-566) “[...] *Entrou no negócio de garimpo com o pé direito [...]*” (BP- 13, linha 34).

PEDIR PADRE- NOSSO COM AVE MARIA! Ajuda; pedir ajuda (N/D). “[...] *Os companheiros lhes ouviam as vozes, percebiam o roncar de seus remos possantes. - Levanta, negra! O pessoal tá pedindo Padre- Nosso com Ave Maria!*” (BP-56, linhas 06 e 07).

PELO AMOR DE DEUS Por caridade, por favor (H- 119). “*Uma esmolinha pelo amor de Deus.*” –*Forneça o pobre cego com um adjutório, filho de Cristo!*”(BP- 69, linha 01).

PELO MENOS Calculando pelo mínimo (H- 1273). “- *Olhem aqui! O Grajaú foi assassinado por uma mulher. A diaba até deixou cair os brincos! Pelo menos havia uma mulher na hora. Vejam se descobrem mais alguma coisa por aí. Sempre nestas encrencas há um rabo de sáia! Precisamos agarrar essa sirigaita!*” (BP- 51, linha 27).

PINTA BRAVA pessoa suspeita, que inspira receio pelo aspecto ameaçador, pelos modos indicativos de disposições nada amigáveis (H-1494) 1 Pessoa folgazona. 2 Pessoa briguenta. 3 Pessoa namoradeira (O- 594). –*Mas Pontaria é “pinta-braba”, e é negro bagunceiro! corre-corre aumentava. O fim da missa foi esquecido. Na capela ficaram apenas o sacerdote e seu ajudante.*” (BP- 72, linha 16).

PINTA OS CANECOS! Pintar o sete (H-384). Pintar o faneco; pintar o bode; (O- 594). “*Carrega passageiro e compra cristal, vende trem no câmbio negro, faz breganha, passa a perna nos outro. Pinta os caneco!*” (BP-14, linha 03 e 04).

PODRE DE RICO Muitíssimo rico (O-606). “-*Este é o negro Tibúrcio- explicou Silvestre. Tá pôdre de rico. Não largou ainda de choferar porque nasceu com os dentes em cima do volante, dentro do caminhão, com a venta pregada no cheiro da gasolina*” (BP- 13, linha 25).

POR AÍ 1- Pelo mundo, em lugar indeterminado. 2- Mais ou menos, cerca de. 3- Em lugar desconhecido, em algum lugar. (H- 76) “-*Olhem aqui! O Grajaú foi assassinado por uma mulher. A diaba até deixou cair os brincos! Pelo menos havia uma mulher na hora. Vejam se descobrem mais alguma coisa por aí. Sempre nestas encrencas há um rabo de sáia! Precisamos agarrar essa sirigaita!*” (BP- 51, linha 29).

POR CERTO Sem dúvida (H- 441). “*Por certo, pensavam os garimpeiros que retornavam, era porque a sorte não estava lá naquelas regiões do diamante [...]*” (BP- 14, linha 15).

POVO SUMIDO Expressão usada quando fica muito tempo sem ver uma pessoa (N/D). “-*Cadê êsse povo sumido, gente! Agora tão grande, mexendo com cristal...*” (BP- 37, linha 04).

PRA LÁ De mais do que (H-1145). “-*Conheço dimais! Êta lugar pra lá de bonito! Cadê aquele zebu azulêgo qui o senhor tinha?*” (BP- 40, linha 07).

PRA LÁ E PRA CÁ De um lado para o outro (N/D); “[...] *De sopetão, sá Lina virou-se para Ritinha, que ficava a um canto, ouvindo a prosa, pois as duas velhas quando se encontravam era um nunca acabar de casos pra lá e casos pra cá* (BP- 37, linha 12).

PRAZER EM CONHECER Forma cordial fixa ao ser apresentado a alguém (N/D). “*Empertigou-se todo, ajeitou o paletó.- Minha senhora, prazer em conhecê-la. Disponha de um criado, e se for ao Rio minha casa está às suas ordens*” (BP-64, linha 32).

PUXAR UMA SONECA Dormir (N/D). “*Desceu do carro assoviando, sem nenhum indício de contrariedade. O dr. Alcides ficou com uma cara bastante azêda, descendo também para olhar Silvestre fazer o consêrto, e Domingos ajeitou-se na boléia para puxar uma soneca*” (BP- 44, linha 18).

Q

QUAL X, QUAL NADA Que nada; desconsiderando o antecedente afirmado (N/D). “- *Ainda não me arrependi, senhor Januário. –Qual senhor Januário, qual nada! Se quiser pode me chamar de tio Jinú, que é como me chamavam os sobrinhos de Corina em Pôrto Nacional. O Domingos não lhe contou as misérias de que fui vítima?* (BP- 83, linha 07) //“- *Qual 38, qual nada! O homem que não tem rabo e é idealista vale por cem!*” (BP- 85, linha 33).

QUE A VIRGEM SIRVA DE GUIA Proteção (N/D). “- *Qui a virge sirva de guia pra êle, tadinho. Dá graças a Deus, home. Podia sê tu. O coitado também num tinha nem pai nem mãe, nem ninguém.Ficou discaçado desta porquêra cá de terra*” (BP- 53, linhas 07 e 08).

QUEM É VIVO SEMPRE APARECE Reaparecimento (O-777) “-*Quem é vivo sempre aparece, rapaz! Chega essas costelas pra cá, seu pilantra!*” (BP- 81, linha 10).

QUERER BANCAR Desejo em usar (N/D). “-*Então, moça. O que qui já resolveu? Tu quer mesmo continuar com êsse vestido de algodão ou quer bancá uma sedinha?*” (BP- 22, linha 34).

R

RABO DA AVÓ Xingamento; Em outro lugar (N/D). “*O Chevrolet afastou-se humildemente, como um cão repreendido, e um Ford “De luxe” passou de raspão, entupindo-lhe o focinho com a cáuda volumosa de poeira vermelha. – Vai tocá poeira no rabo da vó! – praguejou Silvestre*” (BP- 128, linha 14, destaque do autor).

RABO DE SAIA Pessoa jovem ou adulta do sexo feminino; mulher 2 espécie de buscapé pequeno; diabinho (H- 1601) Mulher, no sentido de conquista (O- 679). “-*Olhem*

aqui! O Grajaú foi assassinado por uma mulher. A diaba até deixou cair os brincos! Pelo menos havia uma mulher na hora. Vejam se descobrem mais alguma coisa por aí. Sempre nestas encrencas há um rabo de sáia![...]” (BP- 51, linha 29).

RABO DO MUNDO Muito longe; Lugar distante, ruim (N/D). “-*Isto aqui é o rabo do mundo, é o fim do espinhaço do Brasil! Esta desgraça ainda há de ser lavada com sangue! Sômente assim pode endireitar! Nem gente para acudir um cristão há nessa peste!*” (BP- 87, linha 20).

RABO GROSSO Ter um passado desonesto (N/D). “[...] *Quem desejar saber de minha vida que vá na Bahia fazer indagações. Sou um homem limpo, graças a Deus. Essa corja é que tem rabo grosso. Não tenho nada atrás de mim que me envergonhe. Sou bahiano velho de vida sem bandalheira, sempre vivi de meu esforço*” (BP- 85, linha 23).

S

SE DEUS QUISER Quando almeja algo (N/D). “- *Pro ano qui vem- continuou o chofer - se Deus quiser eu já fiquei livre das prestações pra pagá esta lacráia danada de boa*” (BP- 07, linhas 18 e 19).

SEM DEMORA De forma imediata, sem delonga ou atraso; já, agora (H- 613). “-*Dá isto pra Germana, minino! – disse êle já com a voz arrastada, minado pela maleita. Dá isto pra Germana e... se tu pudé... meta o couro nela primêro. Num se esqueça... é moda... e aquela negra gosta de apanhá! Morreu sem demora. Ficou ali para aumentar a credence de seus companheiros*” (BP-55 linha 32).

SEM FÉ Sem valor (N/D). “-*Nada, rapaz. A gente só tira agora ali uns lambisco sem fé. Aqui também já não presta. Eu fazia trinta e fumaça por dia. A gora nem vinte. Isto é lá dinheiro?*” (BP-70, linha 03).

SEM TUGIR NEM MUGIR Ficar calado, sem dizer nada ou sem emitir qualquer som (H- 1891). Não dizer palavra (O-753). “[...] *Agora assim pro senhor qui vai pro exército, vai defender nosso Brasil, é diferente. Mais pra gente qui vai pro garimpo, é ali no paú da goiaba. O freguêis tem qui pagá sem tugir nem mugir [...]*” (BP- 08, linhas 12 e 13).

SER BESTA Ter a certeza que não foi esperto. Trouxa (O-97). “[...] *Não me enchi ainda de gaita é porque sou mole, sou besta mesmo, garimpo só não dá camisa é para garimpeiro [...]*” (BP- 07, linha 22).

SER CAPAZ DE APOSTAR Ter certeza de algo (N/D). “- *Depois... tem isso. Consertando bem este mundo, ajeitando bem os parafuso dêle não escanchéla mais, garanto o senhor, sou capais de apostar[...]*” (BP-09, linha 08).

SER DA MESMA LAIA Ser do mesmo jeito; Ter comportamentos, atitudes semelhantes (N/D). “*Dinheiro de garimpeiro não pregava no bolso, escapolia*

imediantamente. Estava num dilema chato. Ou nunca mais beberia cachaça, ou entraria num pileque constante, para fugir a tôdas as suas responsabilidades de chefe de família desajuizado. Por que não aceitara o convite do sanfoneiro? Eram da mesma láia, não havia dúvida” (BP-79, linha 25).

SER MOLE Pessoa sem energia; pamonha (O- 497). “[...] Não me enchi ainda de gaita é porque sou mole, sou besta mesmo [...]” (BP- 07 linha 21 e 22).

SER O DIABO Ser muito ruim; custoso; atentado (N/D) “[...] praguejou o chofer Ôta lazeira! Mais como eu ia dizendo, esta guerra é o diabo!” (BP- 08, linha 28).

SER UM DEUS NOS ACUDA! Grande movimento; tumulto, balbúrdia, confusão (H-675). Balbúrdia (O- 271). “*Se Sá Zefa descobrisse aqueles brincos era um deus nos acuda! Desejaria logo saber da sua procedência. Arrependeu-se de não haver atirado o embrulho fora, logo após sair da loja. Sabia perfeitamente que fôra o homem descarado que lhe pusera o embrulho na mão*” (BP- 49, linha 07 e 08).

SER UM PINTA Ter boa aparência; Ser enganador (N/D) “*Silvestre bateu na testa várias vezes, depois parece que a lembrança lhe acordou de sopetão. – Conheço dimais! ... Aquilo é um “pinta”! Ele tá lá pelo garimpo do Pium [...]*” (BP- 11, linha 04, destaque do autor).

SER UMA PECHINCHA Um bom negócio (N/D). “[...] Não sabe nem quantas pernas tem um A. Pra êsse negro o cristal foi mesmo uma pichincha. Entrou no negócio de garimpo com o pé direito [...]

SER UMA OVA Exprime negação; de jeito nenhum (H-1406). “*E explodiu, furando o espaço com a mão calosa fechada: - Chega mais é uma óva, uns tomate!” (BP- 31, linha 14).*

SÓ ACHA DADO PRA SÊ INTERRADO O único lugar que o homem encontra gratuito é o lugar para ser enterrado (N/D). “*Um dia a gente pode ranja um pé-de-meia e comprá um pedaço de chão, porque só acha dado pra sê interrado” (BP- 56, linha 23 e 24).*

SÓ VENDO Forma valorativa; algo para se admirar (N/D). “*-Se vosmicê qué qui a gente vai lá com o sol fervendo, tá tudo perdido. Os garimpeiros vão reclamá. É preciso vê o cristal primêro, dispois a gente cata êle é dinoite mesmo. E um dispotismo de pedra! Só o senhor vendo” (BP- 50, linha 31). // -Você deve ver o dr. Souza. Ele é um cavalheiro distinto e sabe lei como ninguém. Só vendo (BP-66, linha 33).*

SOFRER SORRINDO Enfrentar dificuldades com alegria (N/D). “*Sofro sorrindo” (BP- 12, linha 21, destaque do autor).*

SUA VÍRGULA Contestação ao antecedente (N/D). “*-Qual é a sua aí. Neco? Neco fêz a mais cínica de tôdas as caras, deu uma risada e respondeu: - Aquêle elefante ali!- Sua, vírgula- retrucou a mulher gorducha” (BP-11, linha 16).*

SUMIR NO MUNDO Ir embora para um lugar distante; desaparecer (N/D). “[...] *Passou lá na casa dela um tal de Rolinha, com um fordeco, falando difícil, tapiou a*

coitada, imbromou o pai dela, prometeu casar com ela e arribou com a franguinha pra Cristalina. Deixou ela lá e sumiu no mundo [...]” (BP-10, linha 33).

SUOR ALHEIO Sacrifício do outro; desfrutar do trabalho do próximo (N/D). “[...] *Para que estudei? Depois... o meu fraco é sindicalização. Precisamos proteger os trabalhadores contra a ganância dos exploradores do suor alheio” (BP- 59 e 60, linha 01, da p. 60).*

T

TEMPO DA ONÇA tempo muito antigo (H-1826) Antigamente (O-534). “-“*Velha rabujenta do tempo da onça!”- remoia Domingos*” (BP- 130, linha 21, destaque do autor).

TER A IMPRESSÃO Possuir sensação; ter sentimento; suposição (N/D) “[...] *Teve a impressão de estar núa, à frente do homem de sorriso cínico que lhe oferecia uma oportunidade de obter tanta coisa bonita. Sentia faltar-lhe o fôlego. Fazia calor demasiadamente [...]*” (BP- 24, linha 24).

TER FILHO NO MATO Dar a luz sem recursos médicos (N/D). “-*Melhor para ela disse o dr. Alcides. A natureza se encarregou de proteger êsse povo. Mulher que tem filho no mato não tem perigo algum*” (BP- 43, linhas 07 e 08).

TER LÍNGUA DE SAPO Ser traiçoeiro (N/D) “*O abismo tem língua de sapo. Comprida, visguenta, pega de longe. A vida artificial era o maior abismo existente sobre aquela terra. Uma loja de novidades, plantada assim de repente num meio matuto daqueles era uma arapuca perigosa para os sertanejos*” (BP- 33, linha 01).

TER O COBRE PARA O SABONETE! Ter dinheiro para comprar alguma coisa; Conseguir o dinheiro para comprar o básico (N/D). “*Rolinha enfiou a mão no bolso largo da calça, tirou um bolo de notas, separou uma de cinquenta e entregou-a à rameira, rosnando. - Desinfete! [...] Não se apresse, nêgo! Já tenho o cobre pro sabonete!” (BP- 22, linha 24).*

TER PARTE COM O CÃO Ter parte com o demônio (N/D). “[...] *Essa disgrama tem é lage. Também não tem dó de ninguém, é danado de isperto. Parece qui tem parte com o cão*” (BP-13 e 14, linhas 01 e 02 da p. 14).

TERROR DE GOIAZ Anunciando valor no trabalho ou na vida amorosa (N/D). Ser um Don Juan. “*Terror de Goiaz*” (BP- 12, linha 23 e 24, destaque do autor).

TIRAR A ORELHA Assassinar por encomenda (O-734). “*Raimundo Pontaria, nortista bagunceiro e ligeiro no gatilho, havia deixado um soldado morto dentro da taverna e fugia, defendendo-se dos companheiros da vítima que lhe queriam tirar a orelha. - Também essa canalha pensa que pode dar com o réfe em todo mundo!*” (BP- 72, linhas 14 e 15).

TUDO MUNDO 1 as pessoas todas 2 todas as pessoas (H- 1331) Todas as pessoas presentes (O- 509). *“A vida de Rolinha foi então desfiada, fiapo por fiapo. Os mendigos viviam de mistura com o lixo das ruas, mas conheciam perfeitamente a vida de todo mundo, sabiam onde estavam depositados os montões de lixo nas diferentes camadas sociais”* (BP- 69, linha 19).//*“Raimundo Pontaria, nortista bagunceiro e ligeiro no gatilho, havia deixado um soldado morto dentro da taverna e fugia, defendendo-se dos companheiros da vítima que lhe queriam tirar a orelha. - Também essa canalha pensa que pode dar com o réfe em todo mundo!”*(BP- 72, linha 15).

TODA VEZ QUE Sempre que (N/D). *“[...] A barqueirama então achô bão e era só chegá e enfiá a pêia nos rabo de sáia. Já perdi a vontade quanto a Germana já panhõ. Mas tôda vez qui volto, trago coisa préla de Belém. Mulhé é mesmo qui carrapato, minino. Quanto mais a gente machuca mais ela agarra”* (BP- 55, linha 13).

TOMAR FÔLEGO Respirar; descansar (N/D). *“Parou um pouco para tomar fôlego. O passageiro semblava um cadáver de olhos abertos. Nem parecia que estava respirando”* (BP- 09, linha 03).

TREM FICOU PRETO A situação complicou (N/D). *“[...] Viaja até dinoite, como tu sabe. Mais naquela hora o trem ficou preto. Quando o bote virô a cara prá meu lado e a negrada grito: “Sigura Belmiro”, me tremeu as perna, mais me lembrei qui tu tinha iscorado da outra banda e meti o conduru na pedra [...]”* (BP- 57, linha 03 e 04).

TUQUE-TUQUE Baticum (O- 753) *“[...] Ritinha afastou-se mais, com o coração num tuque-tuque de pilão socado de dois. Não sabia bem por que. Estava com um pavor mesclado de angústia”* (BP 21 e 22, linhas 21 e 22).

U

UM PEDAÇO DO CÉU E UM PEDAÇO DE INFERNO Pontos positivos e negativos; Alegrias e tristezas; Prazeres e dores (N/D). *“[...] Havia sapatos bonitos, vestidos bonitos, mulheres bonitas, jóias feiteceiras, máquinas que faziam água virar gêlo, bebidas que espumavam como as cascatas do Ribeirão Pium. Um pedaço do céu e um pedaço de inferno haviam-se misturado ali”* (BP- 24, linhas 07 e 08).

X UMA JOANA Discordar de um pensamento; Não concordar com o outro (N/D). *“[...] Inda tem gente que diz que o sol nasceu para todos. Nasceu uma Joana!”* (BP- 42, linha 07).

UNS TOMATE! Uma ova; de forma alguma; contestação do antecedente (N/D). *“- Já tou cançado de esperá, filho! Essa história é mesmo qui venda de bilhete de loteria. Agente só ouve é essa cantiga: “Seu dia chegará!”E explodiu, furando o espaço com a mão calosa fechada: - Chega mais é uma óva, uns tomate!”* (BP- 31, linha 14).

V

VALER A PENA Merecer o esforço, a preocupação, ser vantajoso, útil, compensar (H-1464). “-*Não vale a pena, Silvestre. O que posso fazer por eles? Nem dinheiro tenho agora. O que possuía empreguei numa partida de zebu do Morais [...]*”(BP- 42, linha 18).

VAI OU RACHA Expressão indicativa da determinação de levar algo até o fim, custe o que custar (H- 1109). “*Vai ou racha*” (BP- 12, linha 21 e 22, destaque do autor).

VALER POR CEM! Muito bom; Eficiente; Um indivíduo que faz o que cem faria (N/D). “- *Qual 38, qual nada! O homem que não tem rabo e é idealista vale por cem!*” (BP- 85, linha 33).

VALER POR DEZ Ter um grande valor; Ser eficiente (N/D). “-*Você precisa comprar um 38 bom, Januário. Um homem prevenido vale por dez. Você sabe que aqui já sumiu muita gente que quis se meter com esse povo*” (BP- 85, linha 30).

VAI E VEM Vaivém; 2- Dado em troca de; devolvido (O- 764). “*Quem viajasse por aquelas bandas, que naquela época tinham desusado movimento, um constante vai-vem de caminhões, automóveis, carros de bois, cavaleiros, gente a pé, de saco às costas, gente por cima da carga dos veículos, poderia ver as frases que os caminhões traziam*” (BP-12, linha 07).

VAI NÃO VAI 1 volta e meia; frequentemente; foi, não foi. 2 comportamento ou atitude que revela indecisão, hesitação, dúvida sobre querer ou não desejar fazer algo; sai não sai (H- 1109) Quase por um nada (O- 764). “- *Boa viagem! Fale pro Belezão qui não se esqueça de meu feixe de mola, pois o meu tá vai não vai*” (BP- 11, linha 27).

VICE-VERSA 1- Vaivém; 2- Dado em troca de; devolvido (H-1942). “[...] *Os olhos de Rolinha apalpavam, num sensualismo destemperado, o corpo da sertanejinha, de cima para baixo e vice-versa [...]*” (BP- 22, linha 29).

VIR SUJEIRA DO FUNDO Vir a tona; Descobrir problemas (N/D) “-*Nem paga a pena mesmo. É melhor a gente não agitar a água quando está em repouso há tempo, senão vem sujeira do fundo, na certa. Esse pilantra nem se lembrava mais de mim, garanto*”(BP- 83, linhas 15 e 16).

VIVER ATOLADO NA NOTA Ter muito dinheiro (N/D). “- *Isso é bondade sua. Dinheiro hoje anda vasqueiro. Essa garimpeirada é que vive atolada na nota, mas bota tudo fora*” (BP- 60, linha 26).

VIVER DA CINTURA PARA CIMA Não sentir as pernas de nervosismo; Estar em um momento de tensão (N/D). “*Os brincos! Ritinha sentiu que vivia apenas da cintura para cima. As pernas haviam morrido. Agarrou a sáia da mãe. Sá Zefa afastou-lhe o braço bruscamente, fazendo uma cara feia*” (BP- 51e 52, linhas 31 e 32).

VIVER NUMA PENDENGA Viver na miséria, passar dificuldade financeira (N/D).
“[...] Começou como ajudante do Limiro. Depois arranhou um forde velho, mas vivia numa pendenga danada, dando “facada” de vez em quando nos companheiros [...] Agora tem casa em Anápolis e tem dinheiro no Banco [...]” (BP-13, linha 29).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Elementos culturais e linguísticos são cultivados, resgatados e arquivados por diversos meios, e um deste é a obra literária, material que arquiva os feitos de um povo em uma determinada época e espaço.

Na obra literária o espaço é o palco onde as histórias e estórias são arroladas e vividas pelos protagonistas que funcionam como “pedras vivas” para a manifestação cultura do elenco. Neste cenário, as personagens compartilham crenças, costumes, tradições por meio de uma linguagem peculiar a comunidade. Seja no espaço literário, no ciberespaço ou no “espaço real” a língua com seu cunho formal, informal, conotativo ou denotativo manifesta o saber e as relações sócio-culturais do grupo.

Dentro de um contexto sócio-histórico-cultural a língua se adapta às normas da comunidade. Sendo tratada em sociedade, a língua concretiza os costumes e crenças de um povo, se tornando o meio pelo qual o indivíduo se serve para se representar, se reafirmar e manifestar história(s), espaço, identidade e cultura. Pensando neste instrumento de resgate da língua, estudou-se a obra *Pium*, de Eli Brasiense, um romance que relata o sofrimento de pessoas que trabalham em um garimpo de cristal, na época da segunda guerra mundial.

As agruras e lutas por sobrevivência, crenças e costumes são representados por meio de uma linguagem formal e informal, com um léxico regional que reflete marcas da época. Muitas das palavras e expressões só conseguem ser entendidas ao focalizar o contexto. Um exemplo de representação sócio-histórica é a expressão lexicalizada “cutucar da espora”, sintagma não dicionarizado, que para ser compreendido necessita de um conhecimento extralinguístico. “Quando o mundo sentiu apavorado o pêso da bota nazista, e experimentou no lombo o cotucar da espora da opressão, ouviu-se um grito quase angustiado, um grito, porém, salpicando de confiança: [...]” (BP-17, linha 23). Expressão que significa forçar, explorar, usada para mostrar o período de opressão em que viviam os habitantes de Pium. Assim, língua, cultura, história e sociedade se mesclam e tecem lexias dicionarizadas e não dicionarizadas, sintagmas entendidos não pela soma das partes e memorizados no todo.

Pensado nestas riquezas guardadas em páginas esquecidas, este trabalho busca resgatar os tesouros ocultos das expressões lexicalizadas. Sendo mais de 50% as expressões não dicionarizadas, percebe-se que a geração futura poderá sentir dificuldades em decodificar os significados arquivados pelos sintagmas memorizados.

Para tal, elabora-se um glossário com o intuito em resgatar o significado sócio-cultural enraizado nas expressões.

Este estudo procura desvelar as expressões lexicalizadas da obra *Pium*, descrevendo o sentido delas à luz dos dicionários: Houaiss e Ortêncio. Quando não constam destes dicionários o sentido é resgatado de acordo com o contexto. Tais expressões constituíram um glossário, como produto final. Para atender a este propósito, procura-se remontar parte do contexto linguístico, geográfico, cultural, identitário, estabelecendo relações entre eles em um uso específico da língua, as expressões lexicalizadas. Esta relação é de suma importância para a transcrição dos sentidos das expressões não dicionarizadas. Assim, justifica a obra selecionada por ser um romance regional que abarque elementos culturais, identitários e linguísticos em um tecer de palavras e expressões que materializam tanto o léxico comum a língua portuguesa como o específico da região centro-oeste.

Em sua organização, o presente trabalho está estruturado em quatro capítulos, fora a introdução, considerações finais e anexos. A princípio foram ressaltados definições, exemplificações e diálogos entres os pesquisadores e teorias que enlaçam os estudos linguísticos e culturais com a obra *Pium*. No segundo momento apresentamos a seleção, organização e sistematização do *corpus*. O terceiro é composto pelas fichas lexicográficas e o quarto, o glossário da obra.

A pesquisa encontra sustentação no conceito de lexicalização usado por Coelho (2005), compreendido como o processo em que um conjunto de lexias simples se organiza sintaticamente e passa a compor um unidade lexical hierarquicamente superior. Logo os sintagmas, isto é, as expressões passam a ser fixadas e entendidas no todo. E assim, estes sintagmas se cristalizam pelo frequente uso, não podendo ser analisado isoladamente.

A alta frequência das unidades lexicalizadas pelos falantes de uma comunidade provoca a inserção e a permanência delas no acervo lexical dos usuários. Diante disso, sempre há uma renovação no léxico, palavras e expressões caem em desuso, sendo excluídas do falar da comunidade, novas palavras e expressões são inventadas, ou novos significados são direcionados a antigos significantes. Como isso, percebe-se que o acervo lexical de um povo pode sofrer influências sociais, históricas, geográficas e culturais.

Dentro deste contexto, são observadas 223 expressões lexicalizadas da obra, 96 dicionarizadas, sendo 39 no Houaiss, 22 no Ortêncio, 35 no Houaiss e Ortêncio e 127

não dicionarizadas. Percebe-se que grande parte das expressões que aparecem no Houaiss são locuções como “**À Beça**” (BP-24), “**À custa de**” (BP-23) e “**Á frente**” (BP-12 e 24). Enquanto a maior parte das expressões encontradas no Ortêncio são unidades memorizadas com sentido metafórico, muitas sendo referida como “sabedoria popular” como “**Cada louco tem sua mania**” (BP-62), “**Chupar o dedo**” (BP-10) e “**Diabo de saia**” (BP-52).

As expressões não encontradas nos dicionários podem ocupar três campos: primeiro, das expressões conhecidas na época e atualmente, porém que não são dicionarizadas como “**A casa é sua**” (BP-81), “**Dar graças a deus**” (BP-53), “**Feito praga**” (BP-17). Segundo, das expressões que para serem entendidas necessita do contexto, como “**Biscoito de sêbo!**” (BP-118), “**Na batata**” (BP-08) e “**Nariz de sino**” (BP-13). E por último o campo de expressões que precisam de um contexto extralinguístico, pois instiga a pensar que são expressões inventadas pelo autor da obra como “**Ter língua de sapo**” (BP- 33).

As expressões dicionarizadas ocupam dois campos, das expressões que são entendidas e usadas atualmente como: “**Abrir o bico**” (BP-82), “**Bate-papo**” (BP-83) e “**Bom de garfo**” (BP-47) e das expressões que são dicionarizadas, porém não são usadas atualmente, como “**Sem tugar nem mugir**” (BP- 08), “**De colher**” (BP- 07) e “**Casar na igreja verde**” (BP-10).

Diante disso, sejam dicionarizadas ou não, ambas abarcam uma carga lexicocultural que arquiva o saber geográfico, histórico, identitário da época. Para tanto, a consulta aos dicionários datados em 2009, validos e auxilia na organização e sistematização das expressões.

Assim, a distribuição das expressões nas fichas lexicográficas permite a visualização e pré-organização do glossário, alvo principal. As fichas lexicográficas assim como o glossário abarcam as expressões, as abonações e a/as definiç(ões) do dicionário. Por meio destas, percebe-se se os sentidos são dicionarizados ou não. Já o glossário, de forma bem ampla apresenta expressões lexicalizadas do *corpus*. Com os dados organizados em verbetes o glossário apresenta as definições dos dicionários e quando não dicionarizada, aparece N/D seguida da definição. O glossário, assim como *Pium*, tecido por fios culturais, identitários e lexicais, pretende aglutinar tradições, heranças, histórias e variações linguísticas, buscando organizar e arquivar o léxico de uma obra. Além de registrar o acervo lexical do romance, teve o intuito em resgatar os aspectos culturais e identitários da época.

A relação entre cultura, identidade e linguagem é apresentada com fundamentação nos estudiosos, como Almeida (1985), Godoy (1997), Polonial (2006), Martinez (2002), Basílio (2002), Coelho (2005; 2006 a, b), Lyons (1987), Eagleton (2011), Chauí (2001), Albuquerque Junior (2007 a, b), Hall (2001), Bauman (2004), Biderman (1984; 2001a, b), Française Gadet (1971), Cardoso (2006), Santos (2006), Antunes (2012), Gonçalves (1977), Vilela (1994; 1995), Sapir (1969), Paula (2007), Farias (2007), Coroa (2011), Silva (2010), Sandman (1997). Tais estudiosos salientam que a língua é um componente social, cultural e identitário, sendo compreendida, modificada e reformulada dentro da comunidade.

Sob esta perspectiva percebe-se que a língua não é inata, mas adquirida em sociedade. O indivíduo se serve de amplo acervo lexical comum ao seu grupo. O presente trabalho discute sobre os fios que tecem os significados das expressões lexicalizadas, resultando em um trabalho lexicológico e lexicográfico, que alcança o seu objetivo principal- a elaboração de um glossário para facilitar a leitura do romance, explicitando e clareando a compreensão dos sentidos das expressões lexicalizadas.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Fragmentos do discurso cultural: por uma análise crítica do discurso sobre a cultura no Brasil**. In: NUSSBAUMER, Gisele Marchiori (org.) Teorias e políticas da cultura: visões: EDUFBA, 2007, p.13-23(a).
- _____. **Identidad como construcción pública**. Disponível em http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/segunda_remissa/identidade_como_construcao_publica.pdf. Acesso em 18 dez. 2012b.
- ALMEIDA, Nelly Alves de. **Presença literária de Eli Brasileira**. Goiânia: UCG. 1985.
- ANTUNES, Irandé. **O território das palavras: estudo do léxico em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BALLY, C. **Traité de stylistique française**. 3.ed. Paris: Klincksieck, 1961.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BASÍLIO, Margarida. **Teoria Lexical**. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. **A ciência da lexicografia**. Alfa, São Paulo, 28 (supl.), p.01-26, 1984.
- _____. **Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.
- _____. As ciências do Léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires e ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs). **As Ciências do Léxico**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001b, p.13-22.
- BRASILIANSE, Eli. **Pium**. 4º ed. Goiânia: Livraria Editora Cultura Goiana, 1985.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (eds.). Diatopia e diastratia no português do Brasil: Prevalência ou convivência? In: **Quinhentos anos de história linguística do Brasil**. Salvador: Fundo de Cultura da Bahia, 2006, p. 359-380.
- CASARES, Julio. **Introducción a la lexicografía moderna**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1950. p.354.
- CHAUI, M. **Convite a Filosofia**. São Paulo: 12ª Ed Editora Ática, 2001.
- COELHO, Braz José. **Procedimentos de lexicalização- formação de palavras e expressões lexicalizadas na obra de Carmo Bernardes**. 2005. 223p. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa)- Universidade Paulista. Araraquara. 2005.

- _____. **Linguagem: conceitos básicos.** Goiânia: Trilhas Urbanas, 2006a.
- _____. **Estrutura e funcionamento da língua portuguesa.** Goiânia: Trilhas Urbanas, 2006b.
- _____. **Linguagem** – lexicologia e ensino de português. Catalão: Modelo, 2008.
- COROA, Maria Luiza. **Para que serve um dicionário?** In: CARVALHO, O. L. S.; BAGNO, M. (orgs.) *Dicionários Escolares: políticas, formas e usos.* São Paulo: Parábola, 2011, pp.61-72.
- DUARTE, Sirlene. A noção de norma linguística segundo Eugênio Coseriu. In: **Linguagem estudos e pesquisas.** Catalão: Vols. 2-3, 2001.
- DUBOIS, Jean. et al. **Dicionário de Linguística.** São Paulo: Editora Cultrix, 1973.
- EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura.** Tradução Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- FARIAS, Emília Maria Peixoto. **Uma breve história do fazer lexicográfico.** Revista Trama, Vol. 3, Num. 5, 2007. Paraná: Unioeste, p. 89-98.
- GADET, Françoise. **Recherches récentes sur les variations sociales de la langue.** Langue Française. Paris, 1971.
- GODOY, José Garcia. **Aprendiz de feiticeiro.** Brasília: Thesaurus, 1997.
- GONÇALVES, Ângela Jungmann. **Lexicologia e Ensino do léxico.** Brasília: Thesaurus editora, 1977.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 103 p. Título original: The question of cultural identity.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- LEITE, Marli Quadros. Aspectos de uma língua na cidade: Marcas da transformação social no léxico. In: PRETI, Dino (org). **Léxico na língua oral e na escrita.** São Paulo: FFLCH/ USP, 2003.
- LYONS, Jonh. **Lingua(gem) e Linguística: uma introdução.** Tradução de Marilda Winkler Averbug e Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: Guanabara, LTC, 1987.
- MARTINEZ, T. Calvo. **Filosofia** - Serie Razón y Ser. 1º Bachillerato. Madrid: Anaya, (2002).

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Volumes 1. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1936.

ORTÊNCIO, Waldomiro Bariani. **Dicionário do Brasil Central**: subsídios à Filologia. São Paulo: Ática, 2009.

PAULA, Maria Helena de. **Rastros de velhos falares** – léxico e cultura em formas arcaicas no vernáculo catalano. 2007. 521 fl. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Araraquara-SP, 2007.

POLONIAL, Juscelino Martins. **Terra do Anhaguera**: História de Goiás. Goiânia: Editora Kelps, Leart Editora, 2006.

POTTIER, Bernard. Presentación de la lingüística: fundamentos de una teoría. Trad. de Antonio Quilis. Madrid: Alcalá, 1968.

PRETI, Dino. **Sociolinguística**: os níveis de fala. São Paulo; Companhia Editoria Nacional, 1974.

_____. Variação lexical e prestígio social das palavras. In: PRETI, Dino (org). **Léxico na língua oral e na escrita**. São Paulo: FFLCH/ USP, 2003.

SANDMAN, Antônio José. Morfologia lexical x morfologia flexional. In: **Morfologia Geral**. São Paulo: Contexto, 2007.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: EDUSP, 2006.

SAPIR, Edward. Língua e ambiente. In: SAPIR, Edward. **Linguística como ciência**. Tradução de J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 2.ed. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1970.

SILVA, Luana Duarte. **De vozes e tambores**: uma proposta de Glossário das Congadas de Catalão-GO. 2010. 93 f. Monografia (Especialização em Letras) –Universidade Federal de Goiás, Câmpus Catalão. 2010.

SILVA, Tomas Tadeu da. (org.). **Identidade e diferença** – a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

VAZ, Coelho. **Academia Goiana de Letras**. Goiânia: Kelps, 2008.624p.

VILELA, Mário. **Estudos de Lexicologia do Português**, Coimbra, Almedina, 1994;

_____. Mário. O léxico do português: perspectivação geral. In: _____. **Léxico e Gramática**: Léxico, dicionário e gramática. Coimbra: Almedina, 1995. p. 13-33.

<http://saletecienciashumanas.blogspot.com.br/2010/08/adailtonguilherme-t203.html>>.

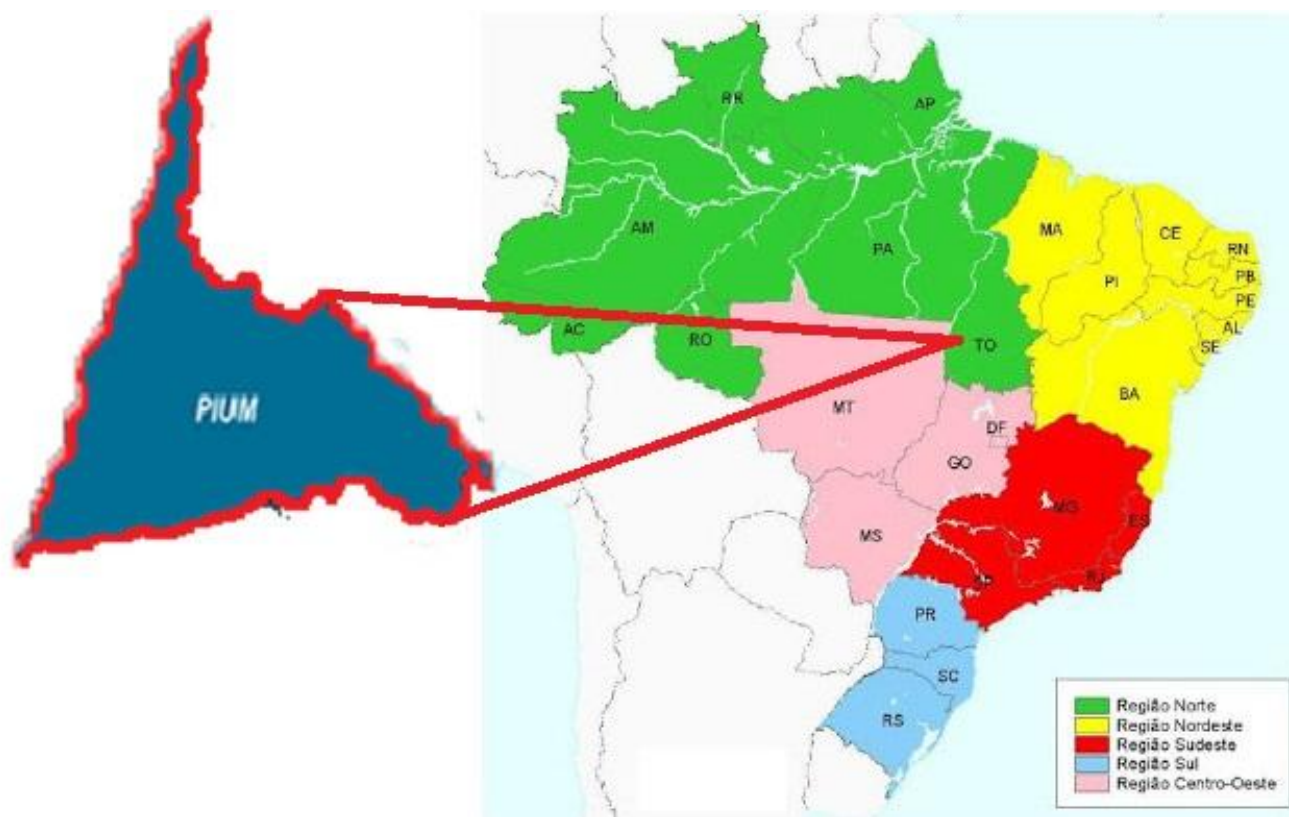
Acesso em: 16/12/2012.

<http://www.defensoria.to.gov.br/DefensoriaEstado.aspx>>. Acesso em: 16/12/2012.

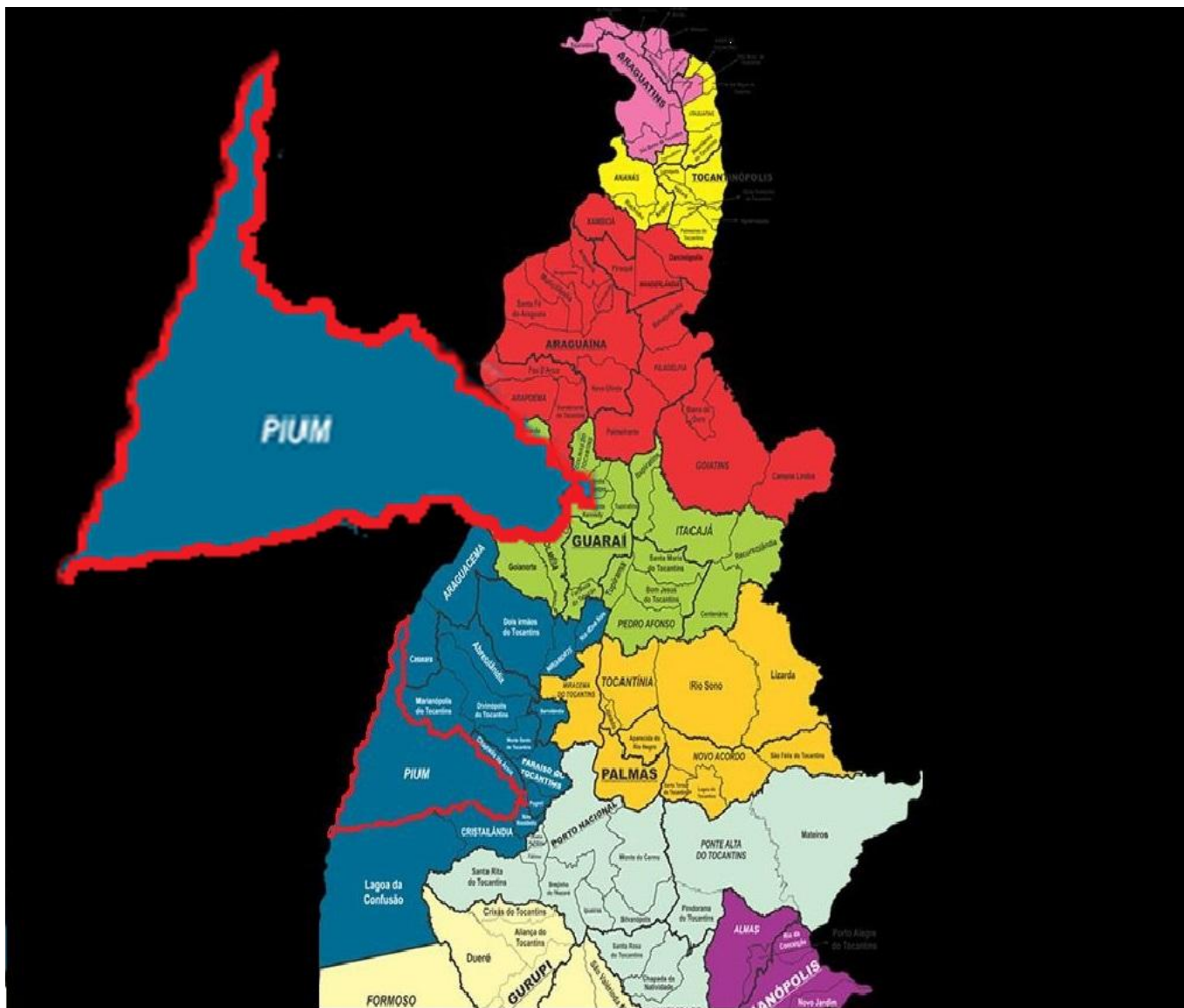
ANEXOS



Mapa.1 <http://saletecienciashumanas.blogspot.com.br/2010/08/adailtonguilherme-t203.html>>. Acesso em: 16/12/2012 (Adaptado).



Mapa.2. <http://ozailtonmelo.blogspot.com.br/2013/01/ibge-atualiza-area-oficial-de.html>
>. Acesso em: 29/04/2013 (Adaptado).



Mapa.3.<http://www.defensoria.to.gov.br/DefensoriaEstado.aspx> . Acesso em: 16/12/2012 (Adaptado).